Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Faculdade de Educação

Patricia Vianna Lacerda de Almeida

Crônicas de Cecília Meireles: leitura e literatura em prol da renovação educacional (1930-1933)

Rio de Janeiro

2014

Patricia Vianna Lacerda de Almeida

Crônicas de Cecília Meireles: Leitura e Literatura em Prol da Renovação Educacional (1930-1933)

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Orientadora: Profª Dra. Márcia Cabral da Silva

Rio de Janeiro

2014

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CEH/A

A447 Almeida, Patricia Vianna Lacerda de.
Crônicas de Cecília Meireles: leitura e literatura em prol da renovação educacional (1930-1933) / Patricia Vianna Lacerda de Almeida. – 2014.
157 f.

Orientadora: Márcia Cabral da Silva.
Tese (Doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Educação.

1. Meireles, Cecília, 1901-1964 – Teses. 2. Leitura – Teses. 3. Literatura – Estudo e ensino – Teses. I. Silva, Márcia Cabral da. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Educação. III. Título.

es CDU 37:821.134.3(81)

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação.

_____ _____
Assinatura Data

Patricia Vianna Lacerda de Almeida

Crônicas de Cecília Meireles: leitura e literatura em prol da renovação educacional (1930-1933)

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Aprovada em 21 de julho de 2014.

Banca Examinadora:

_____
Profª. Dra. Márcia Cabral da Silva (Orientadora)
Faculdade de Educação - UERJ

_____
Profª. Dra. Ana Chrystina Venancio Mignot
Faculdade de Educação - UERJ

_____
Profª. Dra. Maria Teresa Santos Cunha
Universidade do Estado de Santa Catarina

_____
Profª. Dra. Sônia Camara de Oliveira Rangel
Faculdade de Educação - UERJ

_____
Profª. Dra. Estela Natalina Mantovani Bertoletti
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul

Rio de Janeiro
2014

DEDICATÓRIA

Para Luiz, pelo constante incentivo e apoio incondicional; para Clara, pela paciência, ajuda e ensinamentos de filha. E para Alda Silva (*in memoriam*) que, apesar da ausência, sempre foi a grande incentivadora da continuidade dos meus estudos.

AGRADECIMENTOS

Em um momento especial como esse, gostaria de agradecer ao meu amado companheiro, Luiz, sempre ao meu lado, me dando forças para continuar e me fazendo acreditar que posso mais do que imagino. Obrigada pelo acolhimento afetivo e intelectual.

À minha querida filha Clara, que, com sua amizade, alegria e compreensão, me inspira a querer ser mais. Obrigada pelo amor e carinho!

À minha querida orientadora, professora Márcia, que acreditou em meu potencial. Sempre disponível e disposta a ajudar. Agradeço pela atenção e o carinho dispensados durante esses dois anos de trabalho árduo. Sem você, eu não seria a pesquisadora de hoje. Você foi e será referência profissional para o meu crescimento. Obrigada por estar ao meu lado e acreditar em mim.

Às meninas do grupo de pesquisa Infância, Juventude, Leitura, Escrita e Educação – Ana Carol, Tamires, Carla, Mariana, Gabrielle, Aline, Lorena, Jenifer, Jéssica – agradeço as contribuições e críticas pertinentes durante o desenvolvimento do meu trabalho. Obrigada por dividir comigo as angústias e alegrias e ouvirem minhas bobagens. Muito bom poder partilhar conhecimento e afeto com a juventude feminina.

Também agradeço às professoras integrantes da banca examinadora, Ana Chrystina Mignot e Maria Teresa Cunha, pela disponibilidade de leitura e de apreciação desta pesquisa. Obrigada, professora Ana Mignot, pela orientação concedida nas aulas do curso em 2013 e, principalmente, por me apontar o redirecionamento deste trabalho no momento do exame de Qualificação. Também agradeço às professoras Sônia Camara e Estela Bertoletti pela disponibilidade de contribuir para a minha formação.

Agradeço aos meus colegas de trabalho, professores e direção do Ciep 120 Monteiro Lobato, pelo incentivo e pelo companheirismo. Trabalhar com essa equipe é recompensador! Gostaria de agradecer também à Secretaria Municipal de Educação de Duque de Caxias, pela concessão da licença remunerada durante o período 2012-2014.

Agradeço também ao CNPQ pelo apoio financeiro para a realização desta Dissertação.

A parte mais bela da ideologia dos homens de hoje é aquela que, apelando para os seus sentimentos de humanidade, faz com que eles vejam a vida como uma forma de solidariedade geral de todas as criaturas. Essa visão lhes impede qualquer atuação inoportuna sobre os seus semelhantes; dá-lhes a compreensão do seu devido lugar, em relação à totalidade do mundo; e, pelo conjunto de aptidões, que lhes desenvolve, de medir convenientemente essas proporções, oferece-lhes, em síntese clara, a noção de suas responsabilidades, a consciência dos seus limites, a expressão das suas atitudes

Meireles, 25/9/1930.

Há uma coincidência humana, interior e profunda, em todas as grandes vidas de todos os tempos. Isso faz a nossa unidade. É por esse caminho oculto que nos comunicamos e nos compreendemos, que nos reconhecemos a nós mesmos, e podemos tentar entre tantos destinos, o nosso destino também

Meireles, 9/11/1932

RESUMO

ALMEIDA, Patricia Vianna Lacerda de. *Crônicas de Cecília Meireles*: Leitura e Literatura em Prol da Renovação Educacional (1930-1933). 153 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

Esta dissertação, resultado de uma pesquisa histórica, busca contribuir para o campo da História da Educação. O *corpus* documental desta pesquisa, tratado como fonte e objeto da investigação, são as crônicas de Cecília Meireles, publicadas diariamente na Página de Educação, do jornal *Diário de Notícias*, durante os anos de 1930 a 1933, na cidade do Rio de Janeiro. A consulta ao acervo indicado foi realizada por meio da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Inserimo-nos no campo da História da Educação e aproximamo-nos do campo da História Cultural e da História da Leitura a fim de desenvolver esta pesquisa que pretende problematizar os vestígios das leituras de Cecília Meireles, que estão presentes em suas crônicas e, algumas vezes, na Página como um todo, em forma de artigos ou resenhas especialmente escritos para o jornal. Cecília trazia para essa seção que dirigiu uma forte influência literária, com referências explícitas a autores e obras. Verificam-se, pois, as afinidades entre Cecília e os autores das leituras que fazia, haja vista a preocupação da cronista-educadora com a solidariedade, a cooperação e a fraternidade entre os seres humanos, integrando o nacional ao universal, também expressa nos seus textos do jornal. Esse sentimento de elevação espiritual fazia-se presente na literatura da época, devido às crises desencadeadas no período pós-guerra. Quais seriam, então, suas leituras? Como pode ter ocorrido sua formação como leitora? E de que modo esses textos lidos podem ter influenciado sua escrita, principalmente a produção sobre Educação no jornal nos anos 1930? Para além dessas marcas textuais, problematizamos também as confluências entre os discursos literário e jornalístico e a consequente atuação destes enunciados como instrumentos de educação, na medida em que podem agir na formação intelectual e afetiva dos indivíduos.

Palavras-Chave: Cecília Meireles. Práticas de Leitura. Escola Nova. Crônica. Literatura. Educação. Imprensa.

ABSTRACT

ALMEIDA, Patricia Vianna Lacerda de. *Chronicles of Cecilia Meireles*: Reading and Literature in favor of the Educational Reform (1930-1933). 153 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

This dissertation is the result of a historical research, which aims to contribute to the field of History of Education. The main documentary *corpus* of this research, treated as the source and the object of the investigation, are the chronicles of the author Cecilia Meireles published daily in the Education Section of the newspaper *Diário de Notícias*, from 1930 to 1933, in the city of Rio de Janeiro. The analysis of these documents was performed through the Digital Newspaper Collection of Biblioteca Nacional – the National Library in Rio. This study falls into the field of History of Education and approaches the field of Cultural History and the History of Reading, as we aim to analyze traces of the material that informed Cecilia Meireles's writings, which are present in her chronicles and, sometimes, in the Educational Sectional as a whole, in the form of articles or reviews written especially for the newspaper. Cecilia brought a strong literary influence to the Educational Section which she used to run, with explicit references to authors and literary works. Therefore, we can clearly notice the affinity Cecilia Meireles had with the authors she used to read, given her concern with solidarity, cooperation and brotherhood among human beings, integrating the national into the universal. This sense of spiritual elevation was generally present in the literature of her time, due to the crisis triggered by the postwar period. What then was she reading? How may she have developed as a reader? And how did the texts she read may have influenced her writing, mainly the Educational production in the newspaper in the 1930s? Beyond these textual markers, we also problematize the confluence of literary and journalistic discourses and their consequent role as a tool of education, in the sense that they act in the intellectual and emotional development of the individual.

Keywords: Cecília Meireles. Reading Practices. New School. Chronicle. Literature. Education. Press.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Capa do livro Marta y Jorge..... 37

Figura 2 - Expediente de aprovação da obra como livro de texto para o terceiro ano das escolas primárias, 1927..... 38

Figura 3 - Capa do livro Kwaidan..... 53

Figura 4 - Capa do livro Contos de Fada Japoneses..... 53

Figura 5 - Tese apresentada ao concurso da Cadeira de Literatura da Escola Normal do Distrito Federal em 1930..... 82

Figura 6 - Diário de Notícias, 15/1/1931, 1ª página..... 93

Figura 7 - Diário de Notícias, 26/10/1930, 1ª página..... 94

Figura 8 - Diário de Notícias, 10/5/1932, p. 5..... 96

Figura 9 - Diário de Notícias, 23/2/1931, p. 8..... 96

Figura 10 - "As Escolas Primárias vão ter cinematógrafos!" - Diário de Notícias, 15/2/1932, 1ª página..... 100

Figura 11 - Diário de Notícias, 22/4/1932, 1ª página..... 110

Figura 12 - O Espirito Victorioso, 1929, p. 97..... 113

Figura 13 - Capa de O Paiz, 2/12/1916..... 114

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO.....	11
1	**VESTÍGIOS DE LEITURA E DE LITERATURA NA FORMAÇÃO DE CECÍLIA MEIRELES**.....	17
1.1	**A leitura em seus textos**.....	22
1.1.1	O contexto das crônicas.....	22
1.2	**Vestígios de leitura em sua escrita**.....	31
1.2.1	Man Cesped e Selma Lagerlöf.....	33
1.2.2	Panait Istrati.....	34
1.2.3	Constancio Cecilio Vigil.....	36
1.2.4	As Fábulas.....	39
1.2.5	Johann Wolfgang von Goethe.....	44
1.2.6	O Oriente presente nas crônicas.....	52
1.2.6.1	Lafcadio Hearn.....	52
2	**A OBRA DE EDUCAÇÃO – TRANSFORMAR OS HOMENS E MUDAR O RUMO DOS SENTIMENTOS E DAS EMOÇÕES**.....	58
2.1	**Obra Educacional – Obra de Fraternização Humana**.....	58
2.1.1	Infância – “A Sementeira de Novas Humanidades”.....	59
2.1.2	Reforma Educacional – “Obra Imensa de Civilização Humana”.....	61
2.1.3	Renovação Educacional – “Sonho Criador e Realidade Ativa”.....	67
2.1.4	“Participação ativa da vida em conjunto. Afetuosa vigilância.”.....	70
2.2	**Literatura e Educação**.....	76
2.2.1	O encantamento da arte – a poesia que educa.....	78
2.2.2	O sonho como elemento poético indispensável à educação.....	82
3	**A CRENÇA NA PALAVRA IMPRESSA**.....	92
3.1	**A imprensa no cenário da modernidade dos anos de 1930**.....	92
3.2	**Imprensa e Educação**.....	102
3.3	**Sensacionalismo Impresso**.....	109
3.4	**Imprensa e Literatura**.....	119
	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	133
	REFERÊNCIAS.....	136

APÊNDICE - Corpus formado por crônicas e autores e obras citados (1930-1933)..... 151

INTRODUÇÃO

> Na verdade, eu sei mesmo. Mas não é só para brincar que estou escrevendo, não. É para ver se, com este ar de quem brinca, sou capaz de fazer pensar os que não gostam de refletir a sério, e estão sempre olhando para a vida com a despreocupação de quem não tem nada com ela... De quem está do outro lado, cuidando de si, apenas... E achando até que já é fazer demais... (MEIRELES, 6/3/1932)

Ao me aproximar do grupo de pesquisa Infância, Juventude, Leitura, Escrita e Educação, coordenado pela professora doutora Márcia Cabral da Silva, pude conhecer o trabalho de Cecília Meireles no jornal *Diário de Notícias*. A novidade para mim deveu-se ao fato de minha formação em Letras ter possibilitado somente o conhecimento da sua obra poética. Contudo, convém salientar que suas crônicas sobre Educação somente vieram a público em 2001, com o advento do centenário de nascimento da poetisa, por meio dos cinco volumes intitulados *Crônicas de Educação* (MEIRELES, 2011)[1]. O que tem facilitado, desde então, o acesso aos textos. Para a presente pesquisa, todavia, a leitura se deu através da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, visto que todos os números do jornal *Diário de Notícias* estão digitalizados nesse banco de dados.

Em virtude da disponibilização das crônicas, preocupamo-nos em nos situar na dinâmica da produção de pesquisas no âmbito da História da Educação, embora reconheçamos não ser possível dimensionar toda a produção e divulgação das mesmas. Desse modo, tomamos como referência os anais dos Congressos Brasileiros de História da Educação, realizados nos últimos sete anos[2]. Pois, ao congregarem pesquisadores de diversas regiões do país, podem nos permitir uma percepção mais abrangente acerca das produções.

No III CBHE, realizado em 2004, não há artigos apresentados sobre Cecília Meireles. No IV CBHE, em 2006, há dois artigos (STRANG, 2006; FERREIRA; ROCHA, 2006) apresentados que trazem a discussão acerca das crônicas jornalísticas de Cecília. No V CBHE, de 2008, há novamente dois artigos (MORAES, 2008; VASQUES, 2008) sobre Cecília, de outros autores, que, todavia, não tratam das crônicas jornalísticas. No VI CBHE, em 2011, são

---

[1] Seleção preliminar de crônicas, distribuídas em núcleos temáticos. Os quatro volumes contêm crônicas do jornal *Diário de Notícias*. O quinto volume reúne as crônicas publicadas no jornal *A Manhã*, de 1941 a 1943.

[2] Importante destacar que nos referimos somente aos sete anos, devido à impossibilidade de localizar, por meio virtual, os anais dos Congressos realizados nos anos de 2000 e 2002. Assim, nosso ponto de partida é o III CBHE, realizado em 2004.

três os trabalhos (STRANG; SIMÃO, 2011; FERREIRA, 2011; FERREIRA, 2011) apresentados que tematizam a escrita jornalística de Cecília Meireles. Por último, no VII CBHE, realizado em 2013, há somente um artigo, de minha autoria.

Outrossim, buscamos localizar os trabalhos publicados nos Congressos Luso-Brasileiros. Infelizmente, não foi possível localizar, pelos meios virtuais, os anais dos respectivos Congressos. À exceção do IX COLUBHE, realizado em 2012, no qual há três artigos apresentados que têm como tema Cecília Meireles (FERREIRA; FARIA; PINHO, 2012; LOBO, 2012; STRANG; SIMÃO; 2012).

No sentido de obter um panorama das pesquisas acadêmicas concluídas, na área de Educação, procuramos o Banco de Teses e Dissertações da CAPES. No entanto, a nova versão desse arquivo conta somente com registros de Teses e Dissertações defendidas do ano de 2005 até o ano de 2012. Dessa forma, foi possível localizar quatro Dissertações de Mestrado e duas Teses de Doutorado (CARVALHO, 2006; MORAES, 2007; FERREIRA, 2007; FERNANDES, 2008; PIMENTA, 2008; SENA, 2010). Observamos que apenas uma pesquisa trata das crônicas do jornal, com ênfase na infância. Em adição, ao realizarmos buscas em outros sites, não oficiais, assim como nos Currículos Lattes dos professores orientadores, encontramos quatro pesquisas na área de Educação. Dentre essas, três (CORREA, 2001; STRANG, 2003; ROBERTO, 2013)[3] trabalham diretamente com as crônicas publicadas em jornal.

Pelo levantamento das pesquisas realizadas, podemos observar que o interesse dessas incide, em sua maioria, em problematizar o discurso educacional de Cecília Meireles nas crônicas. Nessas estão marcadamente presentes as reflexões acerca de educação, infância, incluindo sua trajetória intelectual. Nota-se, no entanto, que não encontramos registro de pesquisas sobre a presença da literatura no seu discurso jornalístico.

Chamamos a atenção, por conseguinte, para a necessidade de voltar nosso olhar para a conjunção desses discursos na construção do seu ideário. Portanto, a escolha das crônicas jornalísticas de Cecília Meireles como *corpus* desta dissertação teve motivações diversas. Entre elas, sua atuação no campo da imprensa, como educadora e defensora dos seus ideais.

À medida que a leitura avançava, a questão de pesquisa ia se desenhando mais claramente. Foi possível perceber o posicionamento de Cecília não só em relação à educação mas também às relações humanas. Logo de início, duas questões surgiram: De que modo

[3] A quarta pesquisa encontrada é de Pimenta (2001).

Cecília teria contribuído para o movimento de renovação educacional? Que elementos sua escrita apresenta para essa contribuição?

A análise das crônicas permite, sobretudo, apreender alguns vestígios relevantes. A autora abordava, na *Página de Educação*, além de assuntos educacionais, aspectos relativos à valorização da arte e da cultura na escola e na sociedade em geral. O que se destacava, ao meu olhar, era a articulação dos conteúdos construída também por meio dos seus conhecimentos literários. A sua defesa em prol da renovação educacional vai se delineando com inúmeras citações literárias. Mais precisamente, das 774 crônicas publicadas, 165 contêm referências a autores e obras literárias e/ou filosóficas (Ver a esse respeito a tabela, ao final, em "Apêndice").

Mobilizada por essas questões, formulei a hipótese central desta dissertação: a de que os vestígios literários encontrados, conjugados à sua escrita jornalística, poderiam nos dar pistas da sua formação intelectual consolidada por meio da leitura e de sua defesa a respeito da renovação educacional. Nesse sentido, tomamos como referência os estudos sobre práticas de leitura de Chartier (2011), segundo os quais torna-se necessário reconhecer que os elementos estruturais dos textos são capazes de funcionar tanto como protocolos de autoria quanto de edição. Ou seja, embora os estudos de leitura remetam a circunstâncias e usos em que a sua prática se constrói, a ideia subjacente é a de que a pragmática em que se inserem seja constitutiva do produto cultural, e não elemento exterior.

Entendemos, conforme propõe Chartier, a leitura como uma prática social. Pois o sujeito leitor é um indivíduo considerado no conjunto das suas relações sociais, situado em uma determinada realidade, possuindo uma historicidade que inclui suas experiências acumuladas ao longo da vivência, consideradas aqui tanto as leituras passadas como as presentes.

A significação da leitura está, assim, relacionada diretamente às experiências que o indivíduo possui e estas, por sua vez, são condicionadas pelas ofertas da sociedade. Portanto, a leitura não pode se realizar desvinculada da realidade concreta e fora do conjunto das relações sociais nas quais o indivíduo está inserido. Dessa maneira, quanto mais experiências de leitura a sociedade oferecer ao indivíduo, tanto mais leituras ele terá vivenciado. Para que a leitura se converta em um processo ativo de conhecimento, que resulte em outras leituras possíveis a partir do lido, é indispensável que se veja nela uma atividade vinculada à prática social do indivíduo e interligada à sua realidade concreta. Chartier (2010, p. 36) acrescenta

que, a partir de uma leitura cultural das obras, as formas como são lidas, ouvidas ou vistas também participam da construção de seu significado.

Contudo, devido ao escopo da presente pesquisa, não seria possível analisar detalhadamente todas as crônicas em que aparecem as citações de autores e de obras literárias. Selecionamos, então, para a análise dos dados, os textos de maior relevância e pertinência no que se refere às discussões dos temas relacionados à literatura e à educação. Por uma necessidade de recorte, sem desconsiderar as outras produções sobre o tema pela poetisa, visamos mostrar a contribuição de Cecília Meireles para a construção de um projeto educacional cooperativo e de fraternidade por meio das crônicas publicadas no período de 1930 a 1933.

Necessário registrar que adotamos como delimitação temporal o período de 1930 a 1933. Primeiro por se tratar do espaço de tempo em que a poeta trabalhou no jornal *Diário de Notícias*. Ademais, trata-se de um período marcado por mudanças políticas e sociais relevantes. Depois da Primeira Guerra, houve no Brasil uma progressiva mudança na configuração da organização sócio-cultural e o enfraquecimento da sociedade agrária. Dessa forma, segundo o ideário dos dirigentes, era necessário vencer os estigmas do atraso e do passado. Conforme Cury (1984, p. 10), a Revolução de Trinta e os esforços de reconstrução nacional possibilitaram amplos debates em todas as esferas da realidade brasileira, inclusive apaixonados, no campo da educação.

Consideramos que Cecília participou ativamente dos debates. Através da dualidade do sensível e do conceitual, marca frequente das suas crônicas, é possível perceber seus modos de ler o mundo e os textos literários. Apresentava uma visão humanista ampla; a poesia representava um espaço de liberdade e autonomia, por meio da qual a humanidade poderia se congraçar.

A literatura ganha, assim, uma outra dimensão e passa a ser esteio para a educação. Pois formaria o homem com o conhecimento e o ajudaria a elaborar seus sentimentos e emoções, emancipando-o. O equilíbrio e a fraternidade dependeriam, portanto, do conhecimento, que deveria caminhar junto com a sensibilidade. Esse projeto de sensibilidade, conhecimento e emoção cumpria seu papel humanizador na obra educacional.

No caso desta dissertação, procurou-se privilegiar a confluência dos discursos jornalístico e literário de Cecília Meireles. A contribuição que se busca trazer diz respeito tanto ao espaço e aos atores quanto à abordagem escolhida. Procuramos captar a dinâmica dessa articulação a partir das suas crônicas e também com exemplos de outros cronistas do

início do século. Sem perder de vista, para a pesquisa, a formação intelectual e a posição ocupada por Cecília Meireles em sua época.

Para alcançar os objetivos propostos nesta dissertação, no primeiro capítulo, *Vestígios de Leitura e de Literatura na Formação de Cecília Meireles*, realizamos o mapeamento das referências literárias presentes em suas crônicas. Examinamos detalhadamente os autores que mais se destacam nos Comentários da autora: desde os infanto-juvenis, assim como narradores engajados como Panait Istrati, as fábulas, Goethe, presente em sete crônicas, a fim de verificarmos as afinidades com o ideário de Cecília. Na sequência, pudemos constatar sua formação como uma leitora plural, assim como as apropriações das leituras realizadas, que nos conduzem, em certa medida, como orientação de leitura e de análise de suas crônicas.

No segundo capítulo, intitulado *A Obra de Educação – Transformar os Homens e Mudar o Rumo dos Sentimentos e das Emoções*, realizamos um levantamento acerca da visão de Cecília sobre as possibilidades da Renovação Educacional. Desde a infância era necessário eximir-se de entraves a uma formação total, humana e fraterna. Identificamos a defesa de um humanismo universalizador de valores, a fim de formar ética e esteticamente os indivíduos. Para isso, buscamos uma definição de literatura que contemplasse a visão de Cecília acerca de uma educação estética. Conforme Candido (2004), a literatura humaniza na medida em que enriquece o conhecimento, mas também afina os sentimentos e capacita os indivíduos para a compreensão do mundo e do seu semelhante.

O terceiro capítulo da dissertação é intitulado *A Crença na Palavra Impressa*. Nele examinamos transformações ocorridas na imprensa no início do século XX. Por meio do universo jornalístico, matizamos o período designado como de desenvolvimento, analisando as transformações técnicas e as relações dos jornais com o poder, pois o entendemos como arena de lutas políticas no período. Na leitura das crônicas de Cecília, podemos perceber uma intensa relação entre literatura e jornalismo. Portanto, foi necessário discutir a associação dessas duas esferas de pensamento, principalmente pelo fato de o material de análise permitir a reflexão sobre temas relevantes como Educação e Literatura pela ótica da autora.

A crônica, como gênero textual, pode ser considerada polêmica por ter transitado entre o jornalismo e a literatura. Desse modo, foi necessário o exame crítico sobre as origens e o papel da crônica na imprensa e na literatura. Assim como também foi relevante refletir sobre a posição do gênero crônica no campo literário e sua relação com o campo jornalístico. A partir dessa abordagem, foi possível traçar o contexto histórico em que as crônicas foram produzidas. Além de considerar a análise de alguns estudiosos do gênero, tornou-se

imprescindível considerar a opinião da poetisa sobre a influência da imprensa na formação social e cultural da sua época, assim como sobre a responsabilidade dos que escreviam nas páginas dos jornais. O jornal era visto por Cecília como instrumento de e para a cultura.

1 VESTÍGIOS DE LEITURA E DE LITERATURA NA FORMAÇÃO DE CECÍLIA MEIRELES

> Quando Lucia Peláez era pequena, leu um romance escondida. Leu aos pedaços, noite após noite ocultando o livro debaixo do travesseiro. Lucia tinha roubado o romance da biblioteca de cedro onde seu tio guardava os livros preferidos.
>
> Muito caminhou Lucia, enquanto passavam-se os anos. Na busca de fantasmas caminhou pelos rochedos sobre o rio Antióquia, e na busca de gente caminhou pelas ruas das cidades violentas.
>
> Muito caminhou Lucia, e ao longo de seu caminhar ia sempre acompanhada pelos ecos daquelas vozes distantes que ela tinha escutado, com seus olhos, na infância.
>
> Lucia não tornou a ler aquele livro. Não o reconheceria mais. O livro cresceu tanto dentro dela que agora é outro, agora é dela
>
> *Galeano, 2009, p. 20*

Muitos dos estudos sobre Cecília Meireles falam da sua produção escrita. Mas, como são percebidas suas leituras? E sua formação como leitora? O que terá lido ao longo de sua trajetória de vida? E de que modo esses textos lidos podem ter influenciado a sua escrita, principalmente a sua produção sobre a Educação no jornal nos anos 1930[4]? Neste capítulo, buscamos compreender os aspectos relevantes relativos a essa formação, com vistas a realizar um mapeamento dos textos que são trazidos recorrentemente para compor as suas crônicas, no sentido de identificar como e quais leituras dão suporte à construção temática e ideológica das suas crônicas.

Cada leitor, a partir de suas próprias referências, individuais ou sociais, históricas ou existenciais, dá um sentido mais ou menos singular, mais ou menos partilhado, aos textos de que se apropria (CHARTIER, 2011, p. 20).

Dessa forma, nossa hipótese é que a escrita de Cecília Meireles constrói-se a partir de suas experiências de vida e de leitura. Tenham sido elas vivenciadas na infância, através das

[4] Cecília foi diretora da Página de Educação do jornal *Diário de Notícias*, do Rio de Janeiro, durante o período de 12/6/1930 a 12/1/1933. Do total das 774 crônicas publicadas, 165 foram analisadas para o presente estudo, conforme tabela anexa.

histórias que sua avó e sua babá lhe contavam, ou nas suas leituras no decorrer da vida. Entendemos, conforme Chartier, a leitura como apropriação, invenção, produção de significados (1998, p. 77). O ato de ler consiste em um processo complexo e abrangente de compreensão e intelecção do mundo. Nesse sentido, ler não se resume ao ato de decodificação dos símbolos gráficos, envolve também interpretar o mundo em que vivemos. Embora seja uma atividade individual, em certa dimensão, envolve, no contato do leitor com o texto, questões culturais, políticas, sociais e históricas.

Para além do início de sua produção como poetisa e jornalista[5], se reconstituirmos vestígios do passado de Cecília, observaremos na sua convivência doméstica com a ama e com a avó diversificadas experiências de leitura, através da escuta de histórias que ambas lhe contavam. Acreditamos que, de início, esse espaço de interlocução possa ter contribuído para despertar sua formação de leitora e, posteriormente, de escritora.

> Mas, se antes de saber ler já gostava de brincar com livros, antes de brincar com livros gostava de ouvir histórias. Minha pajem, uma escura e obscura Pedrina, que sobrevivera (embora não por muitos anos) à onda de sucessivas mortes que arrebatou toda a minha família, foi a companheira mágica da minha infância. Ela sabia muito do folclore do Brasil, e não só contava histórias, mas dramatizava-as, cantava, dançava, e sabia adivinhações, cantigas, fábulas etc. (MEIRELES, 1993, p. 83).

Por vezes, Cecília procurava mostrar-se uma leitora proficiente desde cedo. Em entrevista concedida a João Condé, na Revista *O Cruzeiro*, de 31/12/1955, por exemplo, afirma ter lido Eça de Queiroz antes dos 13 anos. E, nos trechos seguintes, extraídos da Notícia Biográfica, do volume *Poesia Completa*, podemos acompanhar suas declarações a respeito das primeiras experiências com a leitura[6].

> Uma visão da vida mais especificamente através da palavra – e isso, desde o princípio, desde as primeiras histórias ouvidas, das primeiras cantigas, dos primeiros brinquedos. Quando eu ainda não sabia ler, brincava com livros, e imaginava-os cheios de vozes, contando o mundo. Sempre me foi muito fácil compor cantigas para os brinquedos; e, desde a escola primária, fazia versos – o que não quer dizer que escrevesse poesia (MEIRELES, 1993, p. 84)
>
> Tudo quanto naquele tempo, vi, ouvi, toquei, senti, perdura em mim com uma intensidade poética inextinguível. Não saberia dizer quais foram as minhas impressões maiores. Seria a que recebi dos adultos tão variados em suas ocupações e

[5] Cecília Meireles publica seu primeiro livro de poesias, *Espectros*, em 1919; em 1923, publica o livro *Nunca Mais...e Poema dos Poemas*; em 1924, *Criança, meu amor* (aprovado e adotado pela Diretoria Geral de Instrução Pública) e em 1930 começa a dirigir a Página de Educação do jornal *Diário de Notícias*.

[6] As primeiras experiências de leitura têm sido tematizadas, em especial, por escritores, em relatos autobiográficos. A esse respeito, conferir Silva (2009).

> em seus aspectos? Das outras crianças? Dos objetos? Do ambiente? Da natureza? (MEIRELES, 1993, p. 81)

Sua infância foi marcada pela ausência materna. No entanto, dona Matilde Benevides, sua mãe, fora professora municipal. O que pode nos fornecer pistas de como essas primeiras impressões da infância ficaram registradas em sua memória, seja pela valorização da palavra falada tanto quanto a escrita, seja pelo manuseio dos livros, enquanto objetos, além da convivência com os adultos. Pela sua narrativa autobiográfica no livro *Olhinhos de Gato*, verificamos sua presença como única criança em uma casa de adultos, que, em muitos momentos, mostram-se preocupados com sua saúde e o seu bem-estar, devotando atenção quase que exclusiva para ela. Entendemos, assim, como a interação nesse ambiente deve ter contribuído fortemente para a sua formação.

> Mais tarde, foi nessa área que os livros se abriram, e deixaram sair suas realidades e seus sonhos, em combinação tão harmoniosa que até hoje não compreendo como se possa estabelecer uma separação entre esses dois tempos de vida, unidos como os fios de um pano. Foi ainda nessa área que apareceram um dia os meus próprios livros, que não são mais do que o desenrolar natural de uma vida encantada com todas as coisas, e mergulhada em solidão e silêncio tanto quanto possível. (MEIRELES, 1993, p. 82)

Nesse fragmento, Cecília se refere às possibilidades que os livros trouxeram à sua vida – combinando realidade e ficção harmoniosamente. Isso a faz afirmar que os conhecimentos dos livros lidos na infância perduram até a idade adulta, como o "desenrolar natural de uma vida encantada com todas as coisas". E que vieram a contribuir para a escrita dos seus próprios textos.

Essa contribuição pode ser entendida como o resultado das apropriações realizadas por ela a partir do que leu durante a sua vida. Pois, conforme Chartier (2010, p. 36), os textos não possuem significados em si mesmos, fora dos objetos ou das vozes que os transmitem. O leitor também atribui sentidos às palavras e às formas; e as diferentes maneiras de se ler ou ouvir também participam da construção do seu significado.

Nesse sentido, para se entender o processo pelo qual as obras adquirem sentido, é necessário se considerar as relações existentes entre o texto, o material que lhe serve de suporte e a prática que dele se apropria. Assim, as transformações tipográficas podem conferir efeitos relevantes nos modos de se ler. "A possibilidade de qualificar um livro pelo seu aspecto físico coloca em evidência que, em sua materialidade, várias linguagens estão inscritas" (CUNHA, 1999, p. 52). No trecho seguinte, podemos observar o destaque dado por Cecília ao aspecto gráfico dos livros, como a encadernação e as ilustrações.

> Muita gente hoje me pergunta quais foram as minhas primeiras leituras. Na verdade, desde que aprendi a ler – e nisso fui um pouco precoce – li tudo que estava ao alcance da minha mão. Lembro-me que os livros ilustrados me interessavam muito. Além da leitura, os livros também já me interessavam como "objetos", pelo seu aspecto gráfico, sua encadernação, beiras douradas etc. Gostava muito desse papel que se chamava "marmoreado" e que servia para forrar as encadernações por dentro e também por fora. (MEIRELES, 1993, p. 82).

> Sempre gostei muito de livros e, além dos livros escolares, li os de histórias infantis, e os de adultos: mas estes não me pareciam tão interessantes, a não ser, talvez, *Os Três Mosqueteiros*, numa edição monumental, muito ilustrada, que fora de meu avô. Aquilo era uma história que não acabava nunca; e acho que esse era o seu principal encanto para mim. Descobri o Dicionário, uma das invenções mais simples e mais formidáveis e também achei que era um livro maravilhoso, por muitas razões (MEIRELES, 1993, p. 83).

Em seu livro *Problemas da Literatura Infantil*, sobre concepções de literatura infantil, Cecília apresenta as "capas coloridas" e "as abundantes gravuras" como alguns dos artifícios de tentativa para se capturar a criança para a leitura. No entanto, nesse livro, editado pela primeira vez em 1951, Cecília esclarece que essas atrações eram recentes. "Nem os que antigamente se distribuíam como prêmios, e cujo luxo todo consistia em algumas gravuras, encadernação de percalina, com discreto arabesco, e as beiras das páginas douradas" (MEIRELES, 1993, p. 36).

Ainda em conformidade com o pensamento de Chartier (2002, p. 126), entendemos que não existe nenhum texto fora do suporte que o dá a ler, que não há compreensão de um escrito, qualquer que ele seja, que não dependa das formas através das quais ele chega ao seu leitor. Desse modo, a atenção dada por Cecília à materialidade dos livros para crianças adquire relevância na medida em que as ilustrações podem funcionar como um dispositivo capaz de promover aprendizagens significativas, ao passo que possibilita a criança o acesso à leitura antes mesmo desta dominar a linguagem do código verbal escrito.

Nem sempre a ilustração pode ser caracterizada apenas como um complemento para a leitura da obra. As duas linguagens, texto e imagem, atuam na sensibilidade e na cognição do leitor para a concretização do livro. Ela não precisa, necessariamente, acompanhar o texto escrito; pode ter um conteúdo independente. "A imagem classifica o texto, sugere uma leitura, constrói um significado" (CHARTIER, 2002, p. 133). Lúdica, pode ajudar na visualização agradável da página; quebrar o ritmo dos textos longos; apoiar a leitura do ponto de vista do enredo ao construir formas, personagens, cenários, enfim, pode auxiliar na construção do pensamento da criança.

Segundo Camargo (1995, p. 16), ilustração é toda imagem que acompanha um texto. Pode ser um desenho, uma pintura, uma fotografia, um gráfico etc., e se distingue do projeto

gráfico que significaria algo mais abrangente, sendo o planejamento de qualquer tipo de impresso. No caso do livro infantil, o projeto gráfico envolveria desde a escolha do material em que o livro será impresso, o tipo de impressão e formato, até o número de páginas e tipos de fonte e ilustrações que irão compor o livro.

O processo de escolhas e determinações da forma e do conteúdo dos livros envolve a participação de autor, editor e, nesse caso, ilustrador. E é nesse espaço que se vão construindo os sentidos do texto; entre dois tipos de dispositivos – a escrita do texto pelo autor conforme as suas intenções e estratégias – e os que resultam da edição do livro, segundo a decisão do editor, tendo em vista a sua noção de leitor, que pode não estar em conformidade com a pretendida pelo autor (CHARTIER, 2002, p. 127). Na concepção de Chartier, os autores não escrevem livros, e por isso mesmo é necessário distinguir o texto, produzido pelo autor, e o livro, produzido pelo editor.

A partir dessas recordações da infância, inferimos que os familiares de Cecília e aqueles da sua primeira convivência de vida, além dos que com ela trabalharam e viveram na idade adulta, marcaram sua trajetória de leitora. As práticas, os gostos, as concepções e os valores familiares circunscritos às memórias de infância acerca da iniciação à leitura nos dão pistas para entender como se constitui um leitor que se transforma em autor. No caso de Cecília, partimos das primeiras experiências com a leitura, com os livros. Em acréscimo, examinamos como os autores lidos são referidos em suas crônicas. A hipótese central deve ser salientada: nas crônicas examinadas, há um conjunto de vestígios sobre sua formação intelectual consolidada por meio da leitura.

Não podemos esquecer que o repúdio ou o estímulo à leitura só podem ser bem compreendidos se forem examinados os objetos que se tomam para ler e sua relação com questões políticas, estéticas, morais ou religiosas nos diferentes tempos e lugares em que homens e mulheres, sozinhos ou acompanhados, debruçaram-se sobre textos escritos (ABREU, 1999, p. 15).

1.1 **A leitura em seus textos**

1.1.1 O contexto das crônicas

> O problema educacional é um problema de espírito, não de método. É uma nova concepção da vida
>
> *Cecília Meireles*

Como jornalista, Cecília começou a escrever no jornal no momento em que o país passava por mudanças na vida social – um período de crescimento industrial e de expansão urbana. Vivia-se naqueles anos uma conjuntura político-econômica de luta e consolidação das forças revolucionárias chegadas ao poder com a Revolução de 1930, tendo à frente Getúlio Vargas. Em meio a rupturas e continuidades, sujeitos envolvidos com o sistema educacional brasileiro tentavam naquele interregno aprofundar algumas reformas já iniciadas na década de 20, no sentido de atender às mudanças conjunturais por que passava o país (VIDAL; PAULILO, 2003)[7].

Convidada por Nóbrega da Cunha, um dos criadores do jornal *Diário de Notícias*[8], Cecília passou a dirigir a *Página de Educação* desse jornal desde a sua fundação, em 12 de junho de 1930 – composta de "notas editoriais, reportagens ilustradas, resenhas bibliográficas, notícias do movimento educacional do país e do estrangeiro, artigos de colaboração de especialistas de reconhecido valor e crônicas. Notas oficiais (atos, despachos) tudo que se relaciona com educação e ensino" (MEIRELES, 1930).

> Tudo que se relacionar com educação e ensino – desde a escola primária até a universidade – será nestas colunas objeto de uma constante preocupação. Comentando imparcialmente atos das autoridades, discutindo as novas ideias ou julgando os resultados de intensa experimentação que está se realizando em muitas escolas desta capital e de alguns estados, procurando proporcionar ao professorado argumentos para acompanhar de perto a renovação pedagógica do momento, e aos

---

[7] Principais Reformas: em 1920, por Sampaio Dória em São Paulo; em 1922, por Lourenço Filho no Ceará; em 1925, por Anísio Teixeira na Bahia; em 1927, por Francisco Campos em Minas Gerais; em 1927, por Fernando de Azevedo no Rio de Janeiro (Distrito Federal), entre outras.

[8] O jornal *Diário de Notícias* foi criado pelos jornalistas Orlando Ribeiro Dantas, Nóbrega da Cunha e Alberto Figueiredo Pimentel Filho, em 12/06/1930. Nóbrega da Cunha era educador, amigo de Correia Dias e de Cecília, tendo sido padrinho de uma das filhas do casal.

> entendidos no assunto a oportunidade para um juízo seguro a respeito de todas as novas iniciativas (MEIRELES, 12/6/1930).

Nessa página, Cecília escreveu, diariamente, a coluna *Comentário* desde o início do seu trabalho no jornal até 12 de janeiro de 1933, quando se despede publicamente do seu ofício.

> Na qualidade de jornalista, criou a "Página de Educação" no *Diário de Notícias*, onde, além de entrevistadora, escrevia diariamente a coluna "Commentàrio" durante o período de 1930-1933, época em que se delineia o campo da educação, marcadamente "escolanovista" cuja moldura foi, em grande parte, obra plástica de Cecília Meireles. A relação dos títulos da coluna "Commentàrio" dá uma idéia do "Espírito Victorioso"que se concretizaria em décadas posteriores. A educadora-jornalista abre uma trincheira em sua página do jornal, de onde conversava com os educadores Anísio Teixeira, Fernando de Azevedo, Frota Pessoa, entre outros, sobre suas teses orientadoras da Reforma de Ensino que ora se implantavam, fazendo "nascer a sombra" do campo da educação (LOBO, 1996, p. 527).

Na coluna, escrevia crônicas voltadas para a educação, sendo essa, talvez, sua principal forma de ação em prol do movimento de renovação educacional, nas quais assumia militância com fins bem determinados. Como os textos eram divulgados em um jornal de grande circulação, estariam direcionados para o público em geral. Mas também falavam diretamente para os profissionais da educação. Examinava questões pedagógicas e apresentava ao público o noticiário de ensino, acompanhado ou não de comentários.

> A educação moderna tem de corrigir essa amarga desventura de quem sente seus olhos perdidos, sem esperança de os poder jamais encontrar. Precisamos de educadores donos de gestos generosos e luminosos, de espírito compreensivo para sentir a inquietude dos meninos e dos jovens que certa vez despertam e perguntam pelas coisas que ainda não viram ou que deixaram de ver (MEIRELES, 13/11/1931).

Entretanto, convém salientar que, em muitos de seus textos, a cronista transcreve trechos de livros de autores estrangeiros, em prosa ou em verso, sem traduzi-los, em francês, em espanhol, em inglês e em alemão. Esses indícios nos possibilitam pensar que essas crônicas não eram direcionadas a um leitor qualquer e sim àqueles proficientes em um determinado grau de instrução e de cultura. Seu Comentário de 12/2/1931, intitulado *Um pedido nas vésperas do Carnaval*, quando escreve para pedir às mães que poupem seus filhos da confusão das ruas durante o Carnaval, ilustra tal direcionamento:

> Eu acredito que as pobres mães que assim sacrificam seus filhos, sejam vítimas, na maior parte, do grave mal da incultura, de que tanto sofrem as nossas classes populares.
> Sei que essas mães não irão ler este comentario; não receberão este pedido; não o poderão atender.

> Por isso, eu o faço às pessoas cultas que por acaso leiam hoje esta coluna.
> Que elas o transmitam, que o levem mais longe, não por ele mesmo, ou por quem o escreve, mas pelo assunto, e por aqueles de quem se trata.
> É um pedido para defender a criança na sua liberdade, para a livrar de consequências perniciosas, que frequentemente e desgraçadamente escapam aos que a si mesmos se julgam os mais interessados por elas (MEIRELES, 12/2/1931).

Dessa maneira, percebemos que seus textos não falavam só sobre o professor ou de educação, mas também da vida em si, da família, de liberdade, de cooperação, de fraternidade, assuntos que podem ser considerados correlatos ao processo educacional como um todo e que contribuíam para sua reconstrução. Em meio a estes valores, contudo, salta à vista a preocupação de Cecília com a questão da construção de uma vontade única, nacional, invocada necessidade básica a amalgamar e emular estes valores, tendo por base uma nova consciência coletiva. Tal pode ser lido em passagens como a que se segue:

> Se todos pensassem ao mesmo tempo só no Brasil, no Brasil Brasil, no Brasil de todos, no Brasil centro de irradiação de uma nacionalidade, de uma cultura, de uma grandeza, todas as coisas se viriam colocar por si mesmas nos devidos lugares. Mas ainda não chegou o instante da cooperação. E só a cooperação pode assegurar as grandes realidades (MEIRELES, 24/2/1932).

Essa obra de congraçamento defendida pela autora devia, segundo seu ponto de vista, se construir não só no país, como no mundo inteiro, unindo os países e os povos. Na crônica do dia 3/5/1932, intitulada *Atenea Política*, Cecília se refere ao México localizando-o na América do Sul: “Na América do Sul, o México tem, efetivamente, uma fisionomia própria, em todos os seus aspectos”. No dia seguinte, faz uma observação sobre o engano na véspera, e explica o porquê:

> Não sou propriamente especialista em Geografia; mas sei o suficiente para encontrar os países no mapa e sentir visualmente de onde vêm os telegramas de longe. (...) É verdade que escrevi aquelas rápidas linhas de entusiasmo num momento muito especial. (...) Mas a distração não veio daí. Ela é mais íntima, ela é mais profunda. (...) Que é quase uma convicção. A certeza do mapa não a abala. (...) De onde me vem isto? Por que há, em mim, esta luta do espírito com a localização física de um país? (...) Eu sei de onde vem. (...) As terras pode ser que estejam em lugares fixos; mas os povos estão onde os coloca o interesse de quem os contempla: estão mais longe ou mais perto, na relatividade do pensamento e do coração.
> (...) Ah! Como é bom deixar às vezes o coração ir falando sozinho... Ainda estou comovida de ter escrito coisa tão certa, e de tal maneira fraternal (MEIRELES, 3/5/1932).

Na visão de Cecília, esse trabalho de cooperação e fraternidade deveria ser um dos objetivos principais da obra educacional. E defendia esse ideal em muitas das suas crônicas,

podendo esse ser considerado como um dos grandes temas abordados durante o seu trabalho no jornal, como podemos perceber em *Educação e Fraternidade Universal*, de 27/6/1930:

> Não se pode compreender o indivíduo completamente educado senão quando seus sentimentos já se estenderam além da órbita familiar, além da órbita nacional, até os pontos mais vários do mundo em que vivam homens, seus irmãos. O espírito de fraternidade transpõe fronteiras, atravessa o mistério das línguas, esquece as diferenças da raça. Ele é o fim da educação, porque só vale a pena viver para uma coesão total de esforços entre povos pacificados pelo amor. (MEIRELES, 27/6/1930)

Assim como nessa do dia 29/7/1930, *Educação Nacional*. Aqui, a cronista aborda a ação dos educadores, outorgando-lhes, acima de tudo, o poder de conciliação do indivíduo consigo mesmo e com o meio, isto é, de formar o homem para a coletividade, a fim de se integrar com o seu tempo, com a vida e com os homens. Dessa forma, a educação possibilitaria ao homem ir além de si mesmo, ao se preocupar mais com os interesses da sociedade do que com os seus individuais. Para ela, essas "paixões egoísticas" é que desencadeavam as guerras e as crises entre as nações.

> Nos momentos de crise individual e social, sempre que um súbito choque traz à superfície a inquietude, a incoerência, a convulsão que dormiam na profundidade da alma dos homens e das nações, vê-se com clareza que só os educadores poderão construir essa época de serenidade pessoal e coletiva em que a preocupação do trabalho pacífico substitua na existência humana as calamidades oriundas de paixões egoísticas e desgovernadas. (MEIRELES, 29/7/1930)

No dia 25/9/1930, em *A autoridade das Autoridades*, reafirma seu ideário a respeito da ação educacional. Depositava na escola a esperança de fraternidade definitiva, a concretização do seu sonho de cooperação. Por meio dela, o homem compreenderia seu lugar no mundo, deixaria de isolar-se egoísticamente e agiria pelo todo.

> A parte mais bela da ideologia dos homens de hoje é aquela que, apelando para os seus sentimentos de humanidade, faz com que eles vejam a vida como uma forma de solidariedade geral de todas as criaturas. Essa visão lhes impede qualquer atuação inoportuna sobre os seus semelhantes; dá-lhes a compreensão do seu devido lugar, em relação à totalidade do mundo (...) (MEIRELES, 25/9/1930)

Assim, na sua escrita diária, assumiu o compromisso de defender os princípios da Escola Nova que iam ao encontro dessa sua visão de educação – "Os ideais da moderna educação baseiam-se principalmente nesse comovido interesse humano por uma substituição das vantagens do pequeno número pela sua expansão na maioria." (MEIRELES, 4/10/1932).

É preciso ressaltar que sob a denominação de Escola Nova manifestaram-se diferentes saberes e práticas pedagógicas. Desde as primeiras décadas do século XX, os rumos da educação do país estiveram na pauta de discussão de vários setores organizados da sociedade. A modernização capitalista, com o crescente processo de urbanização, no Brasil, nos anos de 1930, trouxe a expansão de novas camadas sociais e abriu possibilidades de mobilidade social na estrutura de classes da sociedade brasileira, com a ampliação do mercado de trabalho.

Nesse contexto de expansão das forças produtivas, a educação escolar foi considerada um instrumento fundamental de inserção social, tanto por educadores, quanto para uma ampla parcela da população que almejava uma colocação nesse processo. Assim, às aspirações republicanas sobre a educação como propulsora do progresso, somou-se a sua função de instrumento para a reconstrução nacional e a promoção social. Segundo Carvalho (2005, p. 88), havia um campo de consenso que tornava possível uma campanha pela causa cívico-educacional, constituído por um programa de organização da nacionalidade. No qual havia concordância com relação à importância conferida à educação, assim como em relação ao papel que a educação deveria desempenhar.

Por esses motivos, os anos de 1930 foram férteis em relação a essa nova educação. Diferentes propostas foram defendidas por educadores que ocuparam cargos na administração pública e que implementaram diretrizes educacionais, respaldados por essa visão de educação. No entanto, além dos debates pessoais entre os renovadores da educação[9], havia também divergências entre a Igreja Católica e o Estado. Os reformadores, ao defenderem uma escola laica, ameaçavam o monopólio da Igreja em relação às muitas funções sociais, inclusive na educação escolar[10].

A fundação da Associação Brasileira de Educação, em 1924, com a função de promover debates em torno da questão educacional, com a realização das Conferências Nacionais de Educação[11], a influência da Escola Nova e seus defensores, que se empenhou

---

[9] Conferir, em especial, entre outros estudos sobre os projetos de implementação da Escola Nova no Brasil, Vidal e Paulilo (2003).

[10] Importante ressaltar a atuação dos intelectuais católicos, ligados ao Centro Dom Vital, que divulgavam através da revista *A Ordem* seus argumentos em defesa do ensino religioso nas escolas públicas, visando ao ordenamento da sociedade também com uma base religiosa. Alceu Amoroso Lima assume a direção da revista a partir de 1928 e a liderança da intelectualidade católica. Dentre a vasta literatura a respeito do tema, ver o estudo de Silva (2013).

[11] Segundo Carvalho (1989, p.54), as Conferências funcionaram também como propaganda da causa educacional. "Nelas, discursos e rituais representaram a ABE como congregação de homens de elite, esclarecidos, bem intencionados e devotados ao equacionamento das mais graves questões nacionais. (...) Divergências eram relativizadas ou mesmo apagadas na generalidade das proclamações em que o civismo era o campo consensual de atuação".

em dar novos rumos à educação, questionando o tradicionalismo pedagógico, e os embates da Igreja no seu confronto com o estabelecimento de novos modelos para a educação mostram a diversidade de interesses que abrangia a educação escolarizada.

A princípio, a temática humanista de fraternidade e cooperação pode parecer de menor relevância. No entanto, Cecília acreditava que, através da ação educacional, seria possível transformar o Brasil, mediante a preparação dos destinos humanos, com a perseverança das grandes obras criadoras, silenciosas, profundas, invisíveis, segundo suas próprias palavras, na crônica *O Ministério da Educação*. Vale destacar esse outro trecho, de 12/02/1932: "a obra de educação não é, no fundo, outra coisa senão um permanente esforço para, dando a cada indivíduo o gozo de todas as suas possibilidades, assegurar ao mundo a totalidade harmoniosa da sua expansão".

Percebemos que a poetisa defendia a educação como uma forma de melhorar a humanidade, de reorganizar a sociedade, na medida em que se mudasse o rumo dos sentimentos e das ações. Havia em torno disso um interesse humano e, consequentemente, coletivo.

> Suprimir as armas é difícil. Mas, ainda quando fosse fácil, não seria bastante. As armas são apenas o instrumento inventado para o serviço de um intuito. É o intuito, portanto, que se precisa suprimir. É o espírito que se precisa desarmar, antes da mão. Por isso mesmo, todos os educadores se têm voltado para a escola e para a criança, com a mais firme esperança de começarem por aí a obra de pacifismo universal.
> Esta visão clara e sem pessimismo devia ser a de todos que de algum modo se preocupam pela vida humana, que as incógnitas da guerra estão espiando entre a sombra dos tempos (MEIRELES, 13/1/1932).

Ao mesmo tempo em que Cecília ocupava esse espaço de destaque, dialogava com o grupo de educadores e intelectuais que assinaram o *Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova*[12], em 1932, como Fernando de Azevedo, Anísio Teixeira e J. G. Frota Pessoa entre outros, que também colaboravam com a *Página*, concedendo entrevistas e artigos, conforme

[12] Signatários do Manifesto: Afrânio Peixoto, Anísio Teixeira, Antonio de Sampaio Dória, Antonio Ferreira de Almeida Jr., Armanda Álvaro Alberto, Attílio Vivacqua, C. Delgado de Carvalho, Cecília Meireles, Edgard Roquette-Pinto, Edgar Sussekind de Mendonça, Fernando de Azevedo, Francisco Venâncio Filho, Garcia de Rezende, Hermes Lima, J. G. Frota Pessoa, J. P. Fontenelle, Julio de Mesquita Filho, Manuel B. Lourenço Filho, Mário Casasanta, Nóbrega da Cunha, Noemy M. da Silveira, Paschoal Lemme, Paulo Maranhão, Raul Briquet, Raul Rodrigues Gomes, Roldão Lopes de Barros.

podemos acompanhar nas edições dos dias 14/3/1931, 17/3/1931, 17/10/1931, 16/5/1931[13], entre outras.

No dia 14/3/1931, entrevista Frota Pessoa, então sub-diretor administrativo da Diretoria de Instrução Pública. Cecília refere-se a ele como um idealista obstinado.

> Quem tiver lido, há anos, *Educação e Rotina* e, agora, há poucos dias, *A Realidade Brasileira*, sabe que o dr. Frota Pessoa fez sempre parte desse núcleo de idealistas que não dependeram da eclosão de movimentos políticos para trabalhar pela elevação da nossa nacionalidade; que fizeram, voluntariamente, da sua vida, uma oferta à vida coletiva, oferta que se manteria a mesma, qualquer que fosse a sorte da Revolução, e qualquer que venha a ser, ainda. Eu conheço bem esse núcleo (MEIRELES, 14/3/1931).

Cecília parece se alinhar ao seu trabalho nutrido de idealismo, no sentido de ofertar-se à vida coletiva, independente de movimentos políticos e o apresenta dessa forma elogiosa. Então, indaga sobre as críticas do passado e do presente a respeito da Reforma Fernando de Azevedo. Frota Pessoa responde:

> Oh! Mas é natural... Em torno dessa Reforma guincham e cacarejam, sem a entender e sem poder aceitá-la, muitos símios e galináceos... E uma multidão de criaturas de boa fé, que não têm por dever estudá-la, e penetrá-la, se deixam levar pela algaravia dessa curiosa fauna pedagógica.

A entrevistadora vibra com a expressividade e bravura da sua resposta, acrescida de um tom sarcástico. Haja vista que ela também adotava, em algumas situações, esse tom na sua escrita jornalística. Como na crônica do dia 9/2/1932 (uma terça-feira de carnaval), intitulada *O Carnaval e a Canção*. Nesta, ela critica a baixa qualidade das letras das músicas compostas para essa época: “Não quero dizer que estejamos sem cantigas carnavalescas. Mas a verdade é que não as possuímos no número que seria justo esperar, numa terra de poetas, onde se fazem versos mesmo sem se saber escrever”.

Ela conta que esteve pensando nisso no domingo de carnaval, “enquanto o pessoal se desengonçava pelas ruas”, como se convencidos de que todo ano seria obrigatório estar alegre durante os três dias. “Eu acho essa convicção admirável. E respeitável. Além de que aprecio e respeito imensamente o esforço visível de todos para cumprirem com essa obrigação da maneira mais rigorosa possível”.

---

[13] Em 14/3/1931, Cecília entrevista Frota Pessoa; em 17/3/1931, Cecília entrevista Anísio Teixeira; em 17/10/1931, Cecília entrevista novamente Anísio Teixeira e em 16/5/1931, publica a conferência de Fernando de Azevedo – Sociologia e Educação.

Acrescenta, com tom irônico, que junto com esse pensamento veio a imagem do Ministério da Educação: “com alguns dos seus habitantes, cujo nome o leitor permitirá que fique hoje debaixo da máscara, em homenagem a esta terça-feira”.

Cecília se refere às cruzadas de alfabetização, contra as quais se posicionava por acreditar que educar não era sinônimo de alfabetizar. Para ela, a população precisava mais do que somente decodificar o texto escrito. Nesse momento, ela menciona os impressos utilizados, com uma literatura “tão verbosa e empolada que a gente tem logo vontade de ficar analfabeta outra vez, queimar tudo que existe no mundo escrito e degolar a primeira criatura que inventar algum alfabeto”.

Assim, ela encerra o texto com mais ironia, perguntando ao leitor se ele quer saber como essa reflexão se iniciou.

> Ouvindo cantar a ‘Juju’:
> “A.E.I.O.U.
> Dabliú, dabliú,
> Na cartilha da Juju,
> Juju!
> A Juju já sabe ler,
> A Juju sabe escrever,
> Há dez anos na cartilha,
> A Juju já sabe ler,
> A Juju já sabe escrever,
> Escreve sal com c cedilha...”
> Estou com ideia de propor ao ministro da Educação oficializar essa letra para ser cantada pelos soldados da “guerra santa” (sic!). Mas não é para quando partirem, não... É para quando voltarem... (MEIRELES, 9/2/1932)

No dia 17/3/1931, entrevista o professor Anísio Teixeira. Nesta, o educador fala da Reforma educacional empreendida em São Paulo por Lourenço Filho, diretor do Departamento do Ensino, – “se vai levando avante uma obra de renovação e progresso educacional das mais consideráveis”. Elogia a atuação do diretor: “Não se trata, somente, de um novo diretor do ensino. Trata-se de uma transformação escolar que é participada e querida pelo próprio professorado”. Segundo ele, a reforma não teria sido imposta, “de comandante de ensino para as fileiras do magistério”. A partir de um grande inquérito realizado sobre o rendimento das escolas paulistas, os professores sentiram a necessidade e a urgência das mudanças.

Cecília praticamente transcreve as palavras do educador, sem apresentar ao público leitor as perguntas realizadas. A entrevista se transforma em um ensaio de defesa da cooperação entre os professores, da responsabilidade da ação de cada indivíduo envolvido no processo, sem o que é “impossível progredir em coisas de ensino”. Anísio mostra-se

preocupado em resolver as questões sociais, sem a defesa de um "ideal de perfeição imaginária", mas articulando-as às instituições educativas.

Contudo, não eram publicadas em sua Página somente ideias e opiniões de partidários do seu pensamento. No dia 6/5/1932, Cecília publica uma resenha sobre o livro *Ciclo de Helena*, de autoria de Francisco Campos[14]. O livro de poemas foi distribuído, em uma tiragem limitada, "para distribuição entre intelectuais", conforme ela mesma informa no seu texto. Cento e cinquenta pessoas receberam um exemplar, incluindo a cronista.

Cecília faz a sua crítica sobre o texto, e anuncia logo no início que era uma surpresa boa encontrar no poeta Francisco Campos, que também era naquele momento o Ministro da Educação, a serenidade para enviar o seu livro com cortesia "a quem nunca faltou a franqueza de dizer o que pensava acerca do seu ministério". Essa dissociação do poeta e do ministro, que ambos faziam – ele ao enviar-lhe o livro e ela ao lê-lo e comentá-lo –, era, na sua opinião, uma atitude acertada, pois um dos erros mais comuns entre os homens era o de confundirem os seus vários aspectos, condenando ou louvando apaixonadamente o outro e generalizando virtudes ou defeitos.

> O sr. Francisco Campos que me enviou este livro, não é, para mim, o ministro: é o poeta. E assim como o ministro pôs de lado os recortes do que a seu respeito tenho escrito, para que o poeta pusesse o seu espírito em comunicação com o meu, a cronista educacional, sem se arredar dos seus pontos de vista, neste assunto, pode permitir (e é com alegria que o faz) que o poeta se deixe ver como poeta, inocente de todos os males que, ela, ao ministro, não pretende sequer vir a perdoar.

A cronista redige uma crítica negativa a alguns aspectos dos seus poemas. Todavia esse não é o ponto relevante para a presente pesquisa. O destaque se deve aos valores humanos expressos por ela com relação à atitude do ministro-poeta, assim como à sua própria. Ela se refere ao mal das "opiniões inflexíveis", que deixam de ver todas as faces de uma pessoa ou um fato com seus aspectos múltiplos. Ainda segundo sua análise, o meio para se entender as obras humanas que buscam certas realidades não seria estagnar diante delas e sim esforçar-se por buscar seus sentidos e expressões. Ou seja, apesar dos seus embates públicos com o ministro acerca do ensino religioso, ela não seria capaz de se deixar levar por esses problemas pessoais, para se recusar a ler e analisar a sua obra poética.

---

[14] Francisco Campos, Ministro da Educação e Saúde, no período de 1930 a 1932, promulgou o Decreto n° 19.941, de 30 de abril de 1931, que dispunha sobre a instrução religiosa nas escolas públicas.

1.2 **Vestígios de leitura em sua escrita**

> Compartilhar as obras com outras pessoas é importante porque torna possível beneficiar-se da competência dos outros para construir o sentido e obter o prazer de entender mais e melhor os livros. Também porque permite experimentar a literatura em sua dimensão socializadora, fazendo com que a pessoa se sinta parte de uma comunidade de leitores com referências e cumplicidades mútuas
>
> *COLOMER, 2007, p. 143*

Além da explicitude do seu sentimento de união e cooperação dos povos, notamos uma conjugação da sua escrita jornalística com a literária. Associadas ao seu discurso educacional, de renovação, identificamos em suas crônicas inúmeras citações de autores lidos, em sua maioria, estrangeiros. No entanto, também há referências a autores nacionais, como poderemos acompanhar nos excertos registrados nesta seção.

O exame dos dados revela que as marcas das suas leituras estão presentes em suas crônicas e, algumas vezes, na Página como um todo, em forma de artigos ou resenhas especialmente escritos para o jornal[15].

Nesse sentido, as marcas literárias presentes em suas crônicas jornalísticas podem apresentar diferentes intenções. Por um lado, sinalizam indícios de suas leituras, seu conhecimento literário e sua formação intelectual. Por outro lado, Cecília Meireles parece buscar referências, ou exemplos, no sentido de ilustrar sua escrita e, talvez, também com a intenção de ampliar o conhecimento dos seus leitores. Procurava mostrar, sempre que possível, o valor que dava à literatura e à leitura, assim como ao papel social dos autores. Citava os "poetas de verdade" como portadores de uma "solidariedade transbordante" e que, assim como os educadores, eram profissionais que "viviam uma vida para além de si mesmos", trabalhando para o coletivo humano. Em acréscimo, considerava que a "claridade da arte alarga todos os panoramas".

---

[15] Cecília escreveu 774 crônicas no *Diário de Notícias* durante os anos de 1930 a 1933. Todas foram lidas e analisadas por meio da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Destas, 165 apresentam citações de textos e seus autores, conforme listadas na tabela anexa (ver apêndice). Nesta, incluímos algumas resenhas e artigos no sentido de ilustrar a relevância dos textos literários registrados na *Página de Educação*.

Não é possível precisar o conjunto de textos que a autora leu, nem quando e onde. Todavia, podemos verificar, por meio das suas citações, os inúmeros autores lidos, e de que modo esses textos podem ter influenciado sua escrita, principalmente sua produção sobre educação no jornal dos anos 1930. Não obstante a relevância dos autores, talvez o mais importante seja as apropriações que deles fez Cecília, reveladas nas suas percepções como leitora.

1.2.1 Man Cesped e Selma Lagerlöf

Antes de verificarmos os autores citados nas crônicas, vale ressaltar duas resenhas escritas por Cecília a respeito de dois livros, um para jovens e o outro infantil. Aqui já podemos perceber sua defesa pela solidariedade humana, a contribuição para o bem coletivo.

No dia 2/7/1930, Cecília escreve uma resenha sobre o livro de Man Cesped[16], *Sol e Horizontes*, que acabara de ser publicado. Trata-se de um livro dedicado aos jovens e bastante elogiado por Cecília. Ela inicia afirmando que "a literatura para a mocidade é, geralmente, pobre, como a infantil. A literatura especializadamente educativa, que seja, ao mesmo tempo, da mais fina qualidade artística". E, por isso, o livro de Cesped, "com os seus pequenos poemas em prosa, cheios de fé criadora, é como um punhado de sementes luminosas, que quereríamos ver multiplicadas, através de todas as literaturas."

Além da qualidade do seu texto, a autora destaca o idealismo do autor: "o ideal da vida é edificar a vida, fazer obra de amor, de fortaleza e de bem. Um jardim para a alma e uma ponte sobre as misérias para salvar o coração." Ademais, nesse outro trecho de outro poema ratifica os princípios já salientados anteriormente: "Só o que contribui para o bem público faz obra eterna. O egoísmo se corrompe, enquanto a pedra e o bronze cantam o espírito dos bens imperecíveis." Para ela, o autor apresenta um gênio e uma inspiração de tendências fraternais. Esse ideal vai ao encontro do seu pensamento acerca da humanidade.

[16] Poeta boliviano (1874-1932), autor dos livros *Símbolos Profanos* (1924); *Sol e Horizontes* (1930), *Crônica: Viagem ao Chimoré* (1907) e *Obras Completas* (1973). Cecília refere-se a ele como conhecido por todo o mundo intelectual como um grande poeta sul-americano. Disponível em: Diccionario Cultural Boliviano: http://elias-blanco.blogspot.com.br/2013/06/man-cesped-manuel-cespedes-anzoleaga.html.

No dia 23/10/1930, publica outra resenha sobre o livro infantil *A viagem maravilhosa de Nils Holgersson*, da autora Selma Lagerlöf[17]. Essa obra conta a história de um menino preguiçoso e desobediente que atravessa a Suécia na garupa de um ganso, participando de várias aventuras no mundo dos animais. Alguns meses depois, tendo aprendido muito e se tornado uma pessoa melhor, mais responsável, retorna à casa dos pais. O livro conta a história e a geografia da Suécia em forma de lenda: "Tudo isso sem que a autora se desvie um instante da intenção a que se propôs, naufragando na pura fantasia, nem enverede pela atmosfera vulgar dessas realidades didáticas que pululam, comumente nos livros desse gênero". Este livro infantil veio a ser utilizado em muitas escolas suecas, conforme indica a cronista no seu texto.

Segundo Cecília, a autora consegue fazer do livro, "ao mesmo tempo, uma síntese da alma do seu povo e um símbolo universal da vida que se reabilita e se regenera pelo esforço e a alegria de servir" (...) "acordando na alma dos que o leem as mais várias possibilidades e elevando-as sobre os mais puros impulsos". Aqui, também podemos notar a proximidade com alguns dos ideais da diretora da Página – os de universalização da humanidade e do poder dos livros no sentido de levar o homem para além de si mesmo, "ampliando a órbita dos seus conhecimentos e, consequentemente, a da sua ação" (MEIRELES, 21/8/1932).

Na crônica do dia 28/6/1930, intitulada *Literatura Infantil*, a cronista também cita esse mesmo livro, quando discute sobre a qualidade da literatura infantil, devido à falta de livros adequados para crianças àquela época. Para ela, muitos autores escreviam de modo simplista, banal e com pouco rigor; e, no outro extremo, havia aqueles que criavam narrativas fantásticas, com "aparições e golpes de crueldade". Defende que se façam livros simples, uma vez que é necessário se adequar às restrições vocabulares das primeiras idades – "mas repleto, ao mesmo tempo desse aroma de poesia que devia ser alimento contínuo da infância".

Ademais, defende os livros maravilhosos, que podem ser escritos sem monstruosidade. Cita como exemplo o "nunca assaz louvado" livro de Selma Lagerlöf. "Uma das obras mais belas, mais ricas, mais completas e espirituais que o mundo possui para leitores em transição da infância para a adolescência. Ali, o maravilhoso comedido é, apenas, um símbolo ou uma advertência."

Cecília não só fazia a indicação das leituras como também mostrava conhecer a obra e a vida dos autores. Panait Istrati, Johann Wolfgang von Goethe, Constancio Cecilio Vigil e

[17] Escritora sueca (1858-1940), vencedora do prêmio Nobel de Literatura de 1909. Em 1885, tornou-se professora de uma escola secundária feminina. Primeira mulher a ser membro da Academia sueca, em 1914. Disponível em: http://www.nobelprize.org/nobel_prizes/literature/laureates/1909/lagerlof-bio.html e http://www.britannica.com/EBchecked/topic/327791/Selma-Lagerlof

alguns autores e temas do oriente estão entre os mais evocados em suas crônicas. Panait Istrati, um escritor romeno[18], que escreveu, sobretudo, em francês, é citado em cinco crônicas, conforme tabela anexa[19].

1.2.2 Panait Istrati

Na crônica *Um Pouco de Panait Istrati*, Cecília diz lembrar-se do autor por causa da beleza do dia, porque "ele é desses homens que levam paisagens dentro de si",

> Porque eu não conheço outro autor que tenha um coração para amar a beleza radiosa ou sombria das coisas como a desse poeta vagabundo, nascido ali entre as misérias e as glórias dos Balcãs, e alimentando-se do último perfume do paganismo grego, como de uma rosa que já se encontrou desfolhada, e que se recompõe, no sonho de não morrer sem a fruir (MEIRELES, 20/4/1932).

Nessa crônica, a autora faz comentários sobre um dos seus livros, em que Istrati fala "deliciosamente" da sua infância, mais precisamente da escola, da qual ele não gostava, pois havia sido uma experiência dura e triste. Alunos eram maltratados e ficavam desgostosos, sem conseguirem ir adiante nos estudos, como foi o seu próprio caso.

Por meio desse texto, Cecília ressalta que a escola precisa urgentemente "dar a todas as crianças o mais largo ambiente de vida que possam merecer", visto que "nem todos podem ficar, como Panait Istrati, entre os copos das tavernas, e precisam de uma educação vigilante, que os poupe à desgraça da inutilidade ou ao desastre da perversão". Percebemos, assim, como as reflexões suscitadas por Cecília em suas crônicas trazem muitos elementos do espírito do movimento escolanovista.

O vocabulário que circulou foi aquele difundido nos grandes centros capitalistas: escola do trabalho, escola única, método de projetos, ensino global, centros de interesse, democratização do ensino, obrigatoriedade escolar, educação integral; e seus tutores: eficiência, modernidade, progresso, disciplina, civilização, nacionalização, cultura

---

[18] Panait Istrati (1884-1935), chamado de "Máximo Gorki dos Balcãs". Filho de uma lavadeira, estudou apenas seis anos da escola primária e em seguida começou a trabalhar. Seus primeiros escritos datam de 1907, na imprensa operária do seu país. Disponível em: http://www.romanialibera.ro/cultura/aldine/panait-istrati-si-experienta-comunista-174059.html.

[19] *O Prestígio Materno*, 23/1/1931; *A Educação como Fundamento das Revoluções*, 11/3/1931; *A Infância e os Preconceitos*, 1/4/1931; *Um Pouco de Panait Istrati*, 20/4/1932; *A Infância que Sofre*, 3/6/1932.

(PAULILO, 2001, p. 8). Escola ativa ou escola da iniciativa também foram termos usados, na época, para designar esse movimento de renovação educacional. No dizer dos intelectuais alinhados à Escola Nova, o processo de aquisição do conhecimento, diferentemente da escola tradicional, surge da ação da criança. E, contrastando com esta, as novas tendências pedagógicas visavam proporcionar espaços mais descontraídos, opondo-se como investigação livre à educação ensinada. Os novos métodos de ensino visavam à auto-educação e a aprendizagem surgia de um processo ativo.

> Quer se tratasse de constituir uma nova política pública de educação, quer de atender as exigências de aprendizagem colocadas por um projeto de reforma social, uma diretriz domina todas as outras, a saber, que o desafio último, tanto da efetivação de uma nova política pública de educação quanto da realização de qualquer projeto de reforma social, era solicitar a participação do sujeito (PAULILO, 2001, p. 8).

Vale destacar que, no seu conjunto de enunciados pedagógicos, a Escola Nova teve como uma de suas propostas descentrar o ensino do professor para centrá-lo no educando. Atribuía-se importância central à atividade da criança, às suas necessidades e aos seus interesses – o aprendizado deveria partir do seu interesse. Tratava-se, portanto, de deixar de perceber a criança como objeto da educação e passar a vê-la como sujeito da educação. O seu mundo deveria ser a referência do processo educativo. "Compreende-se, então, que esse modo de entender a educação, por referência à pedagogia tradicional tenha deslocado o eixo da questão pedagógica do intelecto para o sentimento" (SAVIANI, 1983, p. 12)[20].

Todavia, no discurso escolanovista, dominante nos anos 1920, a crítica formulada aos objetivos estritamente instrucionais da escola dita tradicional não era feita somente em nome da valorização de novos processos e procedimentos de ensino-aprendizagem ou de novas formas de convivência escolar. Nas proposições escolanovistas a educação integral por oposição à instrução também era um aspecto valorizado (CARVALHO, 2005, p. 88). Ideal que permeia muitas das crônicas de Cecília, nos anos de 1930, estando diretamente relacionado à defesa da formação humana e fraterna.

Em outra crônica, intitulada *A Educação como Fundamento das Revoluções*, de 11/3/1931, Cecília refere-se novamente a Panait, por ter dito certa vez que acreditava nas revoluções que tivessem por fundamento a preocupação relacionada à infância. Cecília concorda textualmente com ele, pois considerava que a criança seria a base para a

[20] Sobre essa mudança no *habitus* pedagógico, Clarice Nunes também afirma que “as intervenções pedagógicas dirigidas pelo Estado constituíram parte do processo de uma luta pela cultura, que englobou modos de pensar e sentir. Modos de viver. (NUNES, 2003).

transformação do futuro. O que englobava a transformação da vida, a fim de torná-la melhor para toda a coletividade. “E essa maneira de conduzir a humanidade para um lugar sempre mais belo e de liberdade sempre mais perfeita, é obra educativa, onde quer que se realize, e quaisquer que sejam os seus processos” (MEIRELES, 11/3/1931).

Por meio desses exemplos, podemos notar a construção da moldura ideológica, associada aos discursos da cronista-educadora, de defesa da igualdade e da fraternidade entre os seres, que possibilitasse um trabalho humano, de valorização dos afetos.

Nessa terceira crônica, *A Infância e os Preconceitos*, de 1/4/1931, há uma referência a um dos livros de Panait, *Mijail*, personagem de mesmo nome, mal vestido, que reparte com as crianças as guloseimas que vende. Elas são as únicas criaturas que veem “debaixo dos seus andrajos de filósofo incógnito uma bela alma humana realizada em toda a plenitude”. Cecília se lembra de uma passagem sugestiva para os educadores, a respeito do preconceito entre as crianças de nacionalidades distintas, expresso nos sentimentos de superioridade e humilhação.

Segundo sua visão de mundo e de educação, esse evento não seria passível de acontecer. A cronista, então, conclui seu texto afirmando que “é preciso fazer a criança olhar até o fundo da vida”, o que só poderia ser realizado quando possuísse generosidade em seu coração. De modo que isso ocorra, é preciso que os educadores e os adultos sejam generosos também e “donos de um coração tão claro como o sol e capaz de realizar o milagre de não produzir noites nunca, mas sempre dias fulgurantes e permanentes”.

“O espírito da moderna educação, que é um desarmamento espiritual, e uma esperança de paz inviolável, repousa nesse amor humano sem limites e sem descontinuidade.” Verificamos mais uma vez a defesa de Cecília por uma educação que trabalhasse o intelecto, mas, sobretudo, o espírito humano sensível.

1.2.3 Constancio Cecilio Vigil

Constancio C. Vigil[21], citado em três crônicas[22], é apresentado por Cecília no seu Comentário do dia 21/4/1931, cujo título é o nome do autor. Ela afirma não conhecê-lo, senão através de sucintas informações.

---

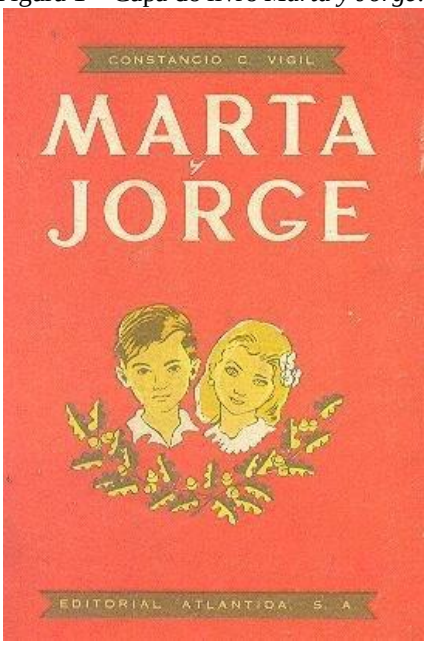
[21] Constancio Cecilio Vigil (1876-1954), escritor e empresário uruguaio, viveu quase toda a sua vida em Buenos Aires. Fundou a Editora Atlantida em 1918, junto com o lançamento da revista de mesmo nome, que chegou a ser líder do mercado de revistas e uma das empresas editoriais mais importantes do século XX na Argentina. Em 1904, fundou sua primeira revista na Argentina, chamada *Pulgarcito*, uma publicação infantil. E em 1919,

Mais adiante, informa que ele já teria escrito quase duas dezenas de livros infantis. “Em cuidadosas edições copiosamente ilustradas, com sugestivas cartonagens que lembram os luxuosos livros de histórias de certas edições inglesas, fazendo sentir no mínimo detalhe que Constancio Cecilio Vigil se preocupa, na verdade, pela formação da infância com um critério que surpreende ainda mais os que analisam os seus livros.”

Cecília o apresenta como um homem que “escreve por ideal, por uma razão de sentimento, por atividade do espírito”. Não obstante dirigir-se a públicos diferentes, as revistas publicadas por sua Editora apresentaram em comum, ao menos nos primeiros anos de sua publicação, os interesses americanistas, pacifistas, higiênicos e morais de Constancio Vigil. Muitas delas cativaram não só o público argentino como também o latino-americano (BONTEMPO, 2014). Assim, Cecília toma conhecimento de sua obra.

O Conselho Nacional de Educação da Argentina aprova cinco dos seus livros, como texto de leitura, respectivamente para cada classe da escola primária. Cecília afirma ter lido todos esses, “com a mais viva alegria, essa clara alegria saudável de quem se encontra com uma coisa inesperadamente bela, e tem vontade de a bem-dizer”, como *Marta y Jorge*, publicado pela primeira vez em 1927.

Figura 1 – Capa do livro *Marta y Jorge*.

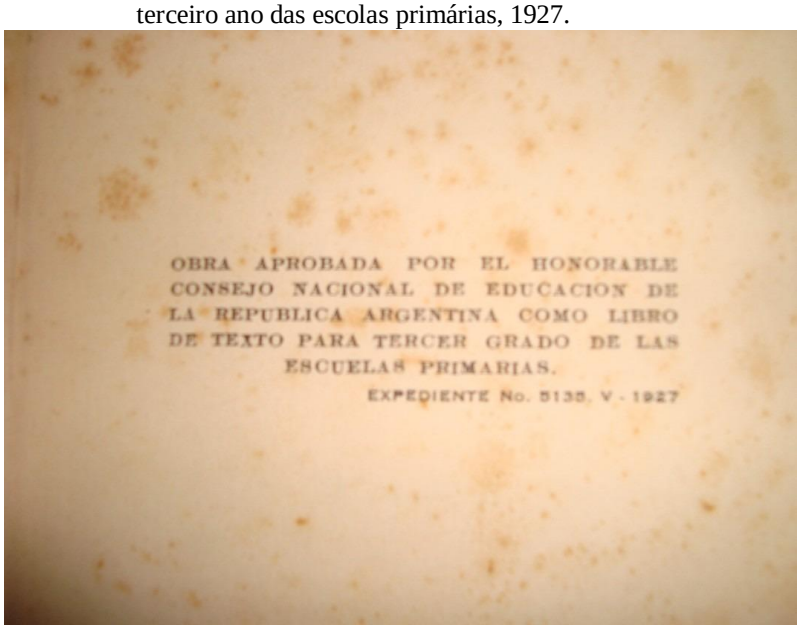


Fonte: http://www.gente.com.ar/nota.php?ID=8065

Billiken, outra publicação infantil. Disponível em: http://revistamistura.com.ar/web/index.php/secciones/especiales/historia/1186-constancio-cecilio-vigil.html

[22] *Constancio C. Vigil*, 21/4/1931; *Os livros de Constancio C. Vigil*, 22/5/1931; *Livros para a Criança*, 26/6/1931.

Figura 2 – Expediente de aprovação da obra como livro de texto para o terceiro ano das escolas primárias, 1927.


OBRA APROBADA POR EL HONORABLE CONSEJO NACIONAL DE EDUCACION DE LA REPUBLICA ARGENTINA COMO LIBRO DE TEXTO PARA TERCER GRADO DE LAS ESCUELAS PRIMARIAS.

EXPEDIENTE No. 5135, V - 1927

Fonte: http://www.gente.com.ar/nota.php?ID=8065

Cecília transcreve um trecho da primeira página desse livro, direcionado para o terceiro ano escolar: "Me chamo Marta y Jorge porque o homem que me escreveu tinha dois filhos com estes mesmos nomes. Os tinha... Já não os tem... Como eles não estão mais na Terra, não pode dizer a eles estas coisas. E se pôs a falar com vocês como se fossem eles[23]". Em acréscimo, conclui afirmando que Vigil realiza tão bem o seu destino de escritor para a infância porque escreve como quem fala, como quem fala a seus filhos.

Parece haver, de certa forma, nos livros de Vigil, uma relação estreita com a escola. Em outra crônica, intitulada *Livros para a Criança*, de 26/6/1931, Cecília transcreve um longo trecho, sete parágrafos ao todo, em espanhol, de um livro dirigido para os últimos anos da escola primária. A cronista destaca que não se cansará de louvar este autor, visto que suas histórias não possuem o "gosto descuidado das anedotas de almanaque, como não apresentam nunca obstáculos de linguagem ou de pensamento que as tornem inacessíveis à criança. Não contêm, ao mesmo tempo, essa moralidade muito discutível da maior parte dos livros que as crianças leem, mesmo os de grandes autores de outras épocas que as mais recentes conquistas da psicologia infantil tornam inaceitáveis hoje".

[23] Cecília Meireles transcreve o trecho em espanhol (tradução minha).

1.2.4 As Fábulas

Como bem divulgado, fábulas são narrativas curtas, muitas vezes identificadas com o apólogo (quando os personagens são seres inanimados, por exemplo objetos) e a parábola, em virtude da moral, explícita ou implícita, que deve encerrar, e da sua estrutura dramática.

Geralmente, são protagonizadas por animais irracionais, cujo comportamento, preservando suas características próprias, deixa transparecer uma alusão aos seres humanos, com um tom satírico ou pedagógico. Até o século XVIII, era escrita na forma de versos e, mais tarde, passou a seguir a prosa como forma de expressão. Sua origem é bastante antiga, provavelmente oriental, mas foi particularmente desenvolvida, na Antiguidade Clássica, por Esopo, escravo grego do século VI a.C., e, posteriormente, por Fedro, escritor latino do século I da era cristã. Modernamente, La Fontaine[24] destaca-se como o mais importante dos fabulistas. Suas histórias, publicadas entre 1678 e 1694, foram amplamente traduzidas e imitadas.

Em língua portuguesa, a fábula foi apreciada desde a Idade Média, mas apenas no século XVIII, graças ao exemplo de La Fontaine, se popularizou. Os árcades portugueses cultivaram-na, ora traduzindo os textos originais, ora compondo suas próprias histórias (MOISES, 1978).

No Brasil, a fábula começou a circular no Romantismo[25], no século XIX. Mais tarde, em 1922, Monteiro Lobato dedica um volume da sua produção literária para as crianças às fábulas, *Fábulas de Narizinho*, que trazia muitas das narrativas de Esopo e de La Fontaine recontadas por ele (LOBATO, 2008).

---

[24] Poeta e fabulista francês, nasceu em Château-Thierry, região de Champagne, em 1621. Foi noviço no Oratório de Reins, mas logo o abandonou e casou-se aos 26 anos. Publica sua primeira coletânea de *Fábulas*, dividida em seis livros, precedida de uma Vida de Esopo, em 1668. Os livros VII a XII das *Fábulas* aparecem em 1678-1679. Falece em 1695. Disponível em: http://www.france.fr/pt/homens-e-mulheres-excepcionais/jean-de-la-fontaine-1621-1695

[25] O ano de 1836 é considerado marco inicial do Romantismo no Brasil, com a publicação do livro de poemas *Suspiros Poéticos e Saudades*, de Gonçalves de Magalhães. Um dos fatos mais importantes do Romantismo foi a criação de um novo público, uma vez que a literatura torna-se mais popular, o que não acontecia com os estilos de época de características clássicas. Surge o romance, forma mais acessível de manifestação literária; o teatro ganha novo impulso, abandonando as formas clássicas. Seus principais autores são: Gonçalves Dias, Castro Alves, José de Alencar, entre outros (BOSI, 1994).

Ao aludir à moral dos livros, podemos destacar também as referências de Cecília ao gênero das fábulas. Há nove crônicas[26] em que estas aparecem como tema. Em uma dessas, *Fábulas*, de 12/11/1932, a autora escreve sobre o perigo dessas narrativas, representado pelo desacordo entre a moral que expressam e a realidade da época em que são aprendidas ou aplicadas. Assim como na crônica do dia 22/3/1931, intitulada *Uma Fábula de La Fontaine*, em que ela alerta para a necessidade de se refletir sobre "se a moral do século dezenove ainda pode ser aceita incondicionalmente no século vinte", uma vez que não seria "tão fácil quanto parece tirar a moralidade de qualquer fábula de modo a satisfazer a criança sem a pôr em oposição com a ideologia da época. De modo que toda a prudência me parece pouca em assunto de tamanha importância". Apesar desses cuidados, a cronista não deixa de reconhecer que muitos da sua geração teriam começado a aprender versos e rimas por meio da leitura desses tipos de texto.

Na crônica *Fábulas*, ela cita o artigo de um professor uruguaio, lido por aquela época, que reabilita a cigarra cantadeira, sempre insultada pela formiga, no fundo, avarenta e mesquinha. Segundo Cecília, ao dar uma nova compreensão a essa história, esse professor, amigo das cigarras, é, sobretudo, um amigo dos poetas, pois restabelece a beleza no mundo. "Num instante em que os valores humanos tão facilmente se confundem e o equilíbrio da vida se perturba, sob as mais graves ameaças, a velha fábula é um erro triste, que as crianças não deveriam aprender. Entre beleza e riqueza, a beleza é que é a virtude mais difícil, a mais forte, a mais admirável. (...) A glória está com a cigarra, dadivosa, perdulária, sem cálculos nem segundas intenções".

Sua preocupação reside no fato de que as crianças não devem assimilar essa lição das formigas interesseiras, que habitam não só as fábulas, mas o mundo também. E faz um alerta para que todos aprendam com o professor a rever o sentido das velhas histórias de moral anacrônica.

Quando se refere à amizade com os poetas, Cecília salienta a visão de que "o coração dos poetas é um clarão que transborda de qualquer cidade. E esse é o milagre da educação que torna os homens universais: dando-lhes uma grandeza interior que irradia sem limitações." (MEIRELES, 22/10/1932).

---

[26] *Uma Fábula*, 22/3/1931; *Literatura Infantil*, 2/8/1931; *Fábula*, 17/10/1931; *Uma Fábula*, 25/11/1931; *O Fim da Fábula*, 28/11/1931; *As Razões do Lobo*, 12/5/1932; *Fábulas*, 12/11/1932; *Variações Sobre o Mesmo Tema*, 15/12/1932; *Tiko*, 5/1/1933.

Dessa maneira, reafirma a defesa de uma escola de fraternidade, de formação do ser humano para o bem coletivo. Assim também podemos acompanhar nesse trecho de outra crônica:

> A obra que hoje se vem tentando, em educação, reflete uma concentração de vocações assim. Há nestas criaturas, que se entregaram à aventura de fazer o mundo melhor, um desencanto absoluto pela felicidade exclusivista, e um desejo angustioso de se repartirem, de distribuirem as vantagens que a vida por acaso lhes tenha oferecido, de darem a todos o seu bem interior, e de verem em redor de si crescer, simultaneamente com o seu, um próspero sonho coletivo.
> Os ideais da moderna educação baseiam-se principalmente nesse comovido interesse humano por uma substituição das vantagens do pequeno número pela sua expansão na maioria (MEIRELES, 4/10/1932).

Na crônica intitulada *As Razões do Lobo*, escreve sobre as condições físicas precárias dos alunos carentes das escolas públicas, reveladas pela estatística do serviço médico escolar. Demonstra preocupação com a melhoria dessa situação e convoca a todos para uma colaboração nesse empreendimento.

> É verdade que a ventura costuma dar leveza ao pensamento; mas não haverá em todos nós uma parte de responsabilidade pela vida dos semelhantes, seja ela boa ou má?
> Uma preocupação demasiado individualista; uma [ilegível] de coração que nem os terrores religiosos ainda corrigiram; um egoísmo árido e sombrio não terão pelos séculos afora elaborado este sofrimento infantil que hoje a Nova Educação, com o seu sentido altamente humano, evidencia e tenta extinguir?
> Precisamos dar às obras de cooperação que se desenvolvem em redor da escola uma atenção mais profunda e mais consciente.
> Aqui, o lobo de La Fontaine tem razão: se não somos nós que estamos fazendo mal, foi, decerto, algum parente nosso que o fez... (MEIRELES, 12/5/1932)

Mais uma vez podemos notar sua intenção de, através da renovação educacional, trabalhar pela solução dos conflitos, que atingem não só a vida de um único indivíduo, mas, a do mundo inteiro. Trabalho que envolve a visão de humanidade como um todo coletivo, de fraternidade, cooperação e igualdade.

Em *Variações sobre o mesmo Tema*, crônica de 15/12/1932, Cecília se utiliza da fábula da coruja e do gavião[27], para indicar ao leitor como muitas pessoas podem sofrer prejuízos por fornecer informações inexatas. Traça, inclusive, um paralelo em relação às "nossas escolas", quando imagina uma situação de visita de uma autoridade querendo prestar um benefício. A diretora, apaixonada pelo seu trabalho e pela sua dedicação, começa a

[27] Há fontes que atribuem a autoria dessa fábula a La Fontaine. No Brasil, ela foi recontada por Monteiro Lobato.

fantasiar a situação do ensino e as condições do meio. Sem ter algo por fazer pela melhoria da escola, a autoridade vai embora.

A autora não julga a atitude da diretora criada por ela, que, por ignorância ou pretensão, construiu uma falsa realidade. Parece procurar, através do seu texto, discutir a necessidade de se ver para além das palavras. Talvez estivesse criticando a falta de sinceridade e ponderação de alguns sujeitos envolvidos com o processo educacional.

Ademais, convém salientar que seus textos revelam as leituras realizadas, antes ou durante o seu trabalho como cronista no jornal. Outrossim, seus conhecimentos literários e pedagógicos não parecem puros ornamentos; aprofundam o conteúdo de sua escrita.

Há mais uma crônica em que Cecília fala sobre fábula, *Tiko*, de 5/1/1933. Inicia seu texto elogiando o criador das fábulas:

> Aquele que um dia inventou atribuir aos animais uma linguagem para assim criticar o mundo dos homens foi uma inteligência excepcional, que, acima de tudo, percebeu a inutilidade das correções diretas, e as docilidades das criaturas aos meios sugestivos de qualquer dialética mais obscura e capciosa. Antes que os psicólogos nos viessem contar como se arranjam essas coisas, neste maquinismo frágil e complicado que somos, já a história da humanidade nos tinha ensinado, com muitos exemplos nítidos, essa verdade, vivida também aliás fora das fábulas...
> Ficamos de posse desse segredo: que as descobertas interessantes que fazemos acerca da vida são mais acreditadas, mais bonitas, e até nos dão mais prestígio se as transferimos da nossa boca ou da nossa pena para a pena ou a boca de um animal (MEIRELES, 5/1/1933).

Tiko é o título de um livro, de autoria de Consuelo Pani[28] – *Tiko, memórias de um cão de letras*. Muito elogiado por Cecília, que o acha tão agudo em suas observações, tão superior em seus raciocínios, tão espontâneo e justo na sua moral que, "depois de se conviver com ele em cento e poucas páginas, tem-se vontade de converter em cão um certo número dos nossos conhecidos, e até algumas das nossas amizades. Que os meus amigos e conhecidos me desculpem..."

Nesse texto, Cecília transcreve alguns trechos em francês do livro, o que nos revela sua proficiência em ler em língua estrangeira e também nos faz pensar nas possibilidades de tradução dos livros estrangeiros aqui no Brasil por aquela época[29].

---

[28] Não foi possível obter informações a respeito da autora. Seu nome foi encontrado como verbete na *Enciclopedia de la Literatura en Mexico*, somente com a informação da obra publicada, *Tiko. Memorias de un perro letrado*. Mexico, Editorial Cultura, 1933. http://www.elem.mx/

[29] Após a Revolução de 1930, houve um crescimento da edição de livros, na medida em que os acontecimentos despertaram nos brasileiros instruídos uma preocupação por seu país e seus problemas. Mas além disso, havia o fator econômico. A depressão mundial desencadeada a partir de 1929 resultou nos valores proibitivos dos livros importados, até então predominantes no mercado brasileiro (HALLEWELL, 2005).

Voltando ao tema da crônica, a autora afirma que, por ser educado, Tiko não disse aos homens uma coisa que precisavam ouvir, a de que não houve na história exemplo de tanta barbaridade entre os cães. “Eu, infelizmente, não posso meter numa coluna de jornal um livro de cem páginas: senão, passava para aqui toda a experiência de Tiko, muito mais eloquente que um Comentario, e depois... com aquele prestígio da fábula...”

Por fim, transcreve um trecho em que Tiko conta aos homens que eles não podem imaginar como os cães são felizes quando possuem o direito de correr à direita ou à esquerda, segundo seu desejo, e que eles não são a ponta de uma coleira. Cecília afirma que, na verdade, não há muitos homens que saibam disso. E que a prova está nas tentativas de renovação educacional, “que sempre encontram desses amadores de correntes e mordaças, cujos ideais não vão nem sequer ao modesto sonho de uma liberdade ainda que tardia... – como já esteve no destino do Brasil...”.

As fábulas, mesmo sendo narrativas ficcionais, possuem um fundo didático. Portanto, Cecília as utiliza na medida em que se aproximam das mensagens que pretende transmitir, como para combater “os amadores de correntes e mordaças”.

Muitos dos intelectuais engajados no projeto de renovação educacional viam a escola tradicional como uma educação adaptada a uma sociedade estática, que formava indivíduos unicamente capazes de reproduzir o já existente, indivíduos sem iniciativa própria, todos iguais. Assim, os métodos que propagavam consistiriam, sobretudo, na memorização, na repetição. Conforme Saviani (1983, p. 10), na pedagogia tradicional o papel da escola é difundir a instrução, transmitir os conhecimentos acumulados pela humanidade e sistematizados logicamente. Dessa maneira, a escola se organiza como uma agência centrada no professor, o qual transmite o acervo cultural aos alunos e a estes cabe assimilar os conhecimentos que lhes são transmitidos. Logo, os discursos educacionais do início do século XX passaram a representar, em oposição aos procedimentos tradicionais que conduziam o ensino brasileiro, inovação e renovação.

1.2.5 Johann Wolfgang von Goethe

No dia em que se completavam cem anos da morte de Goethe[30], 22/3/1932, Cecília escreve uma crônica cujo título é o nome do escritor. Nela, exalta o espírito sublime do poeta, de não ter perdido o seu reconhecimento mesmo depois de um século de morto. Além disso, ressalta o fato de o autor ser lembrado pelo presidente da Alemanha como um símbolo de patriotismo.

> Mas de onde vem que um poeta, por muito grande que o seu nome seja, se transforme assim na inspiração de uma raça, e, vencendo a prova de um século, permaneça como modelo para os outros homens, e sustente a esperança de uma pátria (...)?
> É que Goethe foi o poeta que fez sua obra em si mesmo. O homem para quem a própria vida vivida, se não foi o seu mais belo verso, foi o motivo para esse verso mais belo.
> Essa obra de poeta realizada com a ardente matéria de uma vida de dons extraordinários, é, em suma, e em toda a sua extensão, uma obra altamente educacional.
> Mas fez da sua vida o poema de certeza, de força, de beleza rude e altíssima que hoje Hindenburg invoca sobre a Alemanha, como o cântico da raça, corajoso e repleto de inspiração.
> E o poeta que vai descer entre repiques de sinos, sobre um povo ansioso de glórias duráveis, só pode ensinar a esse povo a poesia de viver superiormente, de não esquecer nem abastardar o sentido excelso da vida (MEIRELES, 22/3/1932).

No excerto, podemos perceber o pensamento de Cecília acerca da valorização dos poetas frente às questões educacionais. Para ela, era natural que houvesse uma assonância completa entre educação e poesia, "uma vez que ambas são a própria ansiedade de representar a vida..." (MEIRELES, 30/07/1932).

Em matéria de educação, acreditava na poesia acima de tudo, por saber que os poetas, pela maneira de verem as coisas em suas linhas essenciais, sabem distinguir a verdade mais pura dos fatos, se não a percebem por intuição, continuando o milagre artístico, que consiste em ver e revelar o que ainda não se evidenciou à clareza de todos os olhos. Além disso, a seu ver, poesia e educação têm em comum o fato de serem realizações de amor (MEIRELES, 11/01/1933).

Segundo Cecília, não só a poesia, mas a arte como um todo possuiria uma claridade que alarga todos os panoramas e faz o homem ir além de si mesmo, no convívio da totalidade

---

[30] Johann Wolfgang von Goethe (28/8/1749 – 22/3/1832), escritor alemão e pensador, que também realizou incursões no campo da ciência. Escreveu romances, peças de teatro, poemas, escritos autobiográficos, reflexões teóricas na área da arte, da literatura e das ciências naturais (MONTEZ, 2006).

das vidas que interpreta (MEIRELES, 18/02/1932). Nesse sentido, a elevação seria o mais justo dos desejos humanos. Cada um, cada vez mais além de si mesmo (MEIRELES, 21/08/1932).

Esses sentidos dados, por ela, à arte e à poesia e, consequentemente, aos poetas, estão intimamente relacionados ao intuito e à finalidade da educação, também conforme sua visão. A educação deveria ser um processo para tornar os homens mais felizes. Dando-lhes a liberdade indispensável a essa condição, facultando-lhes uma atitude criadora que os fizesse crer em si mesmos e um poder que os ampliasse até onde pudesse ir a ambiciosa órbita de todos os sonhos (MEIRELES, 4/08/1932).

Na sequência, Cecília escreverá mais quatro crônicas, além dessa, intituladas *Goethe*. Na primeira, a cronista nos traz um pouco da infância do poeta e, por extensão, do ser humano em geral.

Inicia o texto com uma afirmação do biógrafo de Goethe, Emil Ludwig[31], de que não seria possível recontar a infância do escritor porque não havia documentos autênticos sobre sua vida naquela época. Cecília duvida de que aquele que sentia a necessidade de penetrar na intimidade dos homens e das coisas teria sido, na infância, um desinteressado pelos acontecimentos ao redor da sua vida, visto ser essa a fase, por excelência, de observação do ambiente.

Em seguida, transcreve uma passagem de Goethe, sem mencionar a obra, "Toda oposição ativa é um crime; as privações e punições ensinam depressa a criança a se retrair sobre si mesma, e como, afinal, para ela não há desejo nenhum tão difícil assim de realizar, em breve se torna maliciosa e dissimulada".

No desenvolvimento do texto cita Ludwig, sem fazer referência à obra ou à data, para contar que Goethe conviveu durante sua infância com um pai severo, orgulhoso e ambicioso e uma mãe, segundo ele próprio, quase infantil, risonha e ingênua. Nesse ambiente contrastante, Cecília infere que Goethe teria construído sua própria personalidade; não teria herdado e nem mimetizado as características dos seus pais. Optou por um mundo de renovações constantes,

[31] Nome original, Emil Cohn (1881-1948). Escritor alemão conhecido internacionalmente por suas biografias populares. Aos 25 anos começou a escrever peças teatrais e poemas. Depois de servir como correspondente estrangeiro, para um jornal alemão, durante a I Guerra Mundial, escreveu um romance, *Diana*. Em 1920, publicou a biografia de J. W. Von Goethe, que o firmou como escritor na "nova escola" de biógrafos, que enfatizava a personalidade do sujeito. Disponível em: http://www.britannica.com/EBchecked/topic/350822/Emil-Ludwig. As biografias romanceadas de Ludwig figuravam entre os gêneros de maior vendagem no mercado editorial brasileiro, nas décadas de 1930 e 1940 (MICELI, 2001).

de inquietudes e incertezas, não aceitando um estado de imobilização. Talvez desses sentimentos tenha se originado a grandeza da sua obra.

Goethe, segundo a crítica literária, possui uma vasta obra, que abarca desde a ficção e a crítica literária, passa pelas ciências naturais (como geologia, mineralogia, botânica, ótica, entre outras), faz incursões nas artes plásticas, na estética, na história e na filosofia. A orientação da sua obra estaria fundamentada no princípio essencial de que não pode existir verdade onde não há poesia e vice-versa, como mostra o título da sua principal autobiografia, *Poesia e Verdade*, iniciado em 1809 e concluído em 1831.

Seus textos possuíam um tom libertário, plebeu e satírico, incluindo os dramas, como o conhecido *Werther*[32] e a sua lírica. O que prevalece em quase toda a sua produção inicial é uma dicção que abrange a crítica social, religiosa e política, visto que, nesse período, meados do século XVIII, não obstante as diferenças entre as cortes, a sensação era a de uma sociedade controladora e opressora (MONTEZ, 2006).

Na sua viagem à Itália, Goethe se depara com uma nova sensação e constatação de ruptura com a ânsia subjetivista, reencontra-se, então, com a intensidade dos sentidos, com a vida simples, com a natureza não estática, em eterna evolução[33].

Na segunda crônica, do dia 24/3/1932, Cecília inicia seu texto apresentando grandes personalidades que não se adequaram às escolas que foram obrigadas a frequentar, desinteressando-se ao ponto de abandonarem os estudos. Cita o livro *Como educa el Estado a tu hijo*, de Julio Barcos, no qual é citada uma quantidade de casos típicos desses maus estudantes como: Newton, desatento nos estudos e medíocre como aluno, foi retirado da escola aos quinze anos; Darwin, era considerado pela família como uma verdadeira desgraça; Napoleão, na escola militar ocupava o quadragésimo segundo lugar na classe; Hegel, saiu da Universidade com a fama de estudante medíocre e deficiente em Filosofia; dentre outros.

Cecília, então, se questiona sobre o que explicaria esse afastamento da escola de pessoas de destaque nas ciências, filosofia, política e história.

---

[32] *Os Sofrimentos do Jovem Werther* foi publicado em 1774. Livro mais lido por seus contemporâneos, foi o primeiro romance alemão a ganhar o mundo e compor a literatura universal. Escrito quando o autor tinha 25 anos, trata-se de um romance epistolar, que reelabora traços autobiográficos da paixão não correspondida do escritor por uma jovem de 19 anos e trata do impulso suicida como uma forma de doença para a morte (CAVALCANTI, 2006).

[33] Goethe viaja para a Itália em 1786 e passa quase dois anos em solo italiano. O motivo que o faz viajar seria uma tomada de consciência de que era preciso mudar a sua vida e sentia uma crise existencial com contornos ideológicos. Lá frequenta museus, visita pintores e faz observações botânicas e geológicas. Mais tarde, reuniu em livro, as cartas e os diários da viagem (MONTEZ, 2006).

> Desenvolvimento tardio dos gênios? Aptidões especiais, secretamente governadas por forças difíceis de definir?
> Ou por fracasso da escola? Fracasso do professor, fracasso dos programas, fracasso do conhecimento da alma do aluno, submetido a rotinas, a comodismos, a interesses estranhos à vida e à liberdade da infância e da juventude; a conveniências dos tempos, ou a sectarismos do pensamento? (MEIRELES, 24/3/1932)

Goethe parecia diferente desse grupo mencionado, pois tivera uma infância sobrecarregada de estudos. O pai procurou dar-lhe uma instrução vastíssima. Aprendeu três línguas: francês, inglês e italiano, piano, violoncelo, pintura, desenho, história, geografia, equitação. Em seguida, foi para a Universidade de Leipzig estudar Direito. Entretanto, não conclui o curso, vindo a licenciar-se em Direito, em 1771, pela Universidade de Estrasburgo.

Esse contraste estabelecido entre esses personagens e Goethe nos faz entender a crônica de Cecília não como uma defesa da educação de Goethe ou do seu intelecto genial. É possível estabelecer correlações entre o tema desse texto e o que ela parece querer trazer para a discussão – o quanto a escola tradicional embotava o desenvolvimento dos indivíduos, em decorrência da transmissão de conhecimentos enciclopédicos, que talvez mais atrapalhassem do que instruíssem seus alunos.

O problema residia em ser a escola estruturada segundo um sistema de ensino que visava à transmissão de conhecimentos preestabelecidos em currículo rígido para os alunos. O saber escolar era visto como exterior ao aluno, não correspondia necessariamente ao que ele estava interessado em aprender. O centro estrutural da escola tradicional eram o professor e o livro, portadores do conhecimento que deveria ser dominado pelos alunos. Por esse motivo, a antiga pedagogia era vista pelos escolanovistas, em geral, como ineficiente e até prejudicial, porque além de os alunos não poderem seguir seus interesses, eram forçados a centrar-se em objetos que não correspondiam à vontade de aprender.

No dia 25/3/1932, Cecília discorre sobre a capacidade de superação que a educação proporciona aos indivíduos como um dos seus benefícios e ressalta o dinamismo da vida.

> Se a criatura humana pode possuir uma virtude que lhe justifique a existência, essa é a de estar sempre numa possibilidade de ir além de si, de vencer as adversidades da sua própria condição, para realizar o destino com a serenidade de quem o governa, ainda que seja apenas para saber distribuir em si mesmo as infelicidades e as dores.
> E a educação, com todos os seus complexos caminhos, não é, por fim, senão uma arte de fazer o homem dono do seu destino, com a responsabilidade que de tão difícil tarefa lhe advém, mas com o júbilo grave e profundo que, também, sempre se encontra na posse de uma responsabilidade.

De modo a sustentar seu argumento principal, cita Goethe nessa crônica, por se tratar de um homem que apresenta aspectos duplos, instáveis e transitórios. Características que

desagradariam as pessoas que "preferem as existências tranquilas, desenvolvendo-se por um processo de crescimento contínuo, sem choques e sem decadências, para uma plenitude verdadeira ou virtual". No entender de Cecília, a obra educacional não se propunha a reduzir todas as criaturas vivas a um determinado padrão, antecipadamente escolhido numa escala. O equilíbrio necessário para o mundo não seria o de um nível estático, que se pretendesse fazer os homens alcançarem; seria feito de desigualdades que se harmonizam, satisfeitas todas elas com a posição em que se encontram, pelo simples fato de, dentro dela, estarem pondo em jogo, o mais intensamente possível, todas as suas atividades, para a sua brilhante expansão. Segundo suas próprias palavras: "as desigualdades fecundam-se, inspiram, sugerem, atraem" (MEIRELES, 23/01/1932).

Na quinta e última crônica ainda intitulada *Goethe*, do dia 27/3/1932, é transcrito um diálogo entre Mephistopheles e um estudante de Leipizig sobre os cursos universitários e o ensino contido nos livros, ambos personagens do *Fausto*[34].

Necessário notar que a tragédia *Fausto* é um dos textos que empresta a Goethe repercussão universal. Nela, pode-se dizer que o poeta expressa a experiência de toda sua existência. O autor afirma em *Poesia e verdade* que essa obra representa o *"suma sumarium"* de sua vida, haja vista Goethe ter trabalhado durante 60 anos com esse tema: de 1772 até 1832, pouco antes de sua morte. Em seu longo processo de elaboração, esse texto congrega as várias transformações pelas quais passou em sua vida: os vários períodos literários da época, as diversas atividades junto ao Estado, no meio teatral, seus interesses científicos e seus estudos filosóficos (HEISE, 2014).

Fausto, além de ser a obra simbólica da vida de Goethe, adquire também significado universal por materializar o mito do homem moderno, o homem que busca dar significado à sua vida, que precisa tocar o eterno e compreender o misterioso. Sob este aspecto, o mito fáustico transforma-se em um mito vivo, um relato que pode conferir um modelo para a conduta humana. Convém salientar que a relação do Fausto com o conceito de mito deve ser entendida no sentido de fábula, de ficção, uma vez que a obra de Goethe baseia-se na lenda medieval sobre a figura histórica do doutor Fausto.

Com a transcrição desses trechos, Cecília novamente continua trazendo à tona discussões a respeito do processo de ensino e de aprendizagem. Além de incluir uma reflexão sobre a autoridade dos conhecimentos contidos nos livros.

---

[34] Em alemão, *Faust*, é um poema trágico, dividido em duas partes. Escrito como uma peça de teatro, com diálogos rimados.

A cronista também discute sobre o papel do livro na crônica intitulada *Uma atitude e o seu reflexo*, de 7/12/1932. A atitude à qual a autora se refere é a de que:

> O dr. Anísio Teixeira, tendo sido nomeado professor do Instituto de Educação, acaba de declinar dos honorários correspondentes, enquanto, conjuntamente, permanecer como diretor geral de Instrução, solicitando, ao mesmo tempo, ao interventor, seja essa verba aplicada na organização da biblioteca daquele Instituto.

Em relação a esse fato, Cecília tece comentários a respeito da importância do livro, da literatura e de uma biblioteca para o ambiente escolar, principalmente se tratando da escola de formação dos professores.

> Quando a renovação educacional começou a conquistar o nosso meio, uma das primeiras novidades surgidas e proveniente da má interpretação da Escola Nova foi a hipótese de ser o livro objeto dispensável, desnecessário, talvez inútil e quem sabe até ser pernicioso.
> A literatura, tão pouco estimada sempre, recebeu um golpe mais forte. O pensamento escrito foi todo confundido numa dessas generalizações mesquinhas com que se envolvem o certo e o incerto, na turbulência precipitada das incompreensões.
> Mas o tempo possui mãos serenas que colocam os fatos em seus justos lugares: foi-se fazendo, a seguir, a distinção entre o livro e o livro, o pensamento e o pensamento. Saiu dessa seleção um novo sentido para uma vida nova. O pensamento e o livro que o fixa reconquistaram para o seu prestígio o brilho toldado.
> Nenhuma prova mais significativa dessa vitória que uma biblioteca surgindo sob o patrocínio do próprio diretor de Instrução, que, sem afazeres copiosos, quis reunir uma docência de cujas qualidades é testemunha o professorado que às suas aulas tem assistido.
> Ora, qualquer biblioteca assim criada teria uma significação muito particular e digna de nota. Acresce, porém que esta é a daquele mesmo Instituto de onde deverá sair um magistério novo, retemperado em suas energias e em sua inspiração (MEIRELES, 7/12/1932).

Neste trecho, podemos perceber que o livro adquire, no contexto da renovação educacional, papel de destaque. A princípio pensado como dispensável, desnecessário e até pernicioso, reconquistou seu prestígio de suporte que fixa o pensamento nos signos escritos. O livro é representado, pois, como um dos dispositivos privilegiados pelos educadores escolanovistas para disseminar novos hábitos de leitura.

Conforme o movimento de renovação à época, a leitura, assim como a escrita, foi sendo incorporada pela escola de acordo com os novos preceitos, como a disciplinarização do corpo e o respeito à individualidade da criança. A escolarização da leitura repousou num movimento de impregnação das práticas escolares pelas práticas culturais e sociais historicamente constituídas. E a forma apropriada de ler também tendeu a ser normatizada a

partir de mudanças nas relações espaciais, materiais, temporais e sociais estabelecidas no interior da escola primária (VIDAL, 2010, p. 504).

Vale reafirmar que se vivia um momento de crescimento das cidades. Portanto, a população necessitava de um maior domínio dos textos, a fim de transitarem por uma cultura cada vez mais associada ao impresso. Ou seja, essa transformação não era determinada apenas pela renovação pedagógica, mas também pelas próprias exigências das transformações sociais e culturais associadas ao cientificismo, ao industrialismo.

Para além dessas transformações, o impresso funcionou também como dispositivo de configuração do campo da pedagogia e de conformação das práticas escolares, durante a disseminação do chamado escolanovismo no Brasil. Após a Revolução de 1930, os dois grupos que se antagonizavam na luta pelo controle do aparelho escolar – católicos e pioneiros[35] – precisavam conquistar a adesão dos professores para os seus preceitos pedagógicos. E nesse embate o impresso desempenhou um papel fundamental,

> Na forma de livro de estudo para a Escola Normal, de livro de formação integrante de uma Biblioteca Pedagógica, de artigo de revista dirigida ao professor, de instrução regulamentar endereçada às escolas, de artigo de polêmica em jornal de grande circulação etc., o impresso será dispositivo de regulação e modelagem do discurso e da prática pedagógica do professorado (CARVALHO, 2005, p. 89).

Caberia, então, à escola tornar-se um dos principais espaços responsáveis por oferecer os meios para a ampliação do universo de leitura do aluno. Esta instituição deveria enfatizar o recurso à leitura em silêncio, ao mesmo tempo em que teria de disponibilizar uma maior quantidade de livros ao público escolar, garantindo a sua qualidade. A leitura silenciosa se fazia necessária pois agilizava o ritmo do ato de ler, o que possibilitava o acesso a um número maior de textos e de informações. Isso estimulava a leitura extensiva, em lugar da leitura intensiva.

De volta à crônica *Goethe*, de 27/3/1932, percebemos que os trechos escolhidos por Cecília apresentam uma ironia com relação aos cursos universitários e ao conteúdo do que se encontra nos livros. Cecília atribui ao próprio Goethe as decepções com o ensino livresco e, por isso, coloca em Mephistopheles um discurso malicioso nas respostas ao rapaz. Como observamos neste texto sobre a infalibilidade do professor:

---

[35] Denominação alusiva à condição de signatário do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, publicado em 1932, que, como enfatizamos, defendia um sistema nacional de educação pública, gratuita e laica.

> Disto saca um proveito: é ficar certo
> De que o seu mestre não falseia o livro,
> Nem lhe acrescenta um jota. Não obstante,
> Desunhe-se a escrever na caderneta
> Quanto ele proferir como ditado
> pelo Espírito Santo.

Depois, discorre sobre os cursos de Jurisprudência, não desejados pelo rapaz, com o que Mephistopheles concorda: "Não sei que exista faculdade mais chocha". E sobre Teologia, este diz que "Também nesta ciência, o mais seguro é não pensar por si, mas jurar sempre na palavra do mestre". O conhecimento contido nos livros estaria acima das contribuições do professor e repararia qualquer mal-entendido por parte do aluno.

Para se entender a polissemia relacionada à figura do doutor Fausto, torna-se importante ressaltar que não se trata apenas de um charlatão que se tornou rico e famoso por ter feito um pacto com o diabo, como se afirma comumente. Cabe lembrar que o mito criado em relação a essa figura histórica tem sua origem em uma época de crise, a transição entre a Idade Média e a Idade Moderna, época caracterizada por profundas mudanças, na qual conceitos até então inquestionáveis começam a ser colocados em xeque.

Analogamente, podemos pensar que a escolha dessas passagens parece revelar, ao lado da admiração de Cecília Meireles por Goethe, o seu espírito crítico diante das mudanças políticas, econômicas e sociais da sua época. O Rio de Janeiro era então a Capital do país, sediava o centro político da Primeira República e tornava-se, portanto, o local privilegiado dos representantes políticos para atuarem nos seus projetos de modernização. O Rio encontrava-se no centro da própria polêmica, não só por ser o pólo de atração e civilização de toda a nação, como, por isso mesmo, encarnar os estigmas do "passado e atraso" a serem por todos vencidos (GOMES, 1999).

As afinidades entre Cecília e Goethe residem, então, na ideia de que a arte nunca se separa da vida. Vida aqui entendida como a força que absorve, transforma e governa os elementos. E que deve ser conhecida e entendida, teoricamente, através dos livros e escritos, ou, na prática, experimentada e vivida profundamente. Como a poetisa afirma em uma de suas crônicas – este viver debruçado sobre os dias, com os olhos interrogando cada minuto que chega e teima em ficar silencioso, sem se saber o que guarda em tal silêncio, é um sofrimento impossível que só os poetas sabem, mas que se faz muito difícil viver fora da poesia (MEIRELES, 29/12/1931).

1.2.6 O Oriente presente nas crônicas

> Há os que não percebem a sua situação de elemento de um todo perpetuamente em movimento
>
> *Meireles, 10/11/1931.*

Em 14 das suas crônicas jornalísticas, Cecília Meireles faz referência ao Oriente. Nesse conjunto expressivo podemos incluir autores do Japão, da China, da Índia e da Pérsia.

1.2.6.1 Lafcadio Hearn

Do Japão, ela traz o autor Lafcadio Hearn[36], um dos primeiros autores ocidentais a escrever livros sobre o Japão. Quando se casou com uma japonesa, tornou-se cidadão japonês e assumiu o nome Yakumo Koizumi.

[36] Lafcadio Hearn (1850-1904), nasceu na ilha grega de Lefkas. Em 1890 foi para o Japão trabalhando como jornalista e começou a dar aulas de inglês. Mais tarde casou-se com Setsu Koizumi, filha de um samurai. Foi professor de literatura inglesa na Universidade Imperial de Tokio e escreveu alguns livros sobre o Japão: *Glimpses os Unfamiliar Japan*; *Kwaidan: Stories and Studies of Strange Things*; *Japan: An Attempt at Interpretation*; entre outros. Disponível em: http://www.trussel.com/f_hearn.htm; http://www.goodreads.com/author/show/35238.Lafcadio_Hearn; http://lafcadiohearn.jp/misc/life.html; http://www.nndb.com/people/082/000084827/.

Figura 3 – Capa do livro *Kwaidan*

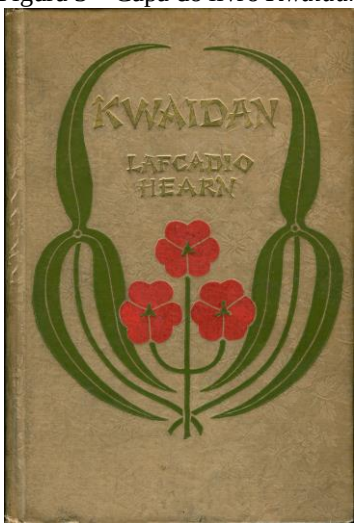
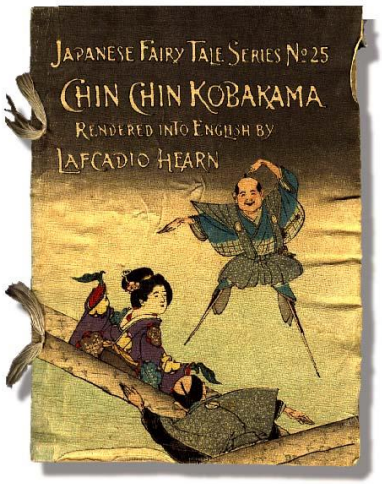


Figura 4 – Capa do livro *Contos de Fada Japoneses* (Vertido para o inglês por Lafcadio)



Na crônica, *Uma Criança Japonesa*, de 20/11/1931, Cecília escreve sobre o autor e emite comentários sobre ele.

> O grande apaixonado do Japão, que fez sua vida florir com voluntária alegria nesse ambiente de sugestivas serenidades cuja mais pura expressão está nesse ritmo com que o Fuji sobe para o céu, embora deixando seu retrato sobre as águas.
> O olhar com que envolveu o Japão levava cansaços trágicos. A visão que lhe ofereceu a terra dos "homens de cabelos negros" foi uma recompensa definitiva para sua angústia, angústia de sonhador que não consegue a verificação dos próprios sonhos, contrariando sempre pelo jogo de realidades incompreensivas e hostis.
> Todo o Japão ficou vivendo na sensibilidade de Lafcadio com essa vibração extraordinária das coisas que se fazem novas pela inédita vida que lhes dão seus descobridores (MEIRELES, 20/11/1931).

Segundo Cecília, ele teria revelado o pensamento japonês, suas certezas, suas vitórias e os seus problemas.

> E, entre esses problemas, situou, com uma delicadeza muito sua, surpreendida e comovedora, os da educação popular, fixando alguns instantes do seu convívio com os estudantes japoneses, seus alunos, e pequenas cenas infantis que ficaram na sua obra como leques abertos sobre uma noite de festa exótica – a festa de uma alma que se apoderou da sua verdadeira geografia e ficou dizendo suas verdades sentidas com o nome novo que os caminhos lhe puseram na boca...

Mais adiante, descreve uma cena, aparentemente narrada pelo próprio Lafcadio em uma de suas obras.

> Tal a cena mínima daquelas duas crianças que brincavam na areia, com pequenos gravetos.
> Uma dizia à outra: – É assim que se escreve a palavra HOMEM.
> E punha os gravetos na posição do ideograma. Depois explicava: – Estás vendo? Dois pausinhos sustentando-se, um amparando o outro...
> Lafcadio ficou sorrindo. Aquela criança sabia tudo. Sabia todas as coisas infinitas que dormem dentro de cada coisa simples. Sabia o sentido da vida que anda ignorado ou esquecido... Sabia o que em cada tempo se recomeça a aprender, infindavelmente.
> Sabia o que os educadores de hoje querem conseguir despertar lucidamente na consciência humana. A verdade silenciosa da própria vida. A verdade que é a própria vida. Verdade gloriosa que uma criança disse por acaso, e que os homens custam tanto a dizer, com tanto esforço...

Nessa crônica, um tanto lírica, Cecília descreve um autor sensível à causa da infância e da fraternidade humana. Assim como ela própria, idealista de um mundo irmanado, onde os indivíduos possuíssem a dignidade de conviver com mais igualdade e humanidade. Vale reafirmar a feição espiritual contida na sua arte, inspirada em um devotado misticismo. Assim, o oriente se faz presente na sua obra poética, assim como na sua vida (DAMASCENO, 1967; OLIVEIRA, s.d.) e nas suas crônicas no jornal, conforme podemos observar.

Lafcadio será citado em mais três crônicas, todas intituladas *O Primeiro Dia de Aula*. Na primeira, a cronista trasncreve três redações de alunos de Lafcadio, registradas por ele durante o seu trabalho como professor em Kumamoto. Registra Cecília: “há umas composições de alunos seus sobre o primeiro dia passado na escola, interessantíssimas, para qualquer pessoa e que me parecem ainda mais para os leitores desta página” (MEIRELES, 26/12/1931).

O primeiro menino conta o que aconteceu na escola e que correu para casa para contar à mãe o que o professor havia ensinado. Ficou muito feliz sem ter palavras para descrever o

que sentia, mas declarou que o professor era mais instruído do que o seu pai e do que todos, que era um homem extraordinário, o melhor homem do mundo.

O segundo se refere ao professor com simpatia. Ele ficara com medo de ir para a sala de aula sem os irmãos e o professor permitiu que seu irmão saísse de sua sala para acompanhá-lo.

Na terceira, o aluno conta ter sido abordado pelo diretor que disse para ele chegar a ser um grande sábio e o mandou para uma sala de aula, onde havia quarenta ou cinquenta alunos. No início ficou com medo, mas ao mesmo tempo feliz por ter tantos companheiros. Depois de algum tempo começaram a brincar juntos e todos pareciam felizes com a sua companhia.

Cecília faz um esclarecimento, segundo Lafcadio, de que essas três composições haviam sido escritas por alunos que tinham recebido sua primeira educação sob o sistema atual de instrução[37], que proibia qualquer crueldade por parte do professor.

No dia seguinte, com o mesmo título, Cecília reproduz mais três redações sobre os primeiros dias de aula. Inicia sua crônica já com a redação de outro aluno, que fora educado na época anterior àquela dos estudantes da véspera.

Ele conta que não havia escolas comunais como mais recentemente. Em cada província havia uma espécie de associação de estudantes, composta de filhos de Samurais. O homem que não fosse Samurai não poderia incluir seu filho nessa associação, que ficava sob o controle do Senhor da Província. Este nomeava um diretor para governar os estudantes. A língua e a literatura chinesas eram o principal estudo do Samurai. Os demais cidadãos e os camponeses deviam enviar seus filhos para as escolas primárias chamadas Terakoya, onde a instrução era, em geral, ministrada por um único professor. A aprendizagem se limitava à leitura, escrita, cálculo e um pouco de instrução moral.

O menino conta que, no início, não queria ir para a escola, mas seu avô o obrigava, batendo nele com a bengala. A disciplina na escola era muito severa. Se o aluno não obedecesse, apanhava com bambu, deitado no chão, para receber seu castigo.

O segundo descreve a escola: “Uma grande grade, um edifício imponente e uma enorme e triste sala, com filas de bancos. Os professores pareciam muito severos; não gostava de suas fisionomias”. “Os professores pareciam maus”. Conta que o professor, com um chicote na mão, fez a chamada. Quando chamou o seu nome, ele começou a chorar e foi mandado para casa.

---

[37] Últimos anos do século XIX, conforme informação da própria cronista.

O terceiro menino conta que foi para a escola da sua aldeia aos sete anos de idade. Ficou muito contente por ter ganhado do pai dois pincéis de escrever. Mas seu primeiro dia lá foi desagradável. A princípio não conhecia ninguém e se sentiu sozinho. Esse também se assusta com o chamado do professor, que também estava com um chicote na mão, e começa a chorar. Um dos colegas apanhou do professor por rir dele. “Pensei então que a escola era um lugar bem desagradável, onde não se podia nem chorar nem rir”. Quando voltou para casa, contou tudo para seu pai e disse que não gostava absolutamente de ir para a escola.

Cecília conclui com uma afirmação de que Lafcadio pôde compreender a sensação de tristeza e desamparo dos estudantes, que as redações trazem aos seus leitores, porque ele também foi um menino sofredor, forçado a dormir com medo do escuro. Para ela, dessas representações nasceram as imagens maravilhosas com que ele, depois de homem, construiu uma nova e encantada infância. E fecha o texto perguntando ao seu leitor se ele gostaria que ela voltasse a falar de Lafcadio e dos seus alunos.

Talvez tenha intuído que todos os que a liam gostariam de ler mais sobre os alunos de Lafcadio. Então, escreve a terceira crônica, com o mesmo título das duas anteriores, e mais três redações. As duas primeiras são otimistas. E a terceira mostra uma profunda reflexão por parte do seu narrador.

O primeiro aluno, com seis anos, estava muito feliz com o seu primeiro dia de aula; quis ir sozinho para a escola. Logo se enturmou com seus colegas de classe. Ouviram um discurso do professor na sala de aula e ficaram livres o resto do dia, pois era o primeiro dia.

O outro estudante, também aos seis anos de idade, achou o professor e os alunos muito bons e a escola, um paraíso, e lembra-se de não ter querido voltar para casa. Cecília relembra o leitor de que certamente essas composições não podiam ser de antes do fim do século XIX, quando os professores eram severos, de chicote na mão.

Na terceira e última história, um menino se mostra arrependido, por ter sido mau no seu primeiro dia de aula, aos oito anos. No caminho de volta para casa, bate no seu colega. E formula a pergunta: quem poderia compreender seus sentimentos?

Para concluir, Cecília cita Lafcadio acerca da diferença entre os orientais e os ocidentais. Essa faculdade de se recordar da infância, com naturalidade, na juventude seria uma característica oriental. Ao contrário dos homens no ocidente, que só começam a se lembrar da sua infância quando já estão na velhice. Para ela, em todas as partes do mundo as pessoas estavam mais saudosas da infância do que nunca. E traz como justificativa sua ideia sobre o mundo adulto, repleto de hipocrisias e preconceitos, o que o fazia ser detestado.

A análise dessas crônicas permite, sobretudo, apreender o que Cecília quis transmitir sobre formação e relações humanas. Segundo sua visão, a partir da multiplicidade de preconceitos, as pessoas foram fechando suas ideias e suas ligações afetivas em círculos cada vez mais estreitos, perdendo, desse modo, a natural noção de humanidade. E considerava que dessa perda estavam se derivando os piores conflitos travados no mundo, como as guerras.

Há uma orientação que conduz sua escrita jornalística – o sentido do humano que permite estabelecer a solidariedade no mundo. Sua visão humanista é muito ampla, ela defendia o homem universal. Repudiava todo posicionamento egoísta. Destacamos, a título de ilustração, um outro trecho em que emite sua opinião com clareza:

> É interessante observar, por exemplo, de que maneira cada um faz as suas restrições de fraternidade.
> Eu sou latino! – diz um. Eu sou católico! – diz outro. Eu sou de tal partido político! – investe um terceiro. Eu sou vegetariano! – É muito capaz de acrescentar o quarto. Eu sou republicano histórico! Eu sou feminista! Etc. Tudo isso são categorias em que se metem as criaturas. Essas frases não representam apenas um fato. Não. São um rótulo. Uma catalogação. E quando o respectivo possuidor as pronuncia não está apenas informando o interlocutor, mas prevenindo-o de que é assim um produto exótico, selecionado, que não se pode confundir nem sequer misturar com os outros – naturalmente inferiores... (MEIRELES, 13/8/1931).

No entanto, ela não se colocava somente na posição de ataque a esses pensamentos. Propunha caminhos, soluções:

> A educação moderna procura anular essas divisões da família humana, de dentro das quais as criaturas se contemplam com olhos desconfiados.
> Sonha-se com uma grande era de solidariedade, de compreensão e de paz, no mundo inteiro.
> Ela só é possível mediante um trabalho eficiente, que restitua à humanidade, – íntegra e clara, – a noção harmoniosa de si mesma (MEIRELES, 13/8/1931).

Percebemos, assim, como a educação para Cecília significava uma função humana de vida. De preparo do homem para a função humana de viver. A educação precisava oferecer ao homem uma visão total da vida, para quem nenhum problema poderia ser indiferente ou desconhecido. Fundamental para ela era essa visão de totalidade, de compreensão completa da humanidade, nas suas relações fraternas, que permitiriam um convívio sem limites, sem deixar de lado o conhecimento técnico, de capacitação para o trabalho também.

2 A OBRA DE EDUCAÇÃO – TRANSFORMAR OS HOMENS E MUDAR O RUMO DOS SENTIMENTOS E DAS EMOÇÕES

2.1 Obra Educacional – Obra de Fraternização Humana

> O povo precisa tomar conhecimento de si mesmo. É um benefício que ainda não está devidamente generalizado. E é aí que intervém a obra educacional em toda a sua significação útil. A vida faz-se de sonho, mas de sonho clarividente. A educação tem de ser o sonho e a clarividência de cada um, conciliados, definitivamente, no mesmo ritmo de todos.
>
> *Meireles, 08/10/1932*

A partir do conjunto das crônicas de Cecília Meireles podemos perceber os sentidos que a educadora imprime à educação. Vivendo em um momento de instabilidades e mudanças devido às transformações geradas pelos avanços científicos e tecnológicos, a autora valoriza os aspectos humanos extraídos do pensamento educacional.

> Segundo ela, aquele era o momento do "renascimento pedagógico" e podia-se sentir uma atmosfera que se preparava para a transição da escola clássica para a moderna. [...] Esse movimento do ar na direção do espírito vitorioso precisava se prolongar do isolamento de sua forma restritamente individual para uma participação com outras formas coletivas, e ele se faz pelas palavras (LOBO, 2010, p. 23).

Na sua escrita diária, os ideais humanistas aparecem com regularidade no que se refere à formação do homem. Educar o homem e elevar a pátria era um dos lemas defendidos pela escritora. E, para se levar adiante a obra educacional, depositava atenção especial na infância e na juventude.

2.1.1 Infância – "A Sementeira de Novas Humanidades"

> Nós somos a saudade da nossa infância. Vivemos dela, alimentamo-nos do seu mistério e da sua distância. Creio que são eles, unicamente, que nos sustentam a vida, com a essência da sua esperança.
>
> Somos, assim, um outrora que se faz presente todos os dias, não porque o presente seja a sua forma desejada como definitiva, mas porque é a transição a que a natureza submete tudo quanto transborda para mais longe, no tempo, e o crivo em que é vertido o passado que se faz futuro (MEIRELES, 20/12/1930).

É possível notar esse realce, ao nos depararmos com a quantidade de crônicas cujo tema é a infância e/ou a juventude, a sua sensibilidade, a "sabedoria profunda e encantada da criança" (9/7/1931). Por meio da educação seria possível "alegrá-la espiritualmente, educando-a e elevando-a" (14/7/1931). Na crônica do dia 13/6/1931, intitulada *Elas...*, Cecília registra sua apreciação sobre as crianças:

> Elas vêm de tal modo impregnadas de liberdade, elas surgem na vida com uma espontaneidade tão clara, com uma simplicidade tão límpida e definitiva em todos os seus gestos, em todas as suas atividades, em todos os seus movimentos. (...) Elas, que vêm repletas de possibilidades intermináveis, transbordando ritmos, riqueza, vibração, alegria (MEIRELES, 13/6/1931).

Afirma ao longo do texto que essa originalidade pode ser perdida, caso os adultos não observem a riqueza do caráter infantil e não abram possibilidades para a sua continuidade. Segundo a autora, os adultos tolhem o jeito de ser das crianças com "interesses mesquinhos, conveniências, preconceitos, ilusões estreitas, com rótulos graves de moral e dever..." (MEIRELES, 13/6/1931).

Nesse sentido, a educação renovada representava importante via para a formação da infância, pois necessária para o convívio harmonioso da humanidade. Na conclusão do texto, Cecília alerta para o fato de que a vida das crianças continuará sucumbindo sob a imposição das razões do adulto se não

> (...) tivermos hoje, todos nós, que somos responsáveis por elas, este heroísmo de as defender contra os nossos próprios interesses, contra o nosso sossego, contra as nossas conveniências, contra a falsidade da nossa existência que esmaga impunemente a sua incomparável e admirável vida (MEIRELES, 13/6/1931).

Segundo esse excerto, o trabalho educacional com a criança contribuiria para criar "um mundo mais verdadeiro, mais puro, mais de acordo com o sentido primordial da natureza". Pois, desde cedo, os futuros adultos seriam considerados segundo as suas capacidades, incluindo a espiritual. Para a educadora, "a História – esse grande jornal dos tempos – estava repleto de guerras, de calamidades, de abominações praticadas exclusivamente pelos adultos" (MEIRELES, 24/6/1931).

Em crônica de 21/11/1930, intitulada *Ouvindo as Crianças*, Cecília reforça o seu pensamento acerca da criança, ao afirmar que "é uma criatura humana, com todas as forças e fraquezas, todas as possibilidades de evolução e involução inerentes à condição humana". E, por isso, condena toda atitude que possa rebaixá-la ou impedir o seu desenvolvimento normal.

A ideia sobre a infância como origem de adultos completos é corroborada no texto de 20/12/1930, intitulado *A Infância*, quando Cecília conclui seu Comentário afirmando que "nós todos desejamos uma humanidade melhor. Olhemos para as crianças de hoje não apenas com inútil carinho, mas com elevação e inteligência". E na crônica *Solução*, de 5/8/1932, quando defende que a Escola Nova não pensa na criança enquanto criança, apenas, mas também como o adulto que virá a ser[38].

Assim, uma formação total, humanista, estaria relacionada a um processo educativo no qual o ensino não se limita à transmissão de informações e ao desenvolvimento de capacidades, mas funda-se no compromisso com o cultivo de princípios éticos e com a formação de um sujeito.

[38] "Para Anísio Teixeira, a criança devia ser estudada não apenas em seus aspectos físicos, mas também no que concerne à sua história, à sua relação com o meio e às suas origens. Os educadores deveriam compreender que o objetivo primordial da educação é o indivíduo, não o indivíduo isolado, mas o ser individual que resulta de outros indivíduos anteriores e que se desenvolve na relação com o ambiente, pois indivíduo e meio agem e reagem, reciprocamente, alterando-se a cada instante. O trabalho dos educadores devia ser amparado por diversas abordagens científicas, colocando sempre o bem-estar social e a saúde mental como prioridades da escola, para formar a criança, que é o futuro homem" (BORTOLOTI; CUNHA, 2013). "Lourenço Filho pontuava aspectos sobre a criança, considerando suas peculiaridades psicológicas e sua condição de ser social. A escola devia ser animada por um espírito novo de intenção social, de preocupação pelo destino da criança, tanto em relação à criança, como indivíduo, como em relação às necessidades e possibilidades econômicas do meio em que ela deva viver" (RAFAEL; LARA, 2011).

2.1.2 Reforma Educacional – "Obra Imensa de Civilização Humana"

> O que a escola moderna pretende, acima de tudo, é restituir à criatura humana as suas primitivas qualidades de ânimo livre, de inteligência franca, de sentimento justo e de vontade equilibradora, reconquistando-lhe a independência de quaisquer preconceitos formados; e poupando-a a preconceitos novos, pelo estímulo da sua iniciativa de observar, do seu destemor de experimentar, da sua coragem de agir, uma vez desenvolvidas, prévia e sabiamente, todas as suas faculdades, num ambiente de iniciações favoráveis
>
> *Meireles, 1929, p.14*

À medida que caminhamos por suas crônicas, vamos encontrando sua defesa por uma educação humanista, ora relacionada à infância, ora relacionada às atitudes dos adultos, como nessa do dia 23/12/1930, intitulada *A Finalidade Educacional*. Aqui, Cecília contrapõe o sentido de humanidade às funções exercidas cegamente pelos homens nos seus ofícios. Para ela, há pessoas capazes de passar a vida inteira exercendo seu trabalho sem se dar conta de que são, antes de tudo, criaturas humanas, e "absorvem todo o seu tempo e as suas forças todas, nesse automatismo de existir que os afundará na morte com a mesma indiferença com que os manteve à superfície do mundo, como simples instrumento de medíocre duração". Esses representariam um obstáculo à evolução da vida, pois, na sua visão, "a vida progride através de fórmulas espirituais".

No dia seguinte, véspera de Natal, Cecília dá continuidade ao seu pensamento, com a crônica *Continuando...*, de 24/12/1930. O que disse sobre a "escravização do homem à técnica" poderia ser estendido ao magistério.

Segundo a educadora, o magistério se estagnara, por muitos anos, em uma atitude burocrática, de mecanização do professor. E a escola era tida como a repartição onde era ministrado o ensino – "tudo se limitava a essa função já automatizada de servir de *livro oral* à criança, repetindo o livro escrito, ou recordando-o em voz alta".

Não seria do espírito da escola moderna, "ativa, prática, viva, por excelência", reduzir os indivíduos a tipos especialmente utilitaristas, materiais e interesseiros. "Seria substituir o

formalismo teórico, inaproveitável, o rotineiro da escola tradicionalista do passado por um novo formalismo, talvez ainda mais perigoso" (MEIRELES, 1929, p. 13).

Ao contrário, Cecília se posiciona afirmando que era preciso possuir "uma cultura interior, uma formação de natureza profunda, um despertar de cada vida para a realização de si mesma, como consequência do desenvolvimento de todas as suas possibilidades". E nesse sentido, "as mentalidades que se reuniram em torno do problema educacional" transformaram a escola na sua interpretação profunda e não somente na sua exterioridade[39].

As transformações que se operaram na metodologia e na orientação pedagógica não foram "reformadas e nem implantadas ao acaso, apenas para substituir umas fórmulas por outras, como quem pinta uma fachada de outra cor". Foram resultados de investigações psicológicas, de novas visões filosóficas[40] – "é um sentido que se apreende, não uma teoria que se pratica, invariavelmente". Dessa maneira, para a educadora "a atividade da Escola Nova está no seu dinamismo espiritual", conforme podemos perceber no excerto abaixo, no qual ela compara a plasticidade do ambiente escolar com a do humano, pois ambos teriam a mesma dinâmica dos sentimentos e ações humanas.

> Assim como todos os dias se modifica o ambiente humano, pela mobilidade dos fenômenos de toda a espécie que formam, em conjunto, a vida, também assim tem de crescer e decrescer, palpitar e mover-se o ambiente de uma escola, que é constituído por elementos igualmente plásticos, da mesma natureza daqueles que constituem o mundo (MEIRELES, 24/12/1930).

Mas, para isso, Cecília adverte mais uma vez que é preciso considerar a criança na sua condição humana. E a educação designada como moderna, no sentido amplo, era a sua única esperança de preservação desse humanismo.

A educadora escreve defendendo seus pontos de vista acerca do mundo, do homem e da educação. Segundo seu entendimento, a educação deveria desenvolver as qualidades do ser

---

[39] Podemos encontrar em Fernando de Azevedo: "A escola, de um auditório que era, passou a ser um laboratório, em que o mestre ensina os alunos pelo trabalho, de que participa, estimulando, orientando e praticando com eles todas as atividades escolares, meramente educativas ou de finalidade utilitária" (*apud* CURY, 1984, p. 97); assim como em Anísio Teixeira: "Aprende-se o que se pratica numa "situação real de experiência" – onde a escola, em vez de classe de exercícios intelectuais, se transforma pela atividade e participação de todos, num centro onde se vive e não em um centro onde se prepara para viver" (*apud* CURY, 1984, p. 89), diálogos com o ideário de Cecília.

[40] Para compreender as investigações psicológicas e visões filosóficas responsáveis por tais transformações, citamos alguns autores que vinham a público a fim de fundamentar o estatuto epistemológico da pedagogia: *Psicologia da Criança e Pedagogia Experimental* e *A Escola Sob Medida*, de Claparède; *O Método da Pedagogia Científica* e *Antropologia Pedagógica*, de Montessori; *O Conceito da Escola do Trabalho*, de Kerschensteiner; *Como Pensamos*, *Interesse e Esforço na Educação* e *Escolas de Amanhã*, de Dewey e *A Escola Ativa*, de Ferrière (MONARCHA, 2009).

humano, a fim de se atingir a fraternidade, a solidariedade e a igualdade entre as pessoas e as nações. Todos os homens possuiriam dignidade e valor e, portanto, deveriam fazer jus ao respeito dos seus pares.

Podemos perceber, no embasamento da sua defesa, uma conotação humanística. Freitag (2001), ao procurar extrair das aulas sobre pedagogia de Immanuel Kant[41] (elaboradas entre 1776 e 1777) um conceito de pedagogia da qualidade, nos mostra que a pedagogia é uma arte e que cabe a ela cultivar no homem o ideal humanístico herdado dos gregos da Antiguidade, também subjacente ao ideal iluminista do século XVIII, segundo o qual era feita a defesa do indivíduo, da razão e da universalidade da natureza humana. Apesar das diferenças de classe social, nacionalidade ou religião, existiria uma natureza humana comum a todos os homens.

Ainda segundo Freitag (2001, p. 29), Kant insistia no ensino e aprendizado da cultura, dos valores do grupo e da sociedade em que viveria o educando. Dessa maneira, uma pedagogia da qualidade solicitaria uma formação moral, por meio do conhecimento, para a construção da consciência e de uma forma de agir segundo padrões éticos, definindo valores e objetivos universalizáveis.

Sob um ponto de vista análogo, Paulo Freire (1996), ao considerar os saberes necessários à prática docente, destaca a exigência da ética e da estética no ato de ensinar, pois não é possível pensar os seres humanos longe da ética. Portanto, transformar a experiência educativa em puro treinamento técnico é depreciar o que há de fundamentalmente humano no exercício educativo, a sua natureza formadora. De tal modo, o ensino dos conteúdos deveria respeitar a natureza do ser humano.

Cecília se alinhava a esses pressupostos. Entendia o homem, sobretudo, como um ser ético, que não deixaria de participar do sistema de produção econômica como um trabalhador ativo, mas também estaria apto a incorporar os valores de cooperação, fraternidade e justiça, a fim de transformar a realidade para o bem da convivência humana.

Outrossim, preocupava-se com a igualdade social, e publica a crônica intitulada *Desigualdades*, em 28/12/1930. Nesta, procura discutir a evidência de desigualdade entre os níveis sociais, o que provoca "situações desarmônicas" quando esses níveis entram em

---

[41] Immanuel Kant (1724-1804) é figura central na filosofia moderna. Sintetizou o racionalismo e o empirismo moderno, definiu os termos de grande parte da filosofia dos séculos XIX e XX, e continua a exercer, atualmente, influência significativa na epistemologia, ética, filosofia política, estética e em outros campos. A ideia fundamental da crítica filosófica de Kant é a autonomia humana. Ele argumenta que o intelecto humano é o ponto de partida das leis gerais da natureza que estruturam toda a nossa experiência. Disponível em: *Stanford Encyclopedia of Philosophy*, http://plato.stanford.edu/entries/kant/

contato. Os pais, que sabem dos prováveis conflitos, afastam seus filhos dos filhos do vizinho por temerem a influência dos maus costumes, do palavreado impróprio. E os pais, que estão na margem oposta, também se consideram prejudicados e veem defeitos maiores nos outros meninos, por andarem limpos, não jogarem pedras nas árvores e serem vaidosos.

Contra essa situação, a educadora defende a unificação do ensino e a socialização da escola, mesmo consciente dos obstáculos oriundos de preconceitos ainda não extintos. Sabedora de que tais divisões não eram estabelecidas pelas crianças que sabiam conviver fraternalmente, propõe, para concluir seu texto, que só uma organização social que compreenda com clareza o que é educação poderá transformar esse estado de coisas. “A vida não admite um trato geral e outros particulares, ela é toda ela mesma – valor humano” (MEIRELES, 4/02/1932).

Em outra crônica, de 6/12/1931, afirma que a escola deveria ser o lugar de reunião dos que se preparavam para a “arte difícil de viver”. E que seria lamentável se, nesse convívio preliminar, fossem impostas divergências e desigualdades que desfavorecessem o princípio do mundo que desejava ver harmoniosamente formado, na coerência de todos os seus elementos (MEIRELES, 6/12/1931).

Vale lembrar que até 1930, com a oligarquia cafeeira no poder, a educação encontrava-se voltada para a satisfação dos interesses desse grupo. Assim, grande parte da população era marginalizada do processo educativo escolar, pois a educação atendia exclusivamente às elites (CURY, 1984). Difundir a escola poderia provocar mudanças na sociedade na medida em que as diferentes classes sociais, aí incluídas as classes populares, teriam possibilidades de mobilidade e ascensão.

Portanto, a ideia de reconstrução nacional através da renovação da educação começou a predominar no país durante as décadas de 1920-1930. Era preciso educar o povo, para que o país acompanhasse as mudanças tecnológicas e sociais. No entanto, os educadores, agrupados em torno das concepções escolanovistas, pensaram e significaram a educação a partir de enfoques políticos e ideológicos diferenciados, “apresentando especificidades e singularidades nas análises e abordagens tecidas ao longo de suas vidas públicas” (CAMARA, 2003, p. 40).

Vidal (2013), ao situar os signatários do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, destaca haver fissuras decorrentes de disputas políticas entre eles, como é o caso de Fernando de Azevedo e Antônio Carneiro Leão, e/ou disputas ideológicas, caso do educador católico Everardo Backheuser. Ainda segundo a autora, os pioneiros surgiram como um grupo cuja

coesão não era fruto da identidade das suas posições ideológicas, mas estratégia política de luta, “conduzida no calor das batalhas pelo controle do aparelho educacional” (p. 581).

Desse modo, a Escola Nova acolhia propostas pedagógicas diversas, com significados múltiplos e distintas apropriações. Pedagogicamente, aglutinou diferentes educadores – católicos e liberais; ideologicamente, servia às finalidades divergentes desses grupos, como meio para a transformação da sociedade e, politicamente, tornou-se uma bandeira, sendo apreendida como signo de renovação do sistema educacional (VIDAL, 2013).

> Sob o signo do novo, a fórmula capitalizava o anseio de rompimento com as práticas sociais, políticas e educacionais instaladas até então na República, ancorando-se em um desejo disseminado de mudança. As metáforas do novo e do velho impregnavam o imaginário coletivo no período (VIDAL, 2013, p. 582).

Partidária de um sentimento renovador peculiar, Cecília se apresenta como signatária do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, na crônica do dia 19/3/1932: “E eu, que também assino esse manifesto, não sinto nenhum constrangimento escrevendo o que acima escrevo: porque desde logo se vê que é dos outros que estou falando, quando me refiro a mérito e grandeza”. Depois de elogiar o grupo que subscreve o documento como “uma garantia de trabalho, de invulnerabilidade, de lucidez e de fé”, de ser o mais preparado, “por todos os motivos, para a ação heróica de que depende a formação brasileira”, ela apresenta a sua posição: “Por mim, só tenho, sem discussão, a consciência da responsabilidade, o desejo da ação e uma confiança perfeita no poder da vontade desinteresseira” (MEIRELES, 19/03/1932).

Ela mesma se inclui no grupo. No entanto, afirma que, na obra educacional, os inúmeros aspectos do problema único exigem inúmeras capacidades, diferentes entre si. E continua seu pensamento dizendo que se a obra de educação exige “talentos próprios, especializações técnicas, inteligência e prestígio autênticos, dons de várias espécies, no pensamento e na ação, exige também e com a mesma ou ainda maior urgência o sentimento de responsabilidade e de lealdade para com a vida” (MEIRELES, 19/03/1932).

Percebemos, assim, que a educadora defendia a pluralidade de ideias e posicionamentos como enriquecedores do movimento de renovação da educação, desde que tais posições fossem assumidas com seriedade e sensibilidade.

No que diz respeito às rupturas com as práticas educacionais do passado, Cecília traça um paralelo entre a moda e a Instrução Pública, na crônica intitulada *O Fraque...*, de 6/8/1931. Ela conta que conversava com “um dos mais eminentes representantes da

intelectualidade brasileira" à porta da Livraria Freitas Bastos. O seu "ilustre interlocutor" comentava sobre as mudanças na moda, as diferenças nos cortes dos ternos, do uso do paletó-saco no lugar do fraque. Ele gostaria que voltasse a moda dos fraques, de que tanto gostava.

"Essa história de fraque" a fez lembrar a Instrução Pública. Com a sua ironia habitual, a educadora relata que, quando veio a Reforma Fernando de Azevedo, quase todo mundo estava com a inteligência de fraque. Salvo alguns, inofensivos, que ainda usavam tangas, e alguns paranóicos, com roupas medievais. Com a Reforma escrita e a ser cumprida, "despiram-se os fraques saudosamente e envergaram-se os paletós simples e cômodos da atualidade".

No entanto, segundo a autora, uma grande quantidade de renovadores não teve confiança na inovação e guardou seu fraque, esperando que algum dia voltasse o traje antigo, "tão usado *antigamente*, tão sancionado pela tradição...". Mas, para Cecília, felizmente, "a moda não volta", somente de vez em quando os fraques são postos à luz do sol para evitar o mofo. "Logo as pedras caem em cima e lá vão eles de volta para o cantinho do armário".

Importante esclarecer que com a Reforma Fernando de Azevedo, em 1928, o termo Escola Nova passou a significar os esforços de renovação do sistema escolar e de ruptura simbólica com as antigas estruturas educativas, que se caracterizaram pela revisão da finalidade social da instrução pública (VIDAL; PAULILO, 2003; VIDAL, 2013).

Importa ainda considerar que a renovação para Cecília não significava a novidade por si só, estava imbuída do sentimento de união entre os homens e de melhoria da vida para todos. Na crônica de 23/11/1930, intitulada *A Escola para as Crianças*, ela defende que a Nova Educação consistia em um espírito que unifica a vida em todas as suas funções e se serve de novos meios para a sua manifestação, quer na escola, quer fora dela, em todos os aspectos políticos e sociais. No trecho a seguir, podemos notar os sentidos dados ao novo como a libertação de antigos preconceitos e tradições que não compreendiam o humanismo da educação.

> Ela é aquela alma diferente, em contraste com a alma de até aqui. E que, sendo assim nova, não é, no entanto, artificial. A outra é que o era, acurvada ao peso dos preconceitos e ao cativeiro das tradições. Esta, que todos estranham, tem por toda estranheza o fato de querer ser livre, como é da sua condição (MEIRELES, 23/11/1930).

Ao mesmo tempo em que defendia o novo, afirmava em outra crônica, de 1/10/1931, que "a nova educação não derrubava, mas explicava os velhos símbolos" (MEIRELES, 1/10/1931). Pois não era possível se desdenhar do que se julgava ser uma ilusão do passado,

haja vista que mesmo as "verdades mais puras e imortais" também podiam ser revestidas de mistério. Assim, a educação pretendia intervir no destino de cada um e, ao mesmo tempo, ser a renovação de tudo. Para ela, parecia mais fácil poder alterar a fisionomia de toda a humanidade, num movimento harmonioso do mundo inteiro, do que transformar um só ser dentro dos velhos ambientes.

2.1.3 Renovação Educacional – "Sonho Criador e Realidade Ativa"

> Disposições para converter o sonho em realidade que, à luz da Nova Educação, representam um poder invulgar de iniciativa e coragem
>
> *Meireles, 28/7/1932*

Outra marca que merece destaque na escrita de Cecília é a defesa do "sonho clarividente". Não o sonho fantasioso e ingênuo que nada resolve. E sim o de uma "fraternidade inabalável na obra geral de cooperação". Afirmara na crônica *A Velhice dos Livros e das Ideias*, de 12/8/1931, que, entre dois pontos de referência – o sonho e a realidade normal – é que se podia procurar a medida com que se calcula o valor da natureza humana. Chegando a declarar que a realidade se originava dos sonhos dos idealistas. E que essa talvez seria a única vantagem de haver idealistas no mundo. "Ou desvantagem..." (MEIRELES, 15/12/1931).

Ao se posicionar em um momento de crise, "no meio do imenso caos em que nos encontramos, quando ainda as manobras políticas não conseguiram libertar o destino da Revolução[42] para os fins que o Brasil aguarda" (MEIRELES, 5/12/1931), afirmava acreditar no "movimento educacional após a guerra" como uma forma de melhorar a humanidade. Era necessário descobrir inéditos aspectos humanos, a fim de se concretizar o "sonho exigente da paz e da fraternidade" (MEIRELES, 14/2/1932). Segundo Oliveira (1982, p. 509), o impacto da Primeira Guerra Mundial é menção constante nos depoimentos e memórias dos intelectuais que viveram tal conflito. Na crônica de 29/7/1932, Cecília refere-se, mais uma vez, à guerra:

[42] Trata-se da Revolução de 1930, movimento armado iniciado no dia 3/10/1930, com o objetivo imediato de derrubar o governo de Washington Luís e impedir a posse de Júlio Prestes, eleito presidente da República em 1º de março. O movimento foi vitorioso em 24 de outubro e Vargas assumiu o cargo de presidente provisório em 3/11/1930 (BELOCHl; ABREU, 1984).

> Depois da grande guerra, todas as vistas se voltaram para os fatos da educação, e os homens se convenceram de que seria possível criar um mundo novo, mais justo e harmonioso, integrando todas as vidas na sua finalidade exata, deixando a todos esse quinhão de felicidade que é a garantia única da paz.
> Neste momento em que a luta de brasileiros é, para nós, tão lamentável e cruel como a grande guerra, só a mesma esperança nos fica: a de uma educação que salve, que "acabe de humanizar os homens" – como escreveu certa vez Alfonso Reyes[43]. E essa esperança nos vem somente da nova Educação (MEIRELES, 29/7/1932).

Afirma, pois, que depois da guerra a educação passou a ser vista como um meio para se humanizar as pessoas e trazer a união dos povos, eliminando disputas e tiranias. E equipara o momento brasileiro a essa situação, em que "um certo número de idealistas e trabalhadores intelectuais encontram-se vivamente empenhados na construção do Brasil, pela construção dos brasileiros" (MEIRELES, 27/12/1932).

Para a educadora, dedicar-se à obra educacional significava "viver para mais além". O motivo educacional, no seu entendimento, devia pretender, sobretudo, a consolidação da liberdade dos homens, mediante uma ação que concedesse a todos "a justiça de viver o seu destino possível, sabendo como e por que o vivem" (MEIRELES, 29/3/1932). A criatura humana, na sua formação, deveria estar sempre numa possibilidade de ir além de si e ser melhor (MEIRELES, 25/3/1932). Conforme explicita na crônica *A Nova Educação*, de 4/6/1932: "como educar é trabalhar para além de si, o interesse do educador é obter resultados melhores daquilo que fizer; e a isso se subordinam suas tentativas, que nenhuma arrogância pode perturbar".

Mostrava-se ciente de que poderia haver erros e falhas, mas era preciso reagir às situações que não fossem favoráveis a todos. Nessa mesma crônica, ela afirma que a vida é "uma constante retificação, uma revisão contínua, uma incansável perseverança para sua definição mais perfeita, traçando sempre o seu retrato mais puro, a fim de suceder cada vez mais integral" (MEIRELES, 4/06/1932). E "cada época luta consigo mesma, empregando metade da sua energia em se afirmar e outra metade em se defender das negações que lhe atiram" (MEIRELES, 4/06/1932). Dessa maneira, para Cecília, havia um campo em que se podia ver tudo isso perfeitamente, naquele instante, o da Nova Educação, em que "um pequeno grupo de vidas se empenha, no mundo inteiro, em dar realidade a uma aspiração negada, perseguida ou incompreendida pela cegueira, proposital ou não, de um grande

[43] Alfonso Reyes era embaixador do México no Brasil. "Poeta e erudito escritor, querido no Brasil, quer como diplomata quer como intelectual" (MEIRELES, 16/4/1932). Cecília se correspondeu com ele, com relativa assiduidade entre 1931 e 1933. "Reyes foi construtor de uma sólida ponte cultural e literária entre o México e o Brasil" (PIMENTA, 2012).

número". O que não se podia perder de vista era a visão da época, "uma época de construtividade, e de desejo leal de trabalho e de elevação" (MEIRELES, 2/04/1932).

Na crônica de 15/3/1931, intitulada *O Exemplo do México*, Cecília defende que "assim é a obra de educação moderna. Não se trata de alfabetizar, mas de humanizar criaturas. De trazê-las, verdadeiramente, à sua condição humana, para, então, as integrar na vida social". E, apesar de defender os seus sonhos e o idealismo segundo a perspectiva educacional, faz a ressalva de que a renovação da educação não deve ser realizada por interesses políticos personalistas. Pois, na sua visão, não se operam as transformações apenas com a mudança de atitude de um idealista. Seria necessário haver, "como alicerce para um sonho de renovação, uma força enraizada na vida do próprio povo, atuando nela, governando-a, dirigindo-a para a sua própria liberdade". E essa força, na sua visão, tinha de ser a educação, compreendida como um grande problema geral, de múltiplos aspectos, "desenvolvendo conscientemente cada um dos seus detalhes para uma finalidade superior" (MEIRELES, 15/03/1931).

Devemos esclarecer que, após a vitória da Revolução, não havia uma homogeneidade nos planos dos vitoriosos. Existia uma contestação ao Estado oligárquico e à continuidade da política educacional vigente, elitista e excludente. Contudo, os projetos educacionais a serem implantados também eram heterogêneos. Conforme Cury (1984, p. 21) esclarece sobre os ideais liberais defendidos nesse período, havia espaço para a concretização das diferentes aspirações dos educadores escolanovistas,

> (...) uns para reformar o aspecto interno da escola – papel do educador, natureza do currículo, métodos e técnicas de aprendizagem; outros para evidenciar a forma oligárquica do ensino, desejosos de uma democratização maior da escola, agora aberta aos membros das classes populares.

Interessante notar que parece haver uma predominância nas crônicas jornalísticas de Cecília dos desejos do segundo grupo, da defesa da igualdade de direitos para todos. De uma união da humanidade acima de todo interesse individual, conforme expõe na crônica *Educação*, de 6/12/1931, sobre o sonho de paz sobre a Terra, que "descansa no intuito" de tornar igual todos os homens a partir do instante da infância, dentro da escola. Esse "trabalho fraternal" só poderia provir de uma educação que oferecesse a todas as crianças "iguais possibilidades de efetuar sua adaptação ao mundo sem tiranias e sem humilhações". Nesse mesmo texto reconhece que, sem pretender o impossível de uma humanidade uniforme, o sonho de permitir a elevação de todos até o mais alto nível de si mesmo poderia passar a ser a realidade definitiva da vida, através da "obra inteligente da educação".

2.1.4 "Participação ativa da vida em conjunto. Afetuosa vigilância."

> E a nossa alegria consiste nisso: conhecermos o que trazemos, sentirmos o instante que ocupamos e as criaturas a que nos dirigimos. Chegamos a uma época de nivelamentos sociais que reconhece em cada indivíduo, antes de tudo, a sua qualidade de homem. E essa qualidade lhe deve conferir vantagens igualitárias, ou, pelo menos, a permissão de livremente conquistar essas vantagens
>
> *Meireles, 1929, p. 9 e 19*

Importante para a educadora não era só dizer o que devia ser feito. Incluía a todos em seu discurso na ação a favor da humanidade. Como na crônica *À Hora do Fogo*, de 29/7/1932, em que se refere a "esse fervor generoso que faz os homens se expandirem no pensamento comum da humanidade, dando a cada um o poder glorioso de participar, de algum modo, do destino de todos". Dando continuidade ao pensamento de coletividade, afirma: "Viver não é, certamente, apenas uma vantagem ou um desespero para a criatura: é um compromisso com a totalidade das vidas".

Associada à ideia de trabalho coletivo, percebemos a relevância que adquire também no seu ideário o ato de comprometer-se. Segundo sua visão, todo ser humano teria uma parte de responsabilidade pela vida dos seus semelhantes. Assim ela declara na crônica *O Gosto da Responsabilidade*, de 31/5/1932:

> A gente sempre se tem de comprometer com qualquer coisa neste mundo. A vida é por si mesma um terrível compromisso, que se tem de levar adiante. Pensar é preferir. Preferir é afirmar. Não se pode preferir tudo. Mas tem-se de saber e de sustentar os motivos de uma preferência, principalmente quando se trata de questões de ideias. Para se sair do confusionismo, da vacilação, da incerteza. E para se ter o gosto da responsabilidade.

Cecília também se sentia responsável e, ao mesmo tempo, convocava as pessoas a participarem da obra de renovação educacional, como podemos observar na crônica intitulada *O Que se Espera e o Que se Teme*, do dia 9/1/1931. Nesta, afirma que não havia nada melhor do que a atenção coletiva prestada ao problema da educação, de que dependia a própria nacionalidade, mas também a fraternidade internacional, "que é o sonho dos homens em cujo

espírito se aboliram todos os símbolos de guerra, e em cujo coração há lugar para todas as pátrias, e amor e generosidade para todas as criaturas". Porque, como a própria educadora afirma na crônica *As Crianças e a Religião*, "não se vive, apenas, nos limites geográficos de um país: nossas responsabilidades atravessam as fronteiras, e vão repercutir na fraternidade geral" (MEIRELES, 5/5/1931).

Acreditava, conforme escreve na crônica *Fraternidade*, que as relações internacionais tendiam a tornar-se cada vez mais intensamente uma obra de fraternização para a qual deveriam estar atentas as "mais altas inteligências e os mais compreensivos corações" (MEIRELES, 23/01/1932). Não obstante o mundo ser pequeno, as pessoas ainda se sentiam estrangeiras em relação às outras. As raças e as religiões seriam as distâncias para o convívio de que a humanidade carecia. E a obra educacional é que poderia operar a aproximação desses vínculos.

Ela mesma se sentia uma cidadã do mundo, livre de territórios limitadores. Considerava, inclusive, a sua situação privilegiada pelo convívio internacional. Conforme declara na crônica *Brasil...*: "sofro deste excesso dos que nascem com disposições para amar todas as pátrias, para compreender todas as criaturas, para desejar a todos essa mesma compreensão e esse mesmo amor" (MEIRELES, 27/7/1932).

> O trânsito das ideias, de uma terra para outra; o encanto do conhecimento das qualidades de cada povo (e mesmo dos seus defeitos); o gosto da visitação que se fazem as criaturas dos mais distantes países, ainda quando só em espírito; toda essa aproximação humana, que vence fronteiras e dificuldades de língua, conduz a um estado de fraternidade que apenas se desejaria mais extenso e permanente, a fim de que a paz não fosse ainda um sonho tão impossível, mas a situação natural conquistada depois de tantas experiências feitas por séculos tão ricos de civilização (MEIRELES, 23/1/1932).

Mais adiante, na crônica *O Pensamento Educacional*, fortalece sua opinião com o argumento de que o pensamento educacional é um poder de conciliação, não só entre os homens, mas do indivíduo consigo mesmo, com o tempo, com a vida (MEIRELES, 29/3/1932).

Percebemos como, para Cecília, a educação transcendia as questões racionais e práticas da vida humana. Ela incluía, no projeto de renovação que defendia, os sentimentos e as emoções do ser humano. Por exemplo, na crônica *A Diretoria de Instrução*, de 5/12/1931, a educadora afirma que a obra educacional estava fortemente preparada contra as resistências e que era a representante de um "idealismo fervoroso e sólido, que não se perdia em palavras", a fim de se colocar o mais próxima possível do sonho que a determinava.

E defende que a angústia das classes oprimidas e o sonho de reerguimento da humanidade em uma grande aproximação de amor, “todas essas rápidas coisas infinitas que se entrechocam no mundo”, deixavam a “íntima convicção” de que só um movimento educacional inteligente poderia salvar o mundo.

> Num mundo de homens irmãos, o trabalho fraternal que se levanta com mãos preparadas por uma aplicação conscienciosa e adequada, traz virtudes maiores e pode vencer melhor as inconstâncias do tempo e as fatalidades dos destinos (MEIRELES, 6/12/1931).

Essa união fraterna e amorosa dos pensamentos e dos sentimentos poderia ser uma realidade através da obra educacional. Segundo as palavras de Cecília, na crônica *Educação*, somente a educação poderia emancipar o homem. E, ao emancipar, aproximá-los, pois dessa liberdade conquistada gerava-se o sentido de amor que seria a única esperança da sustentação do universo. “A educação que esquecer esse sentido de amor, ou que o tenha ignorado, perdeu sua razão de ser, e não pode mais tentar situar-se nos dias novos que o mundo agora reconquista, depois de tantas experiências e de tão formidáveis sacrifícios” (MEIRELES, 6/12/1931).

Entendemos que, na visão da educadora, a fraternidade humana não representava unicamente um ideal. Era uma necessidade concreta de harmonização do mundo. Conforme podemos confirmar na crônica *O Recurso Extremo...*, de 12/2/1932, quando afirma que a obra de educação é, no fundo, um permanente esforço de dar a cada indivíduo o gozo de todas as suas possibilidades e com isso “assegurar ao mundo a totalidade harmoniosa da sua expansão”.

A fim de que o mundo firmasse um compromisso duradouro de paz, Cecília defendia que seria necessário que os homens se sentissem unidos por uma inspiração geral de amor, conforme nos mostra na crônica *A Paz pela Educação*, de 11/8/1932. Para que esse amor pudesse existir, era necessária uma ampliação do conhecimento, que torna familiares todas as coisas ainda obscuras ou incompreensíveis, e de cuja desconfiança e temor “podem nascer esses desequilíbrios que custam o preço das guerras e marcam sombriamente a longa marcha da humanidade”.

Somado a esses aspectos, Cecília afirma, na crônica *Solução*, de 5/8/1932, que a Escola Nova é um projeto de felicidade, de trabalho e de paz “que um punhado de sonhadores heroicos vêm desejando para o mundo inteiro”. E que ao se irradiar com largueza e impor-se a

todas as classes simultaneamente, estabelece o equilíbrio harmonioso dos valores, operando o milagre necessário da justiça social e permitindo a transformação fácil dos ritmos da vida.

Reconhece, todavia, que ainda não se conhecem os efeitos da Nova Educação, mas são conhecidos os da antiga e é deles que o mundo e o Brasil sofrem. E conclui que "sofrimento por sofrimento, não se pode temer maior" (MEIRELES, 29/7/1932).

Contudo, não deixa de declarar, com relação às possíveis dúvidas, que "viver amanhã num palácio com ideias de dois séculos atrás é mil vezes pior que andar dormindo ao relento com a liberdade de saber e poder ser uma criatura humana, em toda a sua integridade e para um destino sem limitações", conforme registrado na crônica *Mocidade – Primavera da Vida!...*, de 28/10/1931. Nesse sentido, seria um estímulo a mais para o movimento educacional chamar a atenção dos brasileiros para si mesmos, para o seu país e o mundo, em relação à vida e ao sentimento humano, a fim de "acordarem de um passado de rotinas e superstições de toda espécie para realidades mais verdadeiras, e que por isso também serão melhores e mais belas" (MEIRELES, 17/06/1932).

Ademais, acreditava que o educador "verdadeiro" tinha a obstinação e a docilidade da vida. E que por sonhar construir qualquer coisa mais bela e perfeita tinha, por força desse desejo, a disposição para estar sempre corrigindo, com boa vontade e clarividência. "Para a sua obra de humildade ele transforma sua existência em vigilância e devotamento, e espera, depois de cada tentativa, a indicação do rumo mais certo, na sua constante investigação" (MEIRELES, 4/6/1932).

Transitando entre o acertar e o errar, e o romper e o continuar, Cecília expressa, na crônica *Progresso...Cativeiro...*, de 2/8/1932, que "nós, os que estamos lidando diariamente com estas coisas de educação", terão que hesitar muitas vezes entre essas duas palavras – progresso e cativeiro – "polos de todos estes sonhos oscilantes com que sinceramente desejamos fazer os homens mais felizes, vivendo uma vida mais bela!". Entretanto, ao afirmar, a educadora apresenta para o seu leitor os seguintes questionamentos:

> Mas até onde poderemos sempre saber da beleza e da vida? Até onde estaremos vendo certo? Até onde a nossa verdade será também a verdade alheia? E até onde poderá uma criatura ajudar outra, por muito puro que seja o seu intento e muito clara que seja a sua vontade? (MEIRELES, 2/8/1932)

Segundo a educadora, as perguntas seriam sempre bem-vindas, uma vez que o educador não deve ser uma criatura de certezas absolutas. Pelo contrário, ele, mais do que ninguém, precisava ter no seu coração todas as dúvidas, porque escolheu o caminho mais

árduo para servir à humanidade, “feito de sombras interiores, impenetrável, em cada um, e que a inteligência e o amor nem sempre adivinham bastante” (MEIRELES, 2/8/1932). Além disso, acreditava que os educadores sabiam demasiadamente psicologia para perceberem que havia coisas anti-naturais, incompatíveis com a verdade da vida. E que a sua visão dos fatos não era apenas superficial (MEIRELES, 27/9/1932).

Era natural que as incertezas fizessem parte da construção do trabalho educacional, pois acreditava que na vida humana existia uma sensibilidade suscetível de se perturbar, e pela qual se tentavam coisas extraordinárias. Assim, esses projetos só poderiam triunfar quando animados por esse estremecimento interior que transforma a humanidade e a pode conduzir para mais longe e mais alto.

Esse projeto de sensibilidade e emoção, na visão de Cecília, cumpria seu papel humanizador na obra educacional. Entretanto, não bastava sentir um enternecimento pela miséria e levar adiante um projeto de instrução insuficiente, que não fizesse as pessoas se inquietarem com a sua situação de carência de recursos e irem além. A educação carecia ser um processo para tornar os homens mais felizes, “facultando-lhes uma atitude criadora que os faça crer em si mesmos e um poder que os amplie até onde possa ir a ambiciosa órbita de todos os sonhos” (MEIRELES, 4/8/1932).

Nesse sentido, defendia uma educação que fosse formação de uma vida, permissão para o “funcionamento integral de um destino”, que desse a quem recebesse uma verdade valiosa, útil e eficiente. Porque entendia a Escola Nova como uma instituição sincera, antes de tudo. Que não se iludia e nem queria iludir com aparências. “Baniu da vida todos os aspectos artificiais. Não tenta impossíveis, mas esforça-se por preparar as mais admiráveis possibilidades. A Escola Nova é uma escola de ideal, acima de tudo” (MEIRELES, 27/9/1931).

Uma das principais defesas da educadora era a de que a escola deveria ser superiormente humana e verdadeira, buscando tentativas de elevar o homem sobre si mesmo. Para esse fim, o esforço educacional deveria ser baseado, antes de tudo, na dignidade humana (MEIRELES, 16/2/1932). No seu entender, havia um interesse coletivo e superiormente humano na obra de renovação educacional (MEIRELES, 7/6/1932), pois esta pretendia ser conhecida de perto, estava francamente aberta ao público e se definia com nitidez. Caso contrário, seria uma “obra secreta, fechada, inacessível e tirânica” (MEIRELES, 7/6/1932). Assim como ela, muitos estavam tentando a hipótese de um mundo melhor e de vida mais humana.

Valemo-nos também das opiniões expressas na sua Tese *O Espirito Victorioso* (MEIRELES, 1929, p. 8) sobre como se via passar para o domínio popular uma vasta quantidade de pensamentos que até aquele momento representavam limitadas propriedades de sonhadores e pensadores. Cecília se dizia admirada por ver que não só as ideias se transferiam de um ambiente para outro, "de um pequeno mundo individual para o grande mundo coletivo", como também não pemaneciam como simples ideias, antes adquiriam forma, corpo, atividade. Sentia que poderia haver uma forma positiva para todas as aspirações humanas, e que o sonho não era mais que uma antecipação de realidades adiantadas (MEIRELES, 1929).

Para ela, que cooperava com o movimento educacional renovador, cooperação significava abdicar voluntariamente de um certo número de interesses e comodidades para permitir a expansão de outros (MEIRELES, 24/6/1932). Era, portanto, necessário haver, por parte dos que participavam, um interesse pelo gênero humano e o desejo de ampliar sua vida pelas outras vidas.

Cecília sonhava com a transformação do mundo pela transformação do homem, mediante a obra de cultura (MEIRELES, 30/1/1932). Na crônica *Um Decreto do Dr. Pedro Ernesto* (RIO DE JANEIRO, 1932), a autora reafirma que quando o aluno puder encontrar, em cada escola, as condições a que tem direito para desenvolver seu destino, não poderia mais haver dúvidas sobre a formação popular – "problema fundamental para qualquer nação".

Todavia, apenas sonhar não bastava. A educadora relata que a última guerra tinha deixado uma "lembrança de decadência, um sentimento doloroso de precariedade, de inutilidade humana, de afastamento das direções autênticas da vida" (MEIRELES, 1/5/1932). E por isso, teria se abatido sobre as pessoas, de um modo geral, um desânimo e o apagamento dos sonhos. Mais adiante, nessa mesma crônica, ela indaga se haveria uma descrença do sonho ou um temor pela sua morte. Ou ainda, se temendo pela sua morte, ele seria abafado à espera do momento oportuno.

Então, se volta para a obra educacional, como um apelo para que o sonho não fosse perdido e se tornasse realidade, mesmo sem deixar de ser imaginação. Para a educadora, a vida tornava-se bela pela transfiguração do sonho (MEIRELES, 21/4/1932). E o sonho transmite-se: "é uma realidade a seu modo: sem substância, mas indestrutível. O que é do sonho é da esperança" (MEIRELES, 13/5/1932).

Cecília ainda pondera que todas as coisas que existem vieram, no entanto, de uma origem de sonho, proposital ou involuntário. "Foi por se ter querido, num dado momento, alguma coisa que estava, decerto, além de nós, que conseguimos sair de onde estávamos,

passando a uma nova zona de realidades" (MEIRELES, 15/7/1932). Essas realidades desejadas, mas ainda não conseguidas, fariam parte do sonho humano; seriam a poesia de uma época.

2.2 **Literatura e Educação**

> Os pedagogos se aproximam dos poetas em torno de um mesmo ideal – inteligência e sensibilidade
>
> *Meireles, 27/1/1931*

> Os artistas, os sábios e as crianças, que são as criaturas mais *humanas* que existem gozam de uma visão das coisas muito diversa da do resto da humanidade
>
> *Meireles, 23/12/1930*

A defesa do espírito sensível para Cecília aproximava a literatura da educação, a arte da vida, pois o conhecimento deveria caminhar junto com a sensibilidade. Ao encarar a educação sob o ponto de vista social, a arte integra-se como um elemento essencial, especialmente popular, e assume também uma função socializadora. Nesse sentido, a educação deveria procurar na arte um poderoso instrumento de formação moral e espiritual de um povo.

Pode-se perceber sua visão na crônica *A Escola Chinesa*, em que Cecília traz um trecho do livro 'O Espírito do Povo Chinês', de Kou-Hung-Ming, e nos apresenta "A palavra chinesa chiao, que significa, em chinês, religião, significa, também, educação. E, assim como a igreja da China é a escola, religião significa para os chineses educação, cultura". Na educação chinesa, seguidora dos ensinamentos filosóficos de Confúcio, o sentimento e a emoção nascem do estudo da poesia; o julgamento é formado pelo estudo do bom gosto e das belas maneiras; a educação do caráter é completada pelo estudo da música. Assim, a educadora exemplifica com a escola chinesa como se pode despertar a inspiração humana ensinando a poesia, a palavra dos grandes escritores, porque a literatura possui uma emoção viva.

Segundo Cecília, essa tese de estética não surpreenderia os educadores daquele momento, pois procuravam encontrar no poder criador da beleza o estímulo oportuno para humanizar e elevar o homem acima de si mesmo. No entanto, ao defender uma formação artística dos alunos desde a infância, a educadora mostrava-se preocupada com o fato de uma grande parte do magistério não possuir, ainda, herança cultural para esse trabalho. A preocupação de instruir, que dominava a de educar, e demais posturas de pais e dos agentes do processo educacional como um todo contribuíram para que a escola concentrasse seus esforços na missão de alfabetizar. Nesse contexto, uma educação voltada para a arte poderia representar um luxo e um conteúdo supérfluo.

Ao mesmo tempo, a educadora vislumbrava nos professores uma integração à corrente de pensamento que atravessava o mundo, que via a escola como um "ponto de ação valiosíssimo", a formação de uma consciência de que a educação estética era um meio infalível de atingir a alma delicada da criança, "sensível à beleza" (MEIRELES, 2/12/1930).

Tanto assim que, na *Página de Educação* do dia 3/1/1931, Cecília anuncia a instituição do prêmio 'Olavo Bilac' para livros inéditos[44], em prosa e verso, destinados à infância. Registra essa iniciativa por parte "de meia dúzia de jovens, escritores e pintores", com simpatia. Pois, conforme conta ao público leitor, "quase todos os dias" tem procurado interessar os artistas pelos problemas da educação, por ver neles um tato especial para sentir e compreender a alma da criança.

A educadora justifica uma possível mudança de perspectiva dos professores, ao informar que o processo educativo da arte já estava fundamentado nas páginas dos psicólogos contemporâneos. Os resultados da sua aplicação estavam firmados nas conquistas pedagógicas; não se tratava de empirismo ou literatura. Era o conhecimento das pesquisas modernas a serviço desinteressado da humanidade. "Não estará longe o dia em que nós, brasileiros, teremos para os nossos filhos espetáculos de arte, representações, publicações, cursos especializados – tudo determinado por uma autêntica orientação estética" (MEIRELES, 3/1/1931).

Na Página de Educação do dia 12/3/1931, é publicada na íntegra a Conferência de Fernando de Azevedo proferida em São Paulo, cujo título é 'A Arte, como Instrumento de Educação, na Reforma'. Cecília, ao fazer a apresentação do texto, já antecipa ao leitor a sua anuência em relação à opinião do conferencista: "A inquietude de beleza, que enche estas palavras, com um sopro eterno, e que nos faz sonhar o professor artista criando em cada aluno

[44] Os livros seriam julgados por poetisas especialmente convidadas como, Anna Amélia de Queiroz Carneiro de Mendonça, Henriqueta Lisboa, Gilka Machado, Maria Eugenia Celso e a própria Cecília Meireles, entre outras.

uma obra espiritual, capaz de deslimitar a vida, seria suficiente para dar a medida do conceito educacional do sr. Fernando de Azevedo".

Nesta, Fernando de Azevedo apresenta elementos de sua concepção reformadora como impregnada do sentimento de harmonia e de beleza, assentada em bases científicas sólidas e no ímpeto lírico dos ideais que a inspiraram. Afirma, em acréscimo, ter procurado aproximar as crianças de todas as fontes de inspiração, de pensamento e de arte. Para isso, teria criado uma Comissão Permanente de Música e Canto Coral, com a finalidade, entre outras, de

> (...) promover e organizar concursos de composições apropriadas ao canto coral e de canções populares brasileiras, e de estudar e indicar as obras musicais suscetíveis de interpretações, pelos exercícios de ginástica rítmica e bailados nas escolas; remodelando, em bases inteiramente novas, a escola dramática, para torná-la capaz de cooperar na obra de reerguimento do teatro nacional, tanto do ponto de vista cênico, como do ponto de vista literário (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 12/3/1931).

Fernando de Azevedo fundamenta sua ação mediante os estudos de filosofia social que, ao confrontar o sistema pedagógico com o conjunto das instituições sociais, fizeram ver na escola apenas uma unidade na pluralidade das forças que concorrem para o movimento das sociedades. E mostraram ser necessário alargar o seu círculo de ação, a fim de transformá-la num centro de atividades da vida real.

Cecília concorda com o exposto, pois entendia a educação como sendo planejada segundo uma concepção integral da vida e do ser humano. Portanto, deveria dilatar as suas finalidades, assim como aprofundar o sentido das experiências estéticas.

2.2.1 O encantamento da arte – a poesia que educa

A educadora declara que, em matéria de educação, acreditava na poesia acima de tudo, conforme podemos ler na crônica *Poesia e Educação* (MEIRELES, 11/1/1933), por saber que os poetas, pela sua maneira generalizada de ver o mundo, em suas linhas essenciais, despidas dos acessórios que limitam e situam no tempo, conseguem ver e revelar o que ainda não se evidenciou à clareza de todos os olhos. Também considerava-os trabalhadores do espírito, que operam com valores mais universais, que abarcam maiores zonas da alma, opinião retirada do discurso de Alfonso Reyes, proferido durante as comemorações do Dia Pan-Americano

(MEIRELES, 16/4/1932), sobre o qual Cecília tece elogios e também se posiciona em concordância.

Defendia que não havia melhor destino no mundo do que ser poeta. Porque ser poeta, conforme escreve na crônica *O Espírito Poético da Educação*, não era poder escrever algumas coisas, "com ou sem sentido, dentro de certos limites silábicos e com determinadas cesuras". Era ter o dom de surpreender a beleza da vida, "nas grandes linhas de harmonia em que se equilibra todo o universo" (MEIRELES, 26/11/1930). Era poder apreender a amplidão das visões objetivas, bem como as expressões subjetivas, com todas as suas transfigurações.

Podemos perceber que, para a educadora, a literatura não abrangia apenas os textos escritos. O que fosse apenas pronunciado também seria literatura. "É o fato de usá-la, como forma de expressão, independente da escrita, o que designa o fenômeno literário. Sempre que uma atividade intelectual se manifesta por intermédio da palavra, cai, desde logo, no domínio da literatura" (MEIRELES, 1984, p. 19).

Além disso, segundo sua concepção da vida, poesia e educação tinham em comum serem ambas realizações de amor. Era possível descobrir-se um poeta latente em cada educador e um educador imprevisto em cada poeta, na sua profunda expressão. "A poesia disciplina o sonho, como a educação disciplina a vida" (MEIRELES, 11/1/1933). Assim se posiciona a educadora, favorável aos corações que se abrem num sentimento de fraternidade, criando um sentido do humano. Em educação, esse sentido seria uma força indispensável e fundamental. Ensinar a conhecer os homens é uma das conquistas a que pode aspirar o educador. Nesse sentido, os poetas, assim como os educadores, seriam profissionais que viveriam uma vida para além de si mesmos, trabalhando para o coletivo humano.

Cecília acreditava que, se a humanidade se conhecesse bem, melhor se amaria. Poderia encontrar em todas as raças, em todos os países, a mesma fisionomia de vida e de sonho, conforme inicia a crônica *Ternura Chinesa*. Continua seu texto dizendo que também crê que essa revelação de identidade humana poderia ser feita principalmente por meio da obra poética. "Os poetas só são verdadeiramente poetas quando possuem esse dom do universal que os liberta da fatalidade do tempo e do espaço, imortalizando-os no coração de todos os séculos e de todos os homens" (MEIRELES, 16/8/1932).

Dessa maneira, a obra educacional teria de ser obra de alta poesia. Cecília prevê, inclusive, que chegaria o momento em que as vocações pedagógicas teriam de se definir como missões civilizadoras do espírito, de atividade quase especialmente artística, a qual estaria mais ligada diretamente à vida. No seu entendimento, a arte procura definir a vida, sugere,

interpreta, dá às criaturas essa noção de presença de si mesmas no cenário universal (MEIRELES, 16/8/1932).

Em seu livro, *Problemas da Literatura Infantil*, apresenta uma 'Explicação Prévia', assinada por ela mesma, em 1951, na qual afirma não ter pretendido dar solução aos inúmeros problemas da literatura infantil, apenas insistiu sobre a sua importância e alguns dos seus aspectos. Em seguida, declara sua aspiração de organizar uma Biblioteca Infantil Mundial, que aparelhasse a infância de todos os países para uma unificação de cultura, nas bases do que se poderia "muito marginalmente chamar um "humanismo infantil". Na esperança de que, se todas as crianças se entendessem, talvez os homens não se hostilizassem" (p. 16).

Assim, pode-se observar como a educadora insiste na humanização construída por meio da literatura. Evidencia sua defesa de um projeto de elevação da humanidade através do trabalho poético. Não só pela leitura dos livros, mas também na atuação dos educadores poetas, visto que, para ela, a visão poética deveria ser parte integrante da orientação educacional. Ainda de acordo com sua opinião, a sensibilidade interior, o dom poético, nem sempre se manifestaria nos versos; também poderia deixar de ter uma exteriorização definida, de qualquer espécie artística. Ela lembra que eram inúmeros os educadores que, ao mesmo tempo, possuíam uma personalidade artística já célebre, como: Rabindranath Tagore[45], Tolstoi[46], Selma Lagerlöf e Gabriela Mistral[47].

Segundo Antonio Candido (2004, p. 176), existem aspectos paradoxais com relação ao papel da literatura na formação do homem, na medida em que os educadores enaltecem e temem os efeitos dos textos literários. O autor aponta um conflito entre a ideia convencional

---

[45] Tagore (1861-1941), poeta bengali. Ganhou o prêmio Nobel em 1913. Também escreveu contos, romances, dramas musicais, ensaios, diários de viagem e duas autobiografias. Com a tradução de alguns de seus poemas, tornou-se conhecido no ocidente. Ficou conhecido como a voz da herança espiritual da Índia. Também deu início a uma escola experimental, em Shantiniketan, onde trabalhou seus ideais de educação baseados na filosofia hinduísta. Disponível em: http://www.nobelprize.org/nobel_prizes/literature/laureates/1913/tagore-bio.html

[46] Leon Tolstoi (1828-1910). Escritor russo, um dos eminentes autores da narrativa realista. Depois das suas primeiras obras – entre outras, as autobiográficas *Infância* e *Contos de Sebastopol*, baseado em suas experiências na guerra da Crimeia –, escreveu *Guerra e Paz* e *Anna Karenina*. Depois de ter servido no exército, em 1856, viajou pela Europa visitando vários países, regressando então à sua terra natal para administrar suas terras e dedicar-se à literatura. Exerceu também forte influência sobre Gandhi, com quem chegou a manter correspondência. Disponível em: http://www.lpm.com.br/site/default.asp?TroncoID=805134&SecaoID=948848&SubsecaoID=0&Template=../livros/layout_autor.asp&AutorID=607090

[47] Gabriela Mistral (1889-1957), pseudônimo de Lucila Godoy y Alcayaga. Começou a escrever poesias quando ainda era professora. Trabalhou durante muitos anos em escolas primárias e secundárias, até a poesia torná-la famosa. Desempenhou um papel importante nos sistemas educacionais do México e do Chile. Participou de comitês culturais da Liga das Nações e foi cônsul chilena em Nápoles, Madri e Lisboa. Ganhou o prêmio Nobel de Literatura em 1945. Disponível em: http://www.nobelprize.org/nobel_prizes/literature/laureates/1945/mistral-bio.html

de uma literatura que eleva e edifica e o seu poder de iniciação à vida. Na verdade, ela não corromperia e nem edificaria, mas humanizaria em sentido profundo, porque faz viver.

De fato, ao elaborar uma estrutura, o poeta ou o narrador propõem um modelo de coerência gerado pela força da palavra organizada. Esse todo articulado da produção literária torna-se um fator que deixa as pessoas mais capazes de ordenar a própria mente e os sentimentos. “A organização da palavra comunica-se ao nosso espírito e o leva, primeiro, a se organizar; em seguida, a organizar o mundo” (CANDIDO, 2004, p. 177). Esse seria o seu primeiro nível humanizador.

Humanizar, para Candido, seria o processo confirmador, no homem, dos traços considerados essenciais: a aquisição do saber, boa disposição para com o próximo, afinamento das emoções, o senso da beleza, a capacidade de penetrar nos problemas da vida e o exercício da reflexão. “A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante” (CANDIDO, 2004, p. 180).

Talvez seja esse o sentido dado por Cecília ao trabalho humanizador da literatura. Segundo a educadora, a literatura não seria somente um passatempo, como suposto pela maioria das pessoas, mas uma forma de “nutrição”. Entendemos que ela defendia o gosto pelo literário, acima de uma visão utilitária, que não estaria associado somente ao exemplo moral. Para ela, que pensava, principalmente, no caso da infância, o acesso ao texto literário permitiria uma visão do mundo sentido, antes de explicado; do mundo ainda em estado mágico (CANDIDO, 2004, p. 83). Desse modo, a educadora demonstra ver na literatura não somente um poder edificante do ser humano, mas também oportunidades de fruição, conhecimento e de integração no coletivo da humanidade.

No que tange à moralidade expressa pela poesia, Cecília trata do assunto na crônica *O Hino Nacional*. O sr. José Rodrigues Barbosa, professor extraordinário e honorário do Instituto Nacional de Música, recebera um telegrama do diretor desse mesmo Instituto nomeando-o para integrar uma comissão a fim de substituir a letra do Hino Nacional e a música do Hino à Bandeira.

Cecília escreve que a notícia era interessante para quem lidava com as crianças, “procurando servi-las, em vez de as tiranizar”, visto que considerava a letra do hino “uma das tiranias que a infância vem suportando como pode”, por causa da dificuldade do entendimento do seu vocabulário. Chega a escrever que Osorio Duque Estrada legou ao povo brasileiro “a

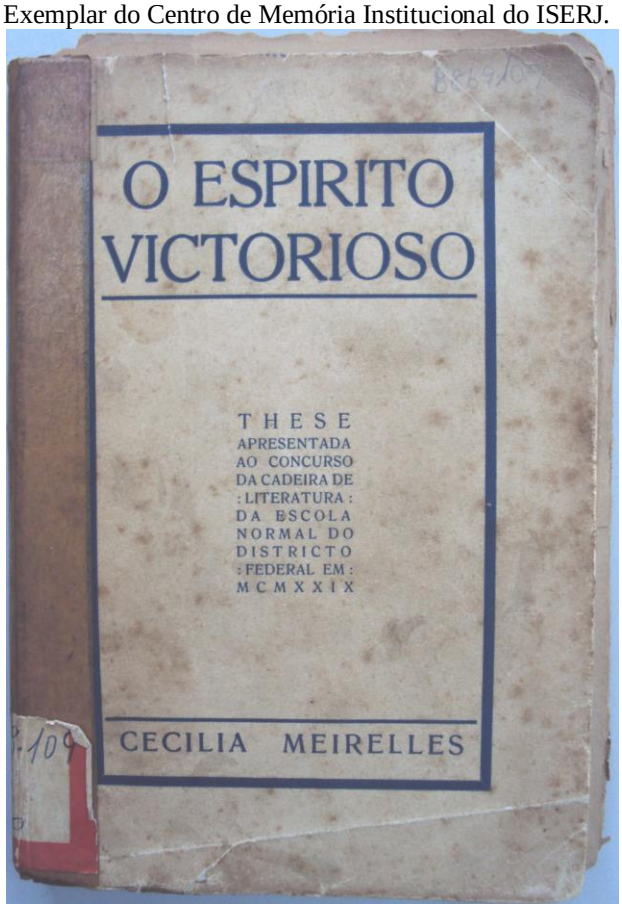
prova mais indiscutível da sua ausência de espírito poético e da sua compreensão medíocre de cânticos cívicos".

Aprofundando a discussão, a autora afirma ser a poesia cívica uma desgraça, uma vez que seria uma invasão arbitrária de assuntos inconciliáveis com o nível poético, assim como a poesia doutrinária ou científica. "Fazer um soneto para demonstrar um teorema ou expor um provérbio não deixa de ser fazer um soneto. Mas não é mais fazer poesia. Assim a estética cívica" (MEIRELES, 13/9/1931).

2.2.2 O sonho como elemento poético indispensável à educação

Suas crônicas jornalísticas trazem também muitas das ideias defendidas na sua tese *O Espirito Victorioso*, publicada em 1929.

Figura 5 – Tese apresentada ao concurso da Cadeira de Literatura da Escola Normal do Distrito Federal em 1930. Exemplar do Centro de Memória Institucional do ISERJ.



Nessa obra, Cecília já discutia a necessidade de a escola moderna apresentar um espírito de formação do homem que lhe restituísse suas qualidades de ânimo livre, de inteligência franca, de sentimento justo e de vontade equilibradora (MEIRELES, 9/12/1932, p. 14). Não era mais possível reduzir o indivíduo a um tipo essencialmente utilitarista e material. Era chegada uma época de nivelamentos sociais, que deveria reconhecer em cada indivíduo, antes de tudo, sua qualidade de homem. Nas palavras de Cecília, saber ver a humanidade seria aprender quase tudo que a vida pode nos ensinar (MEIRELES, 9/12/1932).

Conforme a educadora, a literatura poderia mostrar o homem com uma veracidade que as ciências talvez não tivessem. Seria o documento espontâneo da vida em trânsito, o depoimento vivo, natural, autêntico. O caráter literário encobriria mas não desfiguraria as formas trabalhadas. "Quando um poeta canta é que nele se operou todo um processo de síntese: sua sensibilidade, sua personalidade recolheu os elementos esparsos do momento, da raça, da Terra, dos contatos sociais e espirituais" (MEIRELES, 1929, p. 23). Acreditava na atividade criadora do homem, capaz de produzir máquinas ou leis, mas também sistemas ou canções. E as canções[48], conforme Cecília apresenta no seu *Espirito Victorioso*, talvez abrissem mais facilmente "passagem até as almas", porque aproximariam distâncias, por meio delas os homens se compreenderiam e os povos comunicariam as suas dores e alegrias universais (MEIRELES, 1929, p. 23).

A defesa se fazia no sentido de uma educação que abrangesse a totalidade da vida, "abarca todas as inquietudes que, no seu jogo incansável, realizam este encantamento geral da existência". A renovação educacional para ela significava, dentre outros objetivos, uma retificação do conceito de humano a respeito dos homens e da vida, uma obra de harmonia total de que o mundo inteiro carecia, "um acordar do torpor da tradição". Dessa maneira, educação adquiria um sentido amplo, "poesia que embeleza; filosofia que quer explicar; psicologia que estuda técnica, ansiosa de acerto; método, dirigindo-a e sustentando-a" (MEIRELES, 15/9/1932).

Sabemos que os livros podem exercer influências diferentes, em cada momento, nos diferentes lugares e conforme o leitor. Na visão de Cecília, a literatura também formaria o homem, humanizando-o e unindo-o a outros povos e outras culturas. Na sua crônica de 30/7/1932, intitulada *Folk-lore e Educação*, ela afirma: "É natural que haja entre educação e poesia uma assonância completa, uma vez que ambas são a própria ansiedade de representar a vida".

---

[48] Canção é aqui entendida com composição poética.

Nesse sentido, educadores e poetas comungariam da mesma ‘missão’ de formação e harmonização do ser humano.

> Talvez a ciência pedagógica não diga tudo, se não for animada por um sopro sentimental, que a aproxime do lirismo da vida quando apenas começa; desse lirismo que os homens, com o correr do tempo, ou perdem, ou escondem, cautelosos e envergonhados, como se o nosso destino não fosse o sermos humanos, mas práticos (MEIRELES, 1984, p. 30).

O lirismo na educação consistia em uma das defesas centrais da educadora, cuja finalidade era aumentar as possibilidades melhores da vida, num serviço generoso de amor e compreensão, ao enfatizar a fraternização de pensamentos e sentimentos. No entanto, um alerta é feito por ela na crônica *A Preocupação Educacional do Momento*. Cecília inicia a sua escrita afirmando a necessidade de sempre se acrescentar subsídios à coleção de notícias que informam sobre a preocupação educacional do país, uma vez que não bastava olhar para as ideias sobre educação apenas com simpatia. Era preciso ter conhecimento do assunto, dos problemas nacionais, da formação humana e da estrutura da vida humana. Porque o que se queria era formar as criaturas, integralmente, desenvolvendo-lhes todas as possibilidades humanas, as faculdades do espírito. “Com a singela preocupação de lhes fornecer um meio de se exprimirem” (MEIRELES, 15/1/1931).

Tendia, também, a considerar o educador como um poeta, porque, além de trabalhar diretamente com o elemento humano, ambos apresentariam interesse pelo gênero humano. Assim, havia outras características desejadas para os educadores. Eles deveriam ter uma alma plástica e não instável. Capaz de se adaptar a qualquer realidade, a interpretar a intenção de cada época e a ideologia das gerações que avançam. Não deveria agarrar-se a um sistema, a um método, a uma doutrina. Tampouco, para um homem que atua na questão educacional, seria possível permanecer em um determinado ambiente, limitado e imóvel (MEIRELES, 31/1/1931). “O mestre aparece-nos hoje não mais com a sua velha aparência de transmissor de conhecimentos imóveis, mas como um artista e como um homem, criando largamente com tudo que houver de preclaro na sua inteligência, de puro no seu sentimento e de nobre na sua atividade” (MEIRELES, 1929, p. 18).

Na sua Tese, defendia, em acréscimo, ser necessário um conhecimento da história da vida por parte do professor, uma sensibilidade para os fenômenos de cada época, compreensão da natureza humana e, para além dessas características, deveria demonstrar, especialmente, um gosto pela vida, com a capacidade de amar largamente o passado, sem se curvar a ele; de perceber o presente, tanto quanto fosse possível enxergá-lo de perto, sem o

oferecer como a época definitiva e ter uma alegria do futuro que se espera como um bem maior.

Porque os ideais vão passando e transformando o mundo, segundo Cecília nos apresenta na crônica *A Passagem dos Ideais*. Para exemplificar essa passagem, cita Nietzsche, que dizia que o que consideramos mau em uma época são os restos desatualizados do que em outra foi considerado bom. Para isso, o educador deve pensar no movimento futuro da humanidade, sem deixar de ter a compreensão do passado, advertido de que os ideais atuais também morrerão. "O educador precisa ter bem nítido esse conceito da duração das coisas e das ideias" (MEIRELES, 1929, p. 18).

> Porque é, realmente, uma grande responsabilidade aparecer diante dos alunos – grandes ou pequenos – sem ser em estado de beleza, exterior e interior, superficial e profunda, do ritmo do pensamento à atitude do corpo, da direção das ideias à linha fugitiva, e no entanto imortal, de cada gesto rápido (MEIRELES, 28/5/1931).

Para Cecília, as vidas que dependem da influência do educador ainda vão se realizar. Portanto, não podem ser nutridas pelos velhos sonhos, com os quais a humanidade estaria se desiludindo ou já teria se desiludido.

Defensora das questões humanizadoras da educação, entende que o educador precisa tornar-se um "explorador de novos mundos espirituais. Cumpre-lhe incutir nos que vão com ele esse gosto do novo, essa alegria das descobertas, esse entusiasmo criador pela vida, essa satisfação de ser criatura, e esse bem de todos os dias se aperfeiçoar" (MEIRELES, 28/5/1931). Como diz na crônica *Vida*, de 9/10/1932, os mestres que não amam a vida deveriam sair de perto das crianças. Era, portanto, necessário, possuir a visão dos poetas, cujos olhos se abrem para mais longe, iluminados pelo sonho.

Cumpre destacar que Cecília foi reprovada no Concurso para professor de literatura da Escola Normal, no qual defendeu a tese *O Espirito Victorioso*, em agosto de 1930. Note-se também como ela trouxe a público essa questão, na edição do dia 27/8/1930, na qual publicou em sua Página uma carta aberta ao Diretor Geral da Instrução Pública, Fernando de Azevedo. Afirma tratar-se de um protesto sobre o resultado das avaliações do concurso. Cecília, como candidata, questiona se ele havia tomado conhecimento das provas realizadas e do resultado da banca. Ela expõe que talvez ele não soubesse, mas ela veio dos tempos da Pedagogia que a sua administração condenou; fez a sua formação na Escola Normal "com uma finalidade pedagógica alheia ao tempo"; que tentou, "dentro das velhas escolas irrespiráveis, ser um

elemento de transformação, anterior à Reforma dele, mas com muitos pontos de contato com ela”[49].

Interessada pelo problema da formação do professor e convencida de que dele dependia a renovação pedagógica que se devia operar em todo o Brasil, como em todo o mundo, candidatou-se à Cadeira. A sua Tese dedicava-se ao estudo sobre a literatura em Portugal e no Brasil, da Renascença até aquela época e continha uma parte de apreciação pedagógica sobre a influência da literatura na formação do professor.

Termina a carta afirmando que não estava defendendo somente sua causa, mas a da educação brasileira. E mais, diz que o seu protesto não significava “nem desalento nem desapego ao ideal, da parte de quem, moralmente, se considera perfeitamente vitoriosa”.

Provavelmente a publicação da sua carta desencadeou mais duas publicações na *Página de Educação* a respeito do assunto. No dia 29/8/1930, o sr. Oswaldo Orico[50], também candidato ao concurso, escreve um requerimento para o Diretor Geral da Instrução Pública solicitando que se anulem as notas dadas por Nestor Victor e Antenor Nascentes. Estes dois integrantes da banca confessaram publicamente que ignoravam o assunto defendido pelo candidato em sua tese.

No dia 30/8/1930, o sr. Gerardo Seguel[51], escreve uma carta endereçada à Cecília elogiando a Reforma Fernando de Azevedo. Ele havia estado no Brasil durante dois anos estudando a situação do nosso ensino, conforme informa Cecília na sua apresentação. A sua intenção, mais à frente, é de fazer uma crítica ao concurso ao qual Cecília havia se submetido. Segundo Seguel, deveria ser exigido um sentido de aplicação pedagógica para a Tese. “O

---

[49] Em meio ao seu protesto, Cecília esclarece que havia pedido exoneração do seu cargo de professora adjunta de 2ª classe, pois se sentia constrangida entre a sua consciência e a necessidade de obedecer a ordens pouco inteligentes. Porém, com a Reforma Fernando de Azevedo, pensara que era chegado o momento oportuno para trabalhar e tentou voltar ao cargo, entretanto, rebaixada para a 3ª classe. Afirma não ter se abatido com a situação, porque colocava acima de tudo o seu ponto de vista.

[50] Oswaldo Orico nasceu em Belém do Pará em 29/12/1901 e faleceu no Rio de Janeiro em 19/2/1981. Foi imortal da Academia Brasileira de Letras, tomando posse em 9/4/1938. Ainda jovem foi repórter do jornal *O Estado do Pará*. Veio para o Rio de Janeiro em 1919. E colaborou nos principais jornais e revistas. Publicou, entre outras obras, *Arte de Iludir* (poesia), *O Melhor Meio de Disseminar o Ensino Primário no Brasil* (prêmio Francisco Alves da ABL), 1928; *Vida de José de Alencar*, 1929. E na literatura infantil, *Contos da Mãe Preta* e *Histórias do Pai João*, entre outros. Disponível em: http://memoriadaliteraturadopara.blogspot.com.br/2013/08/osvaldo-orico.html

[51] Gerardo Seguel (1902 – 1950), chileno. Poeta e ex-professor da Escola Normal de Santiago do Chile, dedicou a maior parte de seu tempo livre à Literatura e foi vice-presidente da Aliança de Intelectuais do Chile. Escreveu livros de poesia: *Dos Campanarios a la Orilla del Cielo*, 1927; *Horizonte Despierto*, 1936, entre outros, e ensaios: *Fisionomia do Mundo Infantil*, 1929. Disponível em: http://sicpoesiachilena.cl/docs/poetas_detalle.php?poeta_id=289 e http://www.sepaargentina.com.ar/index.php?option=com_content&view=article&id=326:gerardo-seguel-chile-1902-1950&catid=57

observador acostumado a tratar com assuntos de educação moderna sente logo o defeito das condições do concurso". Porque ao não se exigir a intenção pedagógica da Tese, junto com a prova escrita, as duas acabam por constituir duas provas de erudição, ao lado de uma única prova prática, no caso a aula, o que seria desproporcional e absurdo. Na sua opinião, na Escola Nova, a prova mais importante seria a de aula. Então, teria ocorrido outro engano, quando os candidatos foram chamados para a prova de aula, porque, segundo a educação moderna, o conceito de aula ia desaparecendo, sendo substituído pelo de atividade escolar, dentro de um plano flexível, de cultura.

Vemos, assim, como Cecília procurava trazer também para o jornal a sua prática como educadora. Em muitos momentos, mostrava-se preocupada com a distância entre os discursos e as ações. Como quando escreve a crônica *A Dificuldade de Ser Professor*, enfatizando a relação entre professor e aluno. Declara ter medo de afirmar que a criança é o recomeço da vida, a renovação do mundo, a chave da criação, porque "pode parecer discurso. E discurso é coisa em que, felizmente, parece que ninguém acredita mais" (MEIRELES, 23/8/1932).

Ou quando escreve que o antagonismo das palavras em relação aos atos é que constitui uma forma permanente de deseducação. Ao tratar da fundação de um abrigo de proteção aos animais, no Rio de Janeiro, na crônica de mesmo título, observa que a notícia não parece ter nada de extraordinário, pois é comum ouvir falar nessa proteção. O problema residia na constatação de práticas contrárias. Daí em diante, ela desencadeia uma discussão acerca dessa disparidade, aproximando o assunto da literatura, visto não saber o porquê de as pessoas que gostam tanto do que veem nos livros não terem disposição para proceder paralelamente na vida: "os romances admiráveis, que consagram seus autores, são abominados na existência real; os grandes atos de nobreza, que empolgam os leitores, dificilmente chegam a ter forma concreta nas múltiplas oportunidades diárias" (MEIRELES, 20/10/1932).

Ou ainda, na crônica *Esse Glorioso México*, iniciada com a tese de que a prova de preocupação educacional de um povo não se limita às iniciativas e às leis, por serem muitas vezes casuais ou excepcionais e podem, até, não representar o sentido nacional. Essa prova, como Cecília afirma, deve ser buscada em atitudes que, mesmo fora do espaço escolar, "sejam uma coincidência no mesmo propósito, uma definição espontânea do mesmo interesse, uma confirmação que totalize idênticas manifestações parciais" (MEIRELES, 6/10/1932).

Na sua atuação como educadora e cronista, Cecília defendia uma sociedade mais humana e mais justa, que deveria respeitar a diversidade de valores morais, intelectuais e profissionais como condições de cooperação eficaz.

Ao associar a literatura ao campo social, podemos encontrar em Antonio Candido (2004, p.174) uma fundamentação sociológica de que talvez não haja equilíbrio social sem literatura. Nesse sentido, ela funcionaria como fator indispensável de humanização, uma vez que atua em grande parte no subconsciente e inconsciente, confirmando o homem na sua humanidade. Portanto, sua importância seria equivalente à da educação familiar e escolar.

Por esse motivo, a literatura pode ser considerada um instrumento poderoso de instrução e educação e ser proposta como equipamento intelectual e afetivo, na medida em que os valores defendidos ou considerados deletérios pela sociedade estão presentes nas diversas manifestações da ficção e da poesia.

Devemos salientar que o sociólogo também chama de literatura, de maneira ampla, todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que se chama de folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações. Desse modo, a literatura pode ser vista como uma manifestação universal de todos os homens em todos os tempos.

No entanto, equipar a humanidade afetiva e intelectualmente poderia não ser uma tarefa simples e imediata. Cecília traz à reflexão uma das maiores dificuldades encontradas pela educação, na crônica *Despertar*, de 19/11/1932. Se educar consiste em formar o homem, é preciso que o indivíduo seja despertado para o conhecimento ou sentimento dessa necessidade. Conforme seu ideário, e para os que se detêm a observar o mundo, uma grande parcela da humanidade parece viver a sua vida "em pleno sonambulismo, agindo e reagindo movida quase automaticamente, apenas com vibrações maiores quando sobre ela pesa alguma fatalidade mais exorbitante". A tendência geral seria para a "quietude quase desumanizada do hábito". E nessa ação de despertar, residiria a beleza criadora da educação, "luminosa e forte" – fazer o homem querer alguma coisa para o seu destino e trabalhar para ele.

A luta empreendida, pela Nova Educação, pelo conceito de vida, não poderia ser deturpada pela rotina, pelo esquecimento, pela falta de coração em que a humanidade veio caindo (MEIRELES, 9/10/1932). Cecília preocupava-se com o fato de as pessoas seguirem sendo um hábito, em lugar de uma personalidade. "Para que o extraordinário e o inesperado?" (MEIRELES, 15/3/1932), perguntava-se a autora.

A educação seria um meio de facilitação a todos de se estudarem, de se compreenderem, de se definirem, de se realizarem. Dar a todas as criaturas uma alegria essencial (MEIRELES, 30/3/1932). No entanto, facilitar tudo seria empobrecer o ser humano,

como que confessar a sua insuficiência de recursos próprios para a conquista de si e o domínio das circunstâncias. No outro extremo, dificultar tudo, seria tolher sua ação e aprisioná-lo, apenas vislumbrando um mundo maravilhoso que nunca chegaria a atingir.

Era, portanto, necessário um ambiente de diferentes estímulos, onde as grandes aspirações humanas pudessem despertar e se encantarem consigo mesmas. Mesmo configurando um movimento narcísico, Cecília vê aí uma virtude, pois se o homem gosta de se ver belo, por que não se lhe proporcionaria uma oportunidade para se sentir assim? Questiona-se sobre o mundo estar sempre empenhado em diminuir as criaturas, detê-las, afligi-las, em fazer com que tenham uma impressão de fracasso e incapacidade.

Sobre a beleza, a educadora nos traz comentários acerca do livro *Cultive ta Statue* de R. Odic-Kintzel, em 28/5/1931, na crônica de mesmo nome, "um verdadeiro tratado de harmonia da atitude", mostrando que beleza é uma esfera mais profunda, mais enraizada no espírito e na vida. No prefácio da obra citada, surge uma outra questão importante tratada pela autora, a responsabilidade de cada um no espetáculo de beleza do mundo. Ou seja, a humanidade precisava apreender o gosto pelo belo e a maneira de preservar as atitudes das desarmonias que a aviltam.

Para que o homem cresça, é preciso animá-lo e "convém não lhe prender os pés no chão" (MEIRELES, 30/9/1932). Mesmo que se despedace, estará cumprindo seu destino de vencedor. Afinal, o sentido da educação é o de prover o homem das forças necessárias para a realização de si mesmo.

Nesse sentido, a arte poderia atuar nesse crescimento. Conforme declara na crônica *Arte e Educação*, "um instante de beleza pode causar a transformação total de uma vida" (MEIRELES, 23/11/1932). Diante das grandes obras de arte poderiam operar-se milagres, os homens mais hostis converteriam-se subitamente, aflorando o espírito com as suas "virtudes requintadas" e paralisando todas as "energias bárbaras".

Cecília vai além, afirmando que tudo quanto se tem escrito sobre o poder da arte, nessa transfiguração humana não é apenas matéria mitológica ou poética. Pode ser uma espécie de esquecimento sobre a contingência das incompreensões e dos ódios entre homens e nações, que, se estimulado, poderia, quem sabe, extinguir a vocação que ainda resta no homem para a intolerância, a luta e a morte. Como exemplo para as suas afirmações, cita Tolstoi, para quem a arte era definida como 'a aproximação fraternal dos homens'.

Para os grandes gênios da arte, assim como para os da ciência, não existiria pátria e nem limites. Mesmo que sofressem julgamentos dos seus contemporâneos, saberiam estar

num ambiente universal. Apenas por possuírem um dom profundo de beleza e saberem produzir sem abolir as fronteiras de dependência entre o individual e o universal. Em realidade, para a educadora, o homem seria um animal idealista. Para além de todos os limites impostos à sua condição, a tentativa dos sonhos seria a expressão contínua do poder infinito que dentro dele se oculta. Ele pode fracassar nas mais simples e modestas iniciativas, mas estará sempre sonhando um bem mais alto, colocando o coração num plano mais impossível (MEIRELES, 18/11/1932).

Entendemos que, para Cecília, haveria outras formas de se expressar artísticamente. Podemos observar essa perspectiva quando se refere à demonstração de ginástica rítmica das alunas do curso de extensão universitária dos professores Pierre Michailowsky e Vera Grabinska[52]: reconhecendo o valor da educação física que, ao disciplinar o corpo e fortalecer o espírito, pode dar ao indivíduo o domínio completo de todas as suas energias e facilitar para o homem sua harmonia com o mundo e consigo mesmo (MEIRELES, 6/12/1932).

Assim compreendida, a educação física deixaria de ser assunto acessório no ensino para se tornar a base da formação humana, porque não só representaria a saúde, mas também o equilíbrio interior. Cecília conclui o texto afirmando acreditar na arte sobre todas as coisas. E que o curso de Michailowsky e Grabinska foi um curso de poesia viva, de poesia humanizada.

Na crônica *Educação Artística*, refere-se elogiosamente ao suplemento artístico publicado pela Diretoria de Ensino de Montevidéu, porque apresenta uma declaração de que a obra cultural realizada pela 'Enciclopedia de Educación' sempre parecera incompleta, uma vez que carecia de uma ampla informação artística, "pois nenhuma obra, que exclua estas disciplinas do espírito humano, pode ser considerada integralmente educativa" (MEIRELES, 29/1/1932). Cecília afirma que a verdade da arte como fator de educação já era uma verdade tão antiga e insofismável que não surpreendia vê-la expressa pelos que se interessam pelos problemas humanos. A sua apresentação sob uma forma concreta já era algo mais difícil de se ver.

Ao elogiar os projetos de Villa-Lobos sobre o ensino de música, na crônica *Educação Artística*, afirma acreditar que os artistas possuem uma visão mais ampla que os homens comuns. Em matéria de educação, seriam os mais capazes de resolver problemas que dependem da intuição do que as "criaturas de alma burocrática e de vocação decidida para

[52] "A francesa Grabinska (?-1986) e o russo Michailowsky (1888-1970) radicaram-se no Brasil em 1926, com a intenção de fundar a primeira escola oficial de balé na cidade do Rio de Janeiro, o que acabou não ocorrendo. Dedicaram-se, então, a ministrar aulas de balé nos clubes cariocas, criando cursos em vários deles" (CERBINO, 2007).

cortar com as tesouras da sua mediocridade o voo que levantam todas as intenções pressurosas" (MEIRELES, 2/1/1931). Alegrava-se ao constatar que estavam saindo de um "regime de nulidades convertidas em medalhões, infladas pela sua própria jactância e douradas exteriormente pelo louvor da incompetência" (MEIRELES, 2/1/1931). Afinal, não poderia haver transformação da vida se não houvesse esse cuidado.

Ademais, no dia 8/3/1932, Cecília fala de Villa-Lobos, sobre a organização dos orfeões escolares. Faz referência à sua súbita expressão de entusiástica esperança. Sentiu sua voz como um apelo ao coração e à inteligência dos que o ouviam para realizarem com ele essa obra de cultura artística de que o Brasil "desgraçadamente tanto se tem descuidado, malgrado possuir um número de vocações e de realidades dessa natureza que por si só bastaria para significar o valor de uma civilização" (MEIRELES, 8/3/1932).

Até aquele momento, continua a autora, não tiveram educação artística, nas escolas primárias. Até a Reforma Fernando de Azevedo, o desenho era considerado uma disciplina de importância secundária. Acreditava, então, que os orfeões escolares poderiam vir a ser o estímulo, o ambiente, a possibilidade de dedicação à cultura artística infantil. E, assim, existiria a educação artística que ainda não possuíam.

> No dia em que as crianças brasileiras começarem a ser nutridas com uma poesia verdadeira, desde pequeninas, com uma poesia sem futilidade, com uma poesia que seja a depuração, a simplicidade, a serenidade do corpo e do espírito, uma poesia autêntica, legítima e grandiosa – nesse dia nós acreditaremos que a civilização atingiu o Brasil (MEIRELES, 6/12/1932).

Assim, Cecília defendia uma obra de educação que criasse um ambiente, com a finalidade precípua de dar a cada indivíduo, desde o início da sua formação, a satisfação de todas as suas possibilidades, assegurar ao mundo a totalidade harmoniosa da sua expansão (MEIRELES, 12/2/1932). Incluía-se uma formação artística, com a luz de poesia, poder supremo para educar, para amar (MEIRELES, 28/7/1932). Operar-se-ia uma transformação interna, uma sensibilidade mais bela e uma visão diversa do mundo. Esse seria o pensamento de todas as criaturas que sabem viver um pouco para além de si.

3 A CRENÇA NA PALAVRA IMPRESSA

> [...] Também há coisas que só nos parecem bem ditas por escrito, ali, no papel, sem as indecisões da fala, com os seus alados perigos
>
> *Meireles, 18/11/1931*

No Brasil, durante algum tempo, literatura e jornalismo quase não se distinguiam, visto que as atividades literárias e jornalísticas começaram ao mesmo tempo, em 1808, quando foi permitida a publicação de impressos, com a vinda da Coroa Portuguesa. Somente a partir dos anos 1950 o jornalismo diário abandona, lentamente, as digressões literárias (BARBOSA, 2007, p. 87).

Do ponto de vista das convenções do jornalismo existe uma valorização do ideal de objetividade como valor imprescindível para a notícia. Contudo, a ação característica dos jornais, como agentes de difusão de notícias que recriam o mundo, pode induzir e formar opiniões. Nesse sentido, a escrita do texto evoca a interação discursiva entre os veículos e o público leitor, ao filtrar e construir o real segundo valores, sensibilidades e razões difundidos na sociedade. “O jornal oscila entre o que recolhe do real, operando como antena da sensibilidade social, e a força da palavra impressa de induzir, pela narrativa montada, uma reação determinada” (PESAVENTO, 2008, p. 368).

3.1 A imprensa no cenário da modernidade dos anos de 1930

Na passagem do século XIX para o XX, houve, no Brasil, uma transição da pequena para a grande imprensa. Os pequenos jornais, com estrutura simples, deram lugar às empresas jornalísticas, com estrutura industrial. No entanto, esse modelo não seria o hegemônico; continuaram subsistindo, em todo o país, periódicos produzidos por um único jornalista, responsável por quase todo o processo produtivo. Assim, não apenas o plano de produção, mas também o de circulação foi afetado. Mudaram-se também as relações do jornal com o anunciante, com a política e com os leitores. "Vendia-se informação como se vendia outra qualquer mercadoria. E a sociedade urbana necessitava de informação para tudo, desde o

trabalho até a diversão" (SODRÉ, 1999, p. 275). Observamos na capa do jornal a ilustração sofisticada, um trabalho artístico feito especialmente para o *Diário de Notícias* – "As asas italianas beijando o cruzeiro do sul", de Orózio Belém[53].

Figura 6 – *Diário de Notícias*, 15/1/1931, 1ª página

1ª EDIÇÃO 4 HORAS

Diario de Noticias

REDACÇÃO E OFFICINAS — RUA BUENOS AIRES, 154

2 SECÇÕES 16 PAGS.

As azas gloriosas que nos vêm da Italia chegarão hoje a esta capital

Está marcada para as 8 horas a partida da esquadrilha dirigida pelo general Italo Balbo

Em torno da celebre reunião de Poços de Caldas

O que se teria passado na entrevista dos srs. Oswaldo Aranha, Juarez Tavora e Góes Monteiro, na cidade mineira

S. PAULO, 14 (Pelo telephone — DIARIO DE NOTICIAS) — Consegui apurar hoje uma noticia sensacional. Como se sabe, da entrevista de longos dias que os senhores Oswaldo Aranha, Juarez Tavora e Góes Monteiro tiveram em Poços de Caldas, nada havia transpirado até agora, e não ser rumores muito confusos. Uma alta personalidade, ligada estreitamente áquella grupo, acaba de levantar para o DIARIO DE NOTICIAS uma ponta do véo que cobria o famoso conclave da cidade mineira. Indica, porém, uma condição: não revelarmos o seu nome.

Entre outras coisas, o triumvirato resolveu bater-se pelas seguintes medidas:

— Reforma constitucional, incluindo artigos sobre a questão social de modo a attender no maximo as reclamações proletarias.

— Continuação do governo provisorio por um prazo longo, até que seja desmontada a machina do antigo regimen.

— Guerra de morte aos politicos.

— Nomeação de interventores civis, caracterisadamente revolucionarios, sem quaesquer ligações com os partidos existentes.

— Collocação, sem decreto, do lado de cada interventor, de um agente militar da Revolução.

O meu informante disse-me ainda que para o Estado do Rio estavam indicados, como agentes, os majores Barcellos e Mury; em S. Paulo, ficaria mesmo o coronel João Alberto; para Minas, iria o coronel Góes Monteiro; para o Rio Grande do Sul, o coronel Schepgen, e em todo o norte, Juarez Tavora.

Dessas deliberações teria sido lavrada uma acta, assignada pelos srs. Aranha, Juarez e Góes Monteiro.

Adeantou-me, por fim, o informante mysterioso que algumas officiaes, destinados por essas funcções do poder occulto da Revolução, se recusam a acceital-as, sem conhecer o programma exacto dos triumviros. Nesse caso está o coronel Etchegoyen.

Haverá outra revolução na Hespanha?

PARIS, 14 (U. P.) — O correspondente do "Quotidien" em Madrid prediz uma nova revolução na Hespanha até fins do corrente mez, a despeito do facto do governo já dar prevenido do movimento. Diz-se que notaveis intellectuaes e politicos estão dirigindo os planos.

O GOVERNO DE MINAS

O sr. Olegario Maciel não pretende renunciar

BELLO HORIZONTE, 14 (DIARIO DE NOTICIAS) — Tendo alguns vespertinos do Rio noticiado, em correspondencia daqui transmittida pelo seu correspondente, que o presidente Olegario Maciel ia deixar o governo e que seria

OROZIO BELEM

Azas italianas beijando o Cruzeiro do Sul (Illustração de Orozio Belem especial para o DIARIO DE NOTICIAS)

A volta do sr. Mauricio de Lacerda ao jornalismo

O DIARIO DE NOTICIAS recomeçará amanhã a publicação dos seus artigos de analyse da actualidade brasileira

Acompanhado dos demais membros da embaixada a que deu todo o brilho de seu talento, o sr. Mauricio de Lacerda foi recebido, hontem, pelo sr. Afranio de Mello Franco, ministro do Exterior.

Hoje o primeiro embaixador da Republica Nova, juntamente com os seus companheiros de representação, vae ser recebido pelo chefe do Governo Provisorio.

Essa visita será o ultimo acto da embaixada, encerrando-se, desta arte, a missão que determinou o afastamento do grande tribuno e brilhante publicista das columnas do DIARIO DE NOTICIAS, em que vinha abordando, com sua aguda visão e firmeza de idéas, as palpitantes questões criadas pela Revolução.

Se de um lado o DIARIO DE NOTICIAS registra com pesar o encerramento da missão diplomatica a que Mauricio de Lacerda deu todo o relevo da sua singular figura do Brasil Novo, de outro se regosija com esse facto, porque só assim reconquista o seu collaborador, arguto analysta da actualidade brasileira, cujos artigos começarão a apparecer já de amanhã em destaque, em nossas duas edições.

FOI ACCLAMADO GENERAL DE DIVISÃO O SR. JUAREZ TAVORA

O plebiscito em João Pessôa teve o mais vivo enthusiasmo

JOÃO PESSOA, 14 (A. B.) — Telegrapharam-se 12 horas e 40 minutos. Acaba de realizar-se nesta capital a grandiosa plebiscito em que o sr. Juarez Tavora, foi acclamado general de divisão do Exercito Brasileiro.

Uma multidão de cerca de 20.000 pessoas, que demonstravam a mais vivo enthusiasmo, encheu a praça João Pessoa, onde tambem se viam duas bandas de musica, numerosos officiaes do Exercito e de Policia, e contingentes da policia do Corpo de Bombeiros, da Marinha e da Guarda Civil.

O interventor federal, engenheiro Antenor Navarro, compareceu tambem, cercado dos seus auxiliares de governo, autoridades e amigos.

O escrip Mathias Freire, que foi major das Forças Revolucionarias, pronunciou vibrante oração, traçando a historia da Revolução de outubro e acentuando a importancia do papel nella desempenhado pelo Libertador do Norte.

Em seguida, a immensa multidão erguia-se ante o palco dirigindo acclamos longaminente o nome do general Juarez Tavora.

JOÃO PESSOA, 14 (A. B.) — No momento em que terminava a grande solemnidade realizada na praça João Pessoa, em que Juarez Tavora foi pelo povo acclamado general de divisão, começaram a chegar informações telegraphicas de municipios do interior dando o resultado do plebiscito nelles realizado.

Por essas noticias, vê-se que em toda a parte o povo manifestou-se com extraordinario enthusiasmo e com gratidão ao chefe militar da revolução no

A transformação da imprensa estaria ligada às transformações do país, como a industrialização nas cidades e o avanço das relações capitalistas. O jornal passa a ser uma empresa capitalista, de grande ou pequeno porte, e não mais um empreendimento individual, que continuaria a existir no interior do país. A vida urbana se desenvolveu baseada no comércio e foi esse capital comercial que possibilitou o início das empresas jornalísticas[54].

---

[53] Orózio Belém (1903-1985) pintor, desenhista e professor do Instituto de Belas Artes do Rio de Janeiro. Foi capista das revistas *O Cruzeiro* (1929-1930) e *Para Todos...* (1930). Disponível em: http://designgraficobrasileiro.wordpress.com/category/orozio-belem/

[54] "Na história da imprensa, o contexto da Primeira República (1889-1930) destaca-se como particularmente expressivo, pois é nesse momento que se inicia, mesmo que em bases precárias, o processo da moderna comunicação de massa" (VELLOSO, 2006).

O período é de ascensão capitalista, mas, devido ao longo passado colonial, esse processo torna-se lento, de acomodação entre o latifúndio pré-capitalista e a crescente burguesia. A imprensa é forçada a acomodar-se ao poder político – "traço burguês da imprensa facilmente perceptível, aliás, nas campanhas políticas, quando acompanha as correntes mais avançadas" (VELLOSO, 2006, p. 276). Observamos, na primeira página do *Diário de Notícias*, o entusiasmo com a vitória da Revolução. Em destaque, uma foto do redator-chefe do jornal, dr. Agripino Nazareth, discursando em frente à Prefeitura a respeito da indicação do nome de João Pessoa para a Praça dos Governadores, feita pelo próprio *Diário*.

No texto da notícia, pode-se ler nos primeiros parágrafos:

> Surgindo há pouco mais de quatro meses, o Diário de Notícias apareceu em plena efervescência revolucionária. Participamos por isso, desde a primeira hora, da agitação que vem sacudindo a consciência e os sentimentos nacionais, neste período de preparação inelutável do movimento, há dois dias vitorioso, com a deposição do sr. Washington Luís. No programa com que nos apresentamos à opinião pública do país, fizemos também nossas, com o maior desassombro, as ideias e as reivindicações do pensamento e da ação agora triunfantes, em todo o Brasil.

Figura 7 – *Diário de Notícias*, 26/10/1930, 1ª página

1ª EDIÇÃO 4 HORAS

Diario de Noticias

REDACÇÃO E OFFICINAS — RUA BUENOS AIRES, 154

2 SECÇÕES 16 PAGS.

A revolução tem como objectivo reimplantar no Brasil a ordem legal

Os novos auxiliares do governo

A Junta Militar expediu, hontem, varios actos, entre os quaes figuram nomeações de novos auxiliares.

Na 1ª Região Militar

Assumiu o commando da 1ª Região Militar o general de brigada Firmino Antonio Borba, em substituição ao general Azevedo Coutinho

Substituindo o coronel Jardim de Mattos no cargo de chefe de Estado Maior da 1ª Região Militar, está o coronel João Ferreira Johnson.

Na Policia

O coronel Bertholdo Klinger foi nomeado chefe de policia, por acto da Junta Militar, expedido hontem, pela manhã.

Entrando immediatamente em exercicio, s. ex., em seguida, exonerou os 2ºs supplentes de delegado de policia, Abelardo Melo e Gabriel Vivacqua, respectivamente de 6º e 7º districtos, nomeando para aquelles logares Alfredo Alves da Silva e Alberto Paes da Rosa.

Para o cargo de secretario, o coronel Klinger nomeou o tenente Paulo Gomes, dispensando das funcções de secretario geral o funccionario da secretaria, Alvaro Lacerda.

Pelo chefe de policia foram, ainda, assignados actos nomeando os drs. Campilho de Sant'Anna, Francisco de Paula Santiago, Clovis Dunshee de Abranches e capitão Carlos da Gama Chevalier, respectivamente, 1º, 5º, 2º e 4º delegados auxiliares.

Tambem foi assignada a nomeação do sr. Renato da Costa e Silva para o cargo de inspector geral das Guardas Nocturnas.

A Junta Governativa Provisoria nomeou ministro do Exterior o dr. Afranio de Mello Franco, que, hontem mesmo, tomou posse do seu cargo.

O commandante do Corpo de Bombeiros pediu demissão

O coronel José Ozorio, commandante do Corpo de Bombeiros, esteve hontem, no Ministerio da Justiça, apresentando ao titular interino, dessa pasta, o seu pedido de exoneração.

Até á ultima hora, porém, não se conhecia o nome de seu substituto.

Foram nomeados os auxiliares de gabinete da Junta Gove...tiva

A Junta Governativa fez, hontem, varios actos, entre os quaes figuram nomeações para

O nome de João Pessoa á Praça dos Governadores

Victoriosa, no mesmo dia em que foi lançada, a idéa do DIARIO DE NOTICIAS

Governando pelo povo e para o povo o prefeito Bergamini assignou hontem o decreto homenageando o heroe e martyr

A grande massa popular em frente a Prefeitura, quando falava o dr. Agripino Nazareth, redactor-chefe do DIARIO DE NOTICIAS

Surgindo ha pouco mais de quatro mezes, o DIARIO DE NOTICIAS appareceu em plena effervescencia revolucionaria.

Participamos por isso, desde a primeira hora, da agitação que vem sacudindo a consciencia e os sentimentos nacionaes, neste periodo de preparação inelutavel do movimento, ha dois dias vitorioso, com a deposição do sr. Washington Luis.

No programa com que nos apresentamos á opinião publica do paiz, fizemos, um jornal legitimamente do povo, na hora em que todas as classes sociaes confraternizaram depois do triumpho.

Pretendendo ser, como aliás dissemos, um jornal legitimamente do povo, na hora em que todas as classes sociaes confraternizaram depois do triumpho.

Pretendendo ser, como aliás dissemos, um jornal legitimamente do povo, na hora

peitos e os braços brasileiros seriam ha dois dias, capazes de fazel-o, com a mesma exaltação e a mesma coragem com que todas as classes sociaes confraternizaram depois do triumpho.

Pretendendo ser, como aliás dissemos, um jornal legitimamente do povo, na hora

diam com vivas á memoria de João Pessoa, á Parahyba e á victoria da Liberdade!

Incorporaram-se, depois, á grande marcha, seguindo comnosco para a Prefeitura, de onde regressaram vivando, ainda uma vez, descobertos, o grande heroe que tombara para gloria do Brasil.

Adolpho Bergamini, novo governador da cidade.

O povo acclamou delirantemente o popular tribuna carioca, tendo por essa occasião falado, em nome dos que ali estavam o operario Isidoro Bispo dos Santos, que explicou os motivos da presença, ali, daquella enorme massa

da Parahyba. Relembrou o veto opposto por João Pessôa á candidatura que o sr. Washington Luis trazia, desde muito, no bolso do seu jaquetão, o ardor combativo que, desde logo inflammou no mais puro civismo, a alma heroica dos parahybanos.

Alindia á firmeza dos compromissos assumidos por João

ainda uma vez, o seu redactor-chefe, dr. Agripino Nazareth, que o povo acclamou calorosamente, tendo, em seguida, se dispersado todos os presentes.

Depois de ter falado o doutor Agripino Nazareth, longamente applaudido, falou, respondendo, o novo governador da cidade.

A direcção da Saude Publica

TOMOU POSSE O DR. PEDRO CARNEIRO

O dr. Pedro Carneiro, que fôra designado, conforme noticiamos, pelo ministro da Justiça, para occupar provisoriamente, o cargo de director do Departamento Nacional da Saude Publica, tomou posse, hontem, ás 10 horas, das suas novas funcções.

O acto foi assistido por numerosos medicos, funccionarios e amigos do antigo funccionario da saude, que recebeu dos seus collegas e subordinados carinhosa manifestação.

O commando da Policia Militar

O commandante da Policia Militar é o general Deschamps Cavalcanti, que pela manhã esteve no palacio do Catete, conferenciando com o general Menna Barreto.

Movimento bancario

Não voltou ainda á normalidade o movimento bancario.

Tal acontece por não ter até agora a Junta Governativa revogado o feriado decretado pelo governo deposto.

O Banco Mercantil do Rio de Janeiro e o Banco Commercial do Estado de São Paulo foram os dois unicos que, para os effeitos do pagamento da percentagem de 25 % aos seus clientes, funccionaram durante os dois ultimos dias.

Não houve, todavia, grande affluencia, empolgada que está a população carioca pelo acontecimento de ante-hontem.

No Lloyd Brasileiro

A' tre: te do Lloyd Brasileiro encontra-se, provisoriamente, o capitão de engenheiros João Teixeira Marques.

S. S., no sentido de normalizar a situação da empresa, evidentemente desorganizada na part commercial, pelo desvio de vapores para fins outros, ordenou que o pessoal de escripto e os principaes chefes de secção se revezassem no trabalho, por meio de turnos, de maneira a que não se fechasse a séde da companhia, durante a noite.

Isso é medida provisoria, bem se vê, á que se modificará logo que o permittam os acontecimentos.

O ex-ministro da Guerra, general Sezefredo Passos, se encontra preso,

Contudo, os anos de 1930 foram de grande desenvolvimento da imprensa e de crescente participação do conjunto das publicações jornalísticas no jogo político. A sua

maioria apoiou a Aliança Liberal – coligação oposicionista de âmbito nacional com o objetivo de apoiar as candidaturas de Getúlio Vargas e João Pessoa à presidência e vice-presidência da República, respectivamente, nas eleições do dia 1º de março de 1930. Surgiria, nesse ano, como reforço à campanha liberal, o *Diário de Notícias*, fundado por Orlando Ribeiro Dantas, Nóbrega da Cunha e Alberto Figueiredo Pimentel Segundo.

Segundo o *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro*, o jornal *Diário de Notícias* existiu durante o período de 12 de junho de 1930 até 1974, ano em que saiu de circulação. Desde o seu lançamento – sob a orientação de Orlando Dantas, Nóbrega da Cunha e Figueiredo Pimentel[55], jornalistas recém-saídos de *O Jornal* – a posição do jornal se definia com a proposta básica de lutar contra a estrutura oligárquica da Primeira República e colocava-se como porta-voz de um espírito revolucionário que visava à transformação da sociedade. No sentido de reformar, aperfeiçoar, uma forma de superar os métodos políticos antiliberais então em vigor.

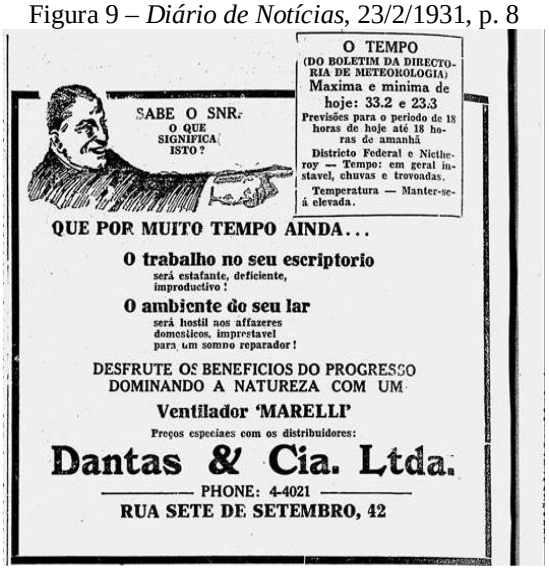
Em sua declaração de princípios, embora não se comprometesse com os partidos existentes, o *Diário* sustentou as teses da Aliança Liberal, movimento oposicionista que apoiara a candidatura de Getúlio Vargas à Presidência da República. A atuação crítica do jornal logo o tornou alvo da repressão governamental; suas matérias foram submetidas à censura e seu proprietário, Orlando Dantas, foi chamado a depor na polícia quando surgiram os primeiros boatos sobre a eclosão da Revolução de 1930.

A ideologia do progresso, desse período, igualava a ideia do novo à de civilização. E os jornais desempenhavam um papel de propagadores desse discurso de modernização. "Referendando os discursos jurídico, político e médico-higienista – de valorizar o novo e a inserção compulsória na civilização – o discurso da imprensa passa a valorizar também os símbolos desses novos tempos." (BARBOSA, 2010, p. 119).

[55] Filho de Alberto Figueiredo Pimentel (1869-1914), romancista, cronista, poeta e jornalista, que iniciou no jornalismo aos dezessete anos de idade e é considerado um de seus pioneiros no Brasil. Destaca-se ainda como o primeiro intelectual a se preocupar em popularizar o livro, através de edições mais acessíveis de autores clássicos. Pimentel reuniu em *Contos da Carochinha*, em 1896, 61 contos populares de vários países, traduzidos ou recolhidos diretamente da tradição local. Disponível em: Literatura Infantil (1880-1910) http://www.unicamp.br/iel/memoria/Ensaios/LiteraturaInfantil/figueire.htm

Figura 8 – *Diário de Notícias*, 10/5/1932, p. 5

Figura 9 – *Diário de Notícias*, 23/2/1931, p. 8



Na crônica *Um Professor de Entusiasmo*, Cecília fala do doutor Olinto de Oliveira, pediatra, Inspetor de Higiene Infantil. Segundo a cronista, a obra de educação caminhava de mãos dadas com a obra de higiene, principalmente no que se referia à infância. "O papel do médico como sentinela da saúde da criança é cada vez mais importante, porque ele prepara, com a clarividência da sua ação, os próprios organismos que a família e a escola conduzem, à conquista de uma personalidade útil" (MEIRELES, 30/1/1931). Nesse sentido, Doutor Olinto era o professor de entusiasmo, pois não exercia apenas o seu cargo de pediatra, defendia com o seu "pensamento iluminado" e o "coração radioso" a crença no futuro, a serviço da infância.

Algumas marcas da modernização podem ser percebidas nas inovações técnicas utilizadas nas impressões dos jornais e em outros meios de produção cultural. Süssekind (1987, p. 19) nos apresenta a visão de alguns literatos do início do século XX a respeito desses artefatos. Os textos de João do Rio mantinham-se próximos aos novos meios de reprodução, impressão e difusão e além de lhes atribuírem contornos sedutores, também se deixavam marcar tecnicamente por eles. Como na crônica *Clic! Clac! O Fotógrafo!*:

> Já não há propriamente mais fotógrafos profissionais, porque toda a cidade é fotógrafa. Jão não há propriamente pessoas notáveis cuja fisionomia se faça necessidade informativa dos jornais, porque não há cara que não seja publicada. Não só as caras. As caras não bastam. As ruas, as casas, os aspectos dos céus, os combustores da iluminação, os carros, as carroças, as montanhas, as árvores (RIO, 2009, p. 298).

Ou na crônica *A Era do Automóvel*:

> E, subitamente, é a era do automóvel. O monstro transformador irrompeu, bufando, por entre os descombros da cidade velha, e como nas mágicas e na natureza, aspérrima educadora, tudo transformou com aparências novas e novas aspirações. [...] A imprensa, arauto do progresso, e a elegância, modelo do esnobismo, eram os precursores da era automobilística. [...] Vivemos inteiramente presos ao automóvel. O automóvel ritmiza a vida vertiginosa, a ânsia das velocidades, o desvario de chegar ao fim, os nossos sentimentos de moral, de estética, de prazer, de economia, de amor (RIO, 2009, pp. 147-148).

No caso de Olavo Bilac, delineia-se uma situação contraditória. Apesar de colaborar por cerca de trinta anos em um grande número de jornais e revistas[56], o escritor chega a apontar, em alguns textos, o cinematógrafo, o fonógrafo e as transformações por que passava a imprensa como inimigos e prováveis responsáveis pelo afastamento dos homens de letras das redações de jornal (SÜSSEKIND, 1987, p.21). Podemos verificar sua opinião na crônica *Kinetoscópio*:

> Não te lembras, às vezes, com uma saudade e um gosto inenarráveis, do gesto brando e amoroso com que dous braços femininos um dia te chamaram, cheios de promessas? (...) Pois bem! Hoje, com o Kinetoscópio, terias perpetuado esse apaixonado movimento de braços, fotografando-o numa placa metálica. (...) E imagina que horror: o gesto amoroso repetido ao infinito (...) Acabarias naturalmente por achar cômico o que hoje te parece divino (BILAC, 17/12/1894).

[56] Bilac escreveu crônicas dominicais para a *Gazeta de Notícias*, em substituição a Machado de Assis, a partir de 1897. Colaborou com as revistas ilustradas *O Álbum*, *A Cigarra*, *A Bruxa*, e para os jornais de luta política *O Combate* e *A Rua* (SANTANA, 2013).

O kinetoscópio era o precursor do cinematógrafo. Conseguia capturar imagens em movimento, mas não permitia a reprodução destas em telas, para um grande público. Ao falar do horror da reprodução do movimento apaixonado, Bilac realiza uma crítica ao progresso materializada nessa invenção, que adquiriu ressonância relevante para os habitantes do Rio de Janeiro do início do século XX. Segundo sua opinião, esse aparelho destruiria o encantamento dos encontros amorosos.

Há também em Lima Barreto uma tematização direta da imprensa e de artefatos mecânicos modernos, enfocados segundo uma perspectiva crítica. Algumas vezes, chega a implicar com os aparelhos de reprodução de sons e imagens. Com relação especificamente aos jornais, as referências são constantes (SÜSSEKIND, 1987, pp. 22-23). Como podemos verificar na crônica *A Polícia Suburbana*:

> Noticiam os jornais que um delegado inspecionando, durante uma noite destas, algumas delegacias suburbanas, encontrou-as às moscas, comissários a dormir e soldados a sonhar. [...] Os jornais, com aquele seu louvável bom senso de sempre, aproveitaram a oportunidade para reforçar as suas reclamações contra a falta de policiamento nos subúrbios (BARRETO, 28/12/1914).

Percebemos, assim, como as inovações técnicas, disseminadas no país de modo mais acelerado, sobretudo desde as últimas décadas do século XIX, repercutiram no cotidiano e na transformação da sensibilidade dos produtores culturais, construindo-se diálogos entre as formas literárias e os artefatos da modernidade. A escrita adquiria o ritmo da máquina de escrever. Conforme João do Rio escreve na crônica *A Era do Automóvel* – "Um artigo de 200 linhas escreve-se em 20 quase estenografado (RIO, 2009, p. 149)". Assim, as máquinas encurtavam tempo e papel na escrita. "Dar tempo ao tempo é uma frase feita cujo sentido a sociedade perdeu integralmente. Já nada se faz com tempo. Agora faz-se tudo por falta de tempo. Todas as descobertas de há 20 anos a esta parte tendem a apressar os atos da vida" (RIO, 2009, p. 268).

Cecília também faz referência, em suas crônicas, a algumas dessas inovações modernas. Em *A Pena de Aço*, escreve sobre o centenário da pena de escrever, instrumento tanto de "inocentes exercícios escolares como de páginas que durarão indefinidamente"; conhece esse gosto de responsabilidade que os próprios homens que a manejam muitas vezes esquecem. Porque a pena – "tão pequenina que ninguém dá nada por ela... – é muito pior que uma máquina de escrever. (Isto não é anúncio, aliás...). Basta ver que a máquina escreve centenas de folhas, e não há mal nenhum. Vem a pena, põe uma assinatura embaixo, e pronto: as coisas mudam logo de figura..." (MEIRELES, 12/4/1932).

Na crônica *Coisas de Máquinas*, escreve sobre uma possível traição da máquina. Como o engano no texto não era dela, nem do linotipista e nem do revisor, só podia ser da máquina de escrever "que, à força de escrever o que lhe peço, já resolveu ter ideias próprias... E aí está o resultado de uma máquina que quer ter ideias" (MEIRELES, 27/10/1931). O pretexto da crônica era um engano cometido em uma entrevista publicada na Página, no domingo anterior.

Havia um temor pela maior parte dos escritores brasileiros de encarar a máquina de escrever. Süssekind (1987, p. 27) destaca o conto de Lima Barreto, *Esta minha letra...*, de 1911, no qual o autor fala dos erros tipográficos ou de revisão encontrados nos seus folhetins, que talvez fossem motivados por sua letra difícil, segundo sua opinião.

> A minha letra é um bilhete de loteria. Às vezes ela me dá muito, outras vezes tira-me os últimos tostões da minha inteligência. Eu devia esta explicação aos meus leitores, porque, sob a minha responsabilidade, tem saído cada coisa de se tirar o chapéu. Não há folhetim em que não venham coisas extraordinárias. Se, às vezes, não me põe mal com a gramática, põe-me em hostilidade com o bom-senso e arrasta-me a dizer coisas descabidas. Ainda no último folhetim, além de um ou dois períodos completamente truncados e outras coisas, ela levou à incompreensão dos meus raros leitores – grandeza – quando se tratava de pândega; num artigo que publiquei há dias na Estação Teatral, este então totalmente empastelado, havia coisas do arco da velha (BARRETO, 2010, pp. 551-555).

Barreto diz ter ouvido algumas sugestões, dentre elas a de escrever à máquina. A proposta soa inconcebível ao autor por dois motivos: "Ponho de parte o custo de um desses desgraciosos aparelhos, e lembro aqui os senhores que aquilo é fatigante, cansa muito e obrigava-me ao trabalho nauseante de fazer um artigo duas vezes: escrever a pena e passar a limpo em máquina" (BARRETO, 2010). A hipótese de escrever direto à máquina não é levada em consideração. Fica para o leitor a imagem de que o ato de escrever só era concebível à mão. Para Cecília, essa substituição do traçado manual pelo registro mecânico não parece ser um problema. Como podemos perceber na crônica *Uma Aposta*, em que faz o seguinte comentário "Eu estava aqui na minha mesa, batendo o artigo de ontem nesta minha amável máquina de escrever" (MEIRELES, 2/12/1931).

Segundo Chartier (2011, p. 97), existe um conjunto de dispositivos resultantes da escrita, puramente textuais, desejados pelo autor, que tendem a impor um protocolo de leitura. Mas essas instruções são cruzadas com outras, trazidas pelas formas tipográficas. Portanto, esses procedimentos de produção não pertencem à escrita, mas à impressão e podem sugerir leituras diferentes de um mesmo texto.

Além da máquina de escrever, o cinematógrafo também é defendido, em muitas das suas crônicas, como elemento valioso para a obra de educação. Como no texto *Cinema Deseducativo*, em que afirma que o mundo inteiro tem se mostrado interessado pelo cinema educativo. E que seria um fator importante para as realizações da Escola Nova. O interesse, a apresentação rápida dos assuntos, a facilidade de aprender vendo, todas as qualidades de sedução e de persuasão que caracterizam a projeção cinematográfica deveriam ser bem aproveitadas pelos educadores para completarem suas aulas. Quanto aos alunos, além de satisfação, seria um modo de ofertar-lhes novos horizontes em todos os assuntos, permitindo ampliar sua cultura mais rapidamente do que nas "letras numerosas e nem sempre vívidas dos livros" (MEIRELES, 31/10/1931). No entender de Cecília, o cinema teria passado a ser material escolar imprescindível e de uma importância cada vez mais comprovada, como veículo de cultura, instrução e de educação.

No dia 15/2/1932, há a seguinte manchete no *Diário de Notícias*:

Figura 10 – "As Escolas Primárias vão ter cinematógrafos!" – *Diário de Notícias*, 15/2/1932, 1ª página

Como será empregada a renda liquida do baile do Theatro Municipal

As escolas primarias vão ter cinematographos!

O dr. Pedro Ernesto resolveu destinar todo o saldo da festa do Municipal á instituição do cinema educativo nos estabelecimentos de ensino primario da Prefeitura -- As vantagens da louvavel iniciativa do interventor e a collaboração das fabricas de films nacionaes

O dr. Pedro Ernesto resolveu destinar a renda liquida proveniente do baile no Municipal a acquisição, custeio e instalação de cinemas educativos nas escolas primarias.

O cinematographo, além de todas as vantagens conhecidas para o ensino, tem a de ser uma grande attração para as crianças. E' sempre com grande satisfação que ellas assistem

eficiencia dos estabelecimentos municipaes de ensino. Bem orientado, esse novo meio de instrucção poderá dar os melhores resultados possiveis. Elle será um grande factor no desenvolvimento

caracterisados, de modo que a criança facilmente apprehenderá tudo quanto diga respeito ao nosso passado.

A COLLABORAÇÃO DAS EMPREZAS CINEMATOGRAPHICAS

Desde que falamos na collaboração das empresas cinematographicas não é, nas fabricas de films nacionaes,

lembramos a estas que bem poderiam prestar grandes beneficios á instrucção infantil, fornecendo ás escolas os films naturaes já exhibidos com exito nos nossos cinemas. Entre estes films, ha alguns que poderiam ser de real utilidade para as crianças, porque mostram aspectos diversos das nossas rêvas, a riqueza da fauna brasileira, etc.

Significativo flagrante do interesse infantil pela cinematographia escolar

Contando com os votos de 15 milhões de adeptos...

O que Hitler promette fazer quando estiver no poder

MUNICH, Janeiro — Communicando Epistolar da United Press — Adolfo Hitler, leader de um "exercito" de 2.000 homens, que lhe juraram obediencia, proclamou o que está disposto a fazer quando assumir o poder da Allemanha — o que tem confiança que succederá dentro de poucos mezes. Em primeiro logar explicara ao mundo a razão que levou a Allemanha a suspender os seus pagamentos de reparações.

Quando o correspondente da United Press o procurou, elle se encontrava na "Casa Cinzenta", de Munich. Mas só depois de tres dias de espera é que consentiu em receber o jornalista. Durante a entrevista falou abundantemente a respeito dos seus propositos, mas só deu autorização para

entender mais de assumptos financeiros e economicos do que eu. Agora elles verificam

O subtítulo anuncia o emprego da renda líquida do Baile do Teatro Municipal na aquisição, no custeio e instalação de cinemas educativos nas escolas primárias. O jornal torna

público o seu total apoio à iniciativa do interventor do Distrito Federal, Dr. Pedro Ernesto, pois o cinematógrafo, além de todas as vantagens conhecidas para o ensino, era uma grande atração para as crianças. Na matéria há a ressalva de que, embora as escolas primárias da cidade não estivessem completamente desaparelhadas para a sua finalidade, haveria algumas falhas, como essa. Assim, o cinema educativo viria aumentar a eficiência dos estabelecimentos municipais de ensino.

Segundo o texto na primeira página, o cinema funcionaria em prol do desenvolvimento cultural e artístico da criança. Poderia ser um precioso auxiliar do professor, principalmente em História do Brasil e Geografia. Por meio dos filmes, as crianças poderiam conhecer os costumes dos povos das regiões brasileiras, as cidades do interior, as obras de arte, os museus. O jornal sugere que os principais fatos da História poderiam ser reproduzidos em filme. Ou, então, que as empresas cinematográficas brasileiras pudessem fornecer às escolas os filmes já exibidos nos cinemas. Cita, então, os que mostram aspectos diversos das selvas, a riqueza da fauna brasileira, como de real utilidade.

Ainda na crônica intitulada *Vamos Brincar de Rei?*, Cecília fala da importância de se organizar uma filmoteca destinada à educação popular de adultos, especialmente de pais e professores. O título é o mesmo de um filme exibido naquela época nos cinemas, considerado pela cronista como um dos mais adequados, “pela sua riqueza de verdade psicológica e de sugestão educativa” (MEIRELES, 13/2/1932). A história é de uma menina, Mitsi, que incompreendida pelos pais com relação à escolha do seu futuro e da sua profissão, resolve fugir de casa. Cecília critica o que chama de “prisões arbitrárias” a que os adultos impõem a seus filhos sem consultar os seus interesses, fazendo prevalecer os desejos dos progenitores.

Essa imprensa de traço burguês, conforme descrita neste tópico, atendia a um público específico, a burguesia urbana – "esse público influía nos jornais e era influenciado pelos jornais; e essa relação, na época, não era perturbada pelas forças econômicas que, mais adiante, tanto pesariam na orientação dos periódicos" (SODRÉ, 1999, p. 356). Afirma-se, pois, o papel de formação de opinião pública, passando a ser também lugar de propagação de valores, ideias e crenças.

3.2 **Imprensa e Educação**

> Nós, os educadores. E os educadores não são apenas os que têm a seu cargo uma classe ou uma escola. São os pais, diante de seus filhos; são os chefes, diante de seus ajudantes; são os jornalistas, diante dos seus leitores; são os administradores e políticos diante de todo o seu povo, e diante do resto do mundo
>
> *Meireles, 30/9/1930*

As mudanças que ocorrem no jornalismo incluem a busca de novas estratégias para conquistar o público. São evocados novos valores e talvez por isso tenha ocorrido uma absorção dos homens de letras pelos jornais de maior circulação. Nos anos 1930, há uma participação maciça de escritores literatos[57], seguindo o estilo europeu de redação jornalística. Ademais, a leitura começa a ser um hábito mais comum na cidade, visto que a cultura da sociedade urbana encontrava-se cada vez mais associada ao texto impresso. "Para a intelectualidade, o jornal, em particular, representou um meio de expressão; permitiu ao intelectual marcar presença na cena pública para além dos espaços restritos dos círculos letrados" (VIEIRA, 2007, p. 15).

Conforme Candido (1984, p. 27), depois de 1930 houve uma surpreendente tomada de consciência ideológica de intelectuais e artistas, numa radicalização antes quase inexistente. Os anos 30 foram de engajamento político, religioso e social no campo da cultura. Mesmo os que não se definiam explicitamente, e até os que não tinham consciência clara do fato, manifestaram na sua obra esse tipo de inserção ideológica[58].

Cecília inicia o seu trabalho no *Diário de Notícias* no mesmo dia em que o jornal inaugura as suas atividades, 12/6/1930[59]. Desde o princípio, a cronista mostrava-se preocupada com a influência da imprensa na formação das pessoas em geral, uma vez que os

---

[57] Gilberto Freyre, Nelson Rodrigues, Raimundo Magalhães Junior, Manuel Bandeira, Ciro dos Anjos entre outros.

[58] Jorge Amado, Graciliano Ramos, José Lins do Rego, Rachel de Queiroz, Erico Veríssimo dentre outros.

[59] "Durante o período em que esteve à frente do espaço especializado do Diário de Notícias, assumiu posições ao lado das ideias educacionais mais avançadas de seu tempo, fazendo repercutir muitos dos temas que mobilizavam os intelectuais que estiveram à frente das reformas do ensino ou reunidos na Associação Brasileira de Educação, na causa cívica do combate à indiferença das elites" (MIGNOT, 2001, p. 149).

jornais poderiam veicular tanto notícias relevantes para o interesse geral, como também se aproveitavam da exploração sensacionalista dos fatos. “A *Página de Educação* [...] foi [...] o meio que a etérea (sic) poetisa encontrou, concretamente, para se inserir no drama histórico do seu tempo. A *Página* nos descortina uma outra postura da poetisa diante dos turbulentos dias dos anos 30” (LAMEGO, 1996, p. 33).

Defensora da fraternidade e da colaboração entre as pessoas e as nações, não podia se furtar a defender uma imprensa que funcionasse no sentido de atender às causas coletivas e servisse de apoio à educação dos seus leitores. Para ela, o jornal possuía uma forte função educativa, pelo acesso a todas as classes sociais e pela renovação diária.

Reconhecia, no entanto, que a coluna que escrevia não possibilitava aprofundamentos em relação aos assuntos abordados. Conforme cita na crônica *À Margem de uma Conferência*, “Conferência de frases tão ricas, em que o pensamento se vai sempre excedendo e elevando o leitor a planos mais altos e mais belos, não pode ser resumida nesta coluna de jornal, onde a vida mal tem tempo de deixar o registro da sua simples passagem” (MEIRELES, 26/8/1932). Todavia, como “as fotografias dos dias de festa, que fixam numa atitude constrangida um momento desarticulado à alegria geral”, seria possível recordar ou apresentar um pouco da voz do conferencista – o embaixador mexicano Alfonso Reyes.

Em outras duas crônicas, refere-se à concisão dos seus textos na *Página de Educação*. Em *Um Símbolo*, ao falar que a Escola Nova formaria criaturas capazes de vencer obstáculos da vida pelo poder de se transformarem a cada instante; de se renovarem, depois de cada experiência vencida, diz que, de certo modo, isso seria recordar uma observação de Lafcadio Hearn a propósito da civilização japonesa, devido ao símbolo de instabilidade do próprio solo no qual se eleva. Contudo, trata-se de uma “noção difícil de esclarecer bem numa rápida coluna de jornal” (MEIRELES, 28/8/1932).

Em *Instruir e Educar*, traz a discussão acerca da atuação da escola. A tradicional preocupava-se em instruir apenas, “transmitindo segundo métodos mais ou menos rotineiros (...) os conhecimentos que a humanidade tem vindo acumulando e arregimentando”. A Escola Nova diz que a instrução não basta. “Não mais a memorização inútil, nem a representação dos exames. O aproveitamento sincero, absorvido dia a dia, integrado à vida, como o próprio alimento que vai nutrindo e desenvolvendo a criatura”. Cecília afirma que a escola tradicional era uma espécie de estabelecimento anexo à vida e a Escola Nova era, tanto quanto possível, igual à vida. Para terminar seu texto diz que se trata de uma apresentação ligeira, para leitura rápida, “sem brilho sugestivo nem argumentação poderosa” (MEIRELES, 2/9/1932).

Apesar da brevidade dos escritos, não deixava de abordar os assuntos considerados relevantes e de expressar sua opinião, criticando o que ia de encontro aos seus ideais ou defendendo aquilo em que acreditava. Por participar do esquema de produção dos jornais, a crônica precisa assumir essa transitoriedade dos fatos. O cronista dispõe de pouco tempo e pouco espaço (no jornal) para redigir o seu texto, precisa correr contra o tempo para entrar na edição daquele dia. Dessa forma, pode haver uma aproximação maior entre as normas da língua escrita e da oralidade, sem que o autor perca de vista que os fatos reais não são só copiados, mas recriados (SÁ, 2008, p. 11), ou seja, precisa equilibrar o coloquial e o literário.

Podemos perceber o seu posicionamento na crônica *Aniversário*, no dia em que o jornal completava seu segundo ano de existência, e assim a *Página de Educação* também fazia seu segundo aniversário. Cecília inicia o texto afirmando que dois anos para um jornal, naqueles dias, constituía uma conquista valiosa, pelas dificuldades de toda espécie. Em seguida, fala especificamente da sua Página. Dois anos de existência para uma página especialmente dedicada a assuntos educacionais tinha também uma significação muito séria, "quando se baseia numa intransigência sem restrições, quando se orienta exclusivamente pelo interesse de esclarecer o público, sem lhe impor nenhuma tendência facciosa".

Termina a crônica declarando a certeza de que a *Página de Educação* foi naqueles dois anos consecutivos um tributo voluntário à obra educacional. "Tributo arduamente defendido, cada dia, dos acasos da época e da variação das criaturas. Dois anos de sinceridade, de desinteresse, de luta, de altivez e de fé" (MEIRELES, 12/6/1932).

Talvez a crônica *Uma Aposta* explique o funcionamento da Página a que se dedicava diariamente, na qual se posiciona como profunda admiradora do espírito revolucionário. Afirma já tê-lo previsto antes mesmo da Revolução. Acreditava sempre que só por meio desse espírito se poderia transformar o Brasil. E quando a Revolução chegou teve um "verdadeiro encantamento".

No dia 23/9/1930, Cecília escreve sobre a vida moderna e como o jornal tendia a ser para o povo a forma rápida e imediata de cultura e, como tal, a determinar-lhe uma orientação e a modelar-lhe o caráter. Verifica que, "na vertigem dinâmica do século", as pessoas não dispunham de tempo suficiente para dedicar longas horas de estudo aos livros. Assim, o jornal teria substituído a biblioteca. "Até na escola se verifica a vantagem de fazer a criança ler o que de mais interessante vai acontecendo pela Terra, dia a dia, pondo-a desde logo em comunicação com os fatos vivos, em vez de lhe transmitir a ciência dos livros muitas vezes já

em atraso" (MEIRELES, 23/9/1930). Assim como aumentava o número de leitores, consequentemente crescia a importância deste veículo.

Afirma que as pessoas tinham necessidade de estar a par de tantas informações que o noticiário sucinto do jornal deixaria todos cientes da atualidade. Dessa forma, o jornal adquiria importância, como órgão informativo, e responsabilidade, pois era mister ser o mais verídico possível, a fim de não conduzir ao erro o povo que se orienta pela sua leitura. Ainda é feita uma ressalva de que muitos poderiam rir da ideia de jornais verídicos. No entanto, defende os educadores por terem permissão de tudo esperar, "porque eles são os acalentadores do sonho de um mundo transformado pela pureza, pela justiça, pela dignidade". Para além da posição dos professores, a autora defende a vantagem principal da Nova Educação, de não se dirigir apenas à escola, à criança ou ao professor. Atuaria sobre a família, a sociedade, o povo, a administração. Estaria onde estava a vida humana, defendendo-a.

Segundo Cecília, a Nova Educação conhecia a responsabilidade da imprensa. Verificar-se-ia tal responsabilidade através dos casos expostos nos jornais de maneira tão diversa que, não raro, eram completamente opostas. Era sabido que, por falta de tempo, muitas vezes estampavam-se notícias que não eram suficientemente analisadas antes de virem a público. Fontes diversas originavam outras informações. Essa disparidade poderia desorientar os leitores. Nessa crônica, o exemplo citado é o de um pai que fora à seção do *Diário de Notícias* com o objetivo de perguntar se a Reforma Fernando de Azevedo era boa ou não, afirmando que alguns jornais diziam que sim, outros, que não[60]. Cecília informa ter perguntado ao visitante se já havia estudado a Reforma, pois era preciso primeiro estudá-la e depois observar se estava sendo cumprida. Essa seria a única maneira de ter uma opinião certa. Cecília conclui sua crônica clamando para que os jornais também fizessem dessa forma – aprovar o que fosse "aprovável" e censurar o que merecesse censura. Não se omitiriam em relação aos assuntos, mas não desorientariam seus leitores (MEIRELES, 23/9/1930).

No que tange ao assunto censura, Cecília traz a público, na crônica *Censura e Educação*, a notícia de que daquele dia em diante ficaria oficializada a censura prévia à imprensa. Segundo a autora, isso causava apreensão para os que, assim como ela, trabalhavam pelo êxito da Revolução de outubro, "aquela porção da inteligência brasileira que traçou seu campo de ação dentro das fronteiras do jornalismo".

---

[60] Era comum o público leitor ir diretamente às redações procurar a intermediação dos jornais para tentar solucionar seus problemas. Para os grupos populares, o jornal era a voz pública de suas agruras cotidianas. E os periódicos usavam esse serviço como arma para a sua própria autopromoção (BARBOSA, 2007, p. 58).

Nesse sentido, a censura seria uma sobra do regime combatido. O chefe de polícia informara que a censura se destinaria aos boatos e nunca à crítica aos atos governamentais, discriminando as atribuições dos censores. Cecília escreve que o boato era um aspecto anti-educacional, porque criava um ambiente de alarme, um estado nervoso. E a crítica aos atos do governo, ao contrário, era tudo quanto existiria de mais educacional. Pois, "Os jornais que analisam criteriosamente os atos do governo estão, ao mesmo tempo, cooperando na obra governamental, e educando o povo para nela cooperar também". Portanto, se aparecesse algum censor que não percebesse que estava perturbando o movimento educacional, como os jornalistas poderiam se defender da violência da censura? "Não se pode prejudicar a obra de educação..." (MEIRELES, 6/6/1931).

Das 774 crônicas escritas, certa vez Cecília menciona ter sofrido uma censura por parte de um revisor. A crônica *Liberdade* é iniciada com dois parágrafos: "A criança tem uma noção muito especial de liberdade. Contraria-se quando não lha respeitam. E uma criança contrariada é sempre um mau aluno. Não é preciso dizer que os que a contrariam também não são [ilegível] professores". Estes teriam sido cortados do Comentário da véspera pelo censor, porque em ambos aparecia a palavra 'liberdade' e havia a proibição de a empregar.

Por causa dessa censura, a autora afirma que a educação deveria estar isenta de tonalidades sectaristas de qualquer espécie. Entretanto, segundo seu ponto de vista, o educador, como homem da sua época, deveria sentir todas as inquietudes circunstantes e ter um senso político, tinha de ser um "arauto da liberdade". Como criatura de formação integral, deveria ser considerado nas suas qualidades de criatura humana, antes das suas condições de cidadão. "O que se verifica é que o cidadão às vezes se curva a servilismos, mas a criatura humana tem, intimamente, o seu grito de protesto, ainda que as conveniências o abafem. A consciência é uma vigilância contínua, contrária a inúmeras atitudes exteriores..." (MEIRELES, 28/10/1930).

Por ser responsável pela infância, pelo futuro, pela humanidade, a voz do educador tinha um valor diferente do de todas as vozes. Ela deveria ser ouvida e acatada. Portanto, deveria ter também o seu direito de protesto, que não era o de um indivíduo isolado, que defendia a si mesmo. Era o de alguém que falava em nome de todos por quem trabalhava e sofria.

No seu segundo mês de trabalho no jornal, na crônica *Jornalismo e Educação*, escreve que a atuação da imprensa na formação do povo era problema desde muito tempo incluído nas cogitações de todos os que se interessavam pelo aperfeiçoamento da vida. Em primeiro lugar,

destaca o aspecto negativo das reportagens que exploravam as tragédias, os escândalos e as calamidades. Refere-se dietamente ao leitor quando diz que o jornalista, ao sentar-se à mesa de trabalho, faz surgir no papel todo o drama ocorrido e não pensa que aqueles que o vão ler podem ser criaturas das mais diversas tendências, em diversas situações morais, em situações físicas imprevistas. Assim, os casos relatados poderiam sugerir soluções para os leitores, que "leem com uma rapidez insensata nos meios de transporte, como o bonde, as barcas e os trens, traduzidas quase que num movimento reflexo" (MEIRELES, 3/8/1930).

Esse trecho nos indica as possíveis mudanças das práticas de leitura existentes, nas idas e vindas da casa para o trabalho. Desfaz-se a centralidade do leitor; o jornal podia ser lido nas ruas, em pé, ao lado de outros leitores. Esses tipos de leitura poderiam induzir ao comentário entre os indivíduos. Nesse sentido, o leitor que tomava conhecimento dos fatos ao ar livre teria uma apreensão do sentido diferente de outro cujo contato com a notícia se fizesse em casa, num ambiente fechado e sozinho, em silêncio. Nessa prática de leitura coletiva, o jornal poderia intimar o leitor à ação. Importa ainda considerar que a leitura realizada através dessa apropriação coletiva pode se prestar aos rituais de sociabilidade, a partir de um texto que é decifrado em grupo. Protocolos de leitura são configurados pelas práticas de leitura e vice-versa (BARBOSA, 2007, p. 62).

Se entendermos a leitura como uma prática cultural, conforme Chartier (2011, p. 78), as significações dos textos serão constituídas pelas leituras que se apropriam deles. Com efeito, podemos pensar que os atos de leitura dão aos textos significações plurais e se situam no encontro das maneiras de ler – coletivas ou individuais, herdadas ou inovadoras, íntimas ou públicas – e dos protocolos de leitura creditados no texto não somente pelo autor, mas também pelo impressor que compõe as formas tipográficas.

Cecília não acusa os jornalistas de concorrerem com uma intenção criminosa, mas a própria irreflexão seria um ato de cumplicidade. Ainda alerta para o fato de que não seriam só os adultos que leriam os jornais. Muitas crianças, por saberem ler melhor do que as outras pessoas da família, serviriam de leitoras dessas monstruosidades. O que despertaria sua curiosidade para os piores aspectos sociais. Cecília afirma que as crianças das escolas conhecem com todas as particularidades os crimes que ocorrem e conversam umas com as outras sobre isso. "Todos nós, que estamos atuando na vida, temos obrigação de considerar as crianças e os adolescentes que nos leem como nossos filhos. E na verdade o são, como o somos de todos que nos dão forma à personalidade, com alimento espiritual" (MEIRELES, 3/8/1930).

Em seguida, argumenta que o jornal deve registrar sucintamente o que se passa, apenas como informação. “A fantasia humana tende a ocupar sempre maior espaço, como os corpos gasosos” (MEIRELES, 3/8/1930). O realismo jornalístico tinha utilidade, mas, também mantinha seus perigos. Consistia em um dever da humanidade e da educação controlá-lo.

Na crônica *A Função Educativa da Imprensa*, Cecília declara que no dia em que a imprensa brasileira chamasse a si uma parte da função educativa que lhe competia, o Brasil começaria a realizar com facilidade a formação que até aquele momento vinha sendo custosa pelas múltiplas desorientações. Defende que seria uma oportunidade extraordinária se todos os jornais brasileiros pudessem dispor de um redator, senão especializado, pelo menos familiarizado com os assuntos educacionais. Estes não teriam a ver somente com as simples informações escolares. O importante seria que a imprensa reconhecesse sua responsabilidade na defesa dos interesses coletivos, procurasse estar vigilante ao que importasse para a formação do próprio povo a que serve.

Contudo, muitas vezes os fatos não se passavam dessa maneira. Segundo a cronista, fosse pela falta de assunto, que às vezes obrigava a escrita de linhas equívocas e injustas, fosse por outras razões, como a desorientação no terreno educacional, poderia haver confusões voluntárias e involuntárias.

Nessas reflexões percebemos a defesa central de Cecília, entendendo o fazer da imprensa como um fator de cooperação. Conforme menciona na crônica *A Responsabilidade dos Revisores*, que os escritores dos jornais pensam cuidadosamente, procuram ser justos, precisos, leais, todas as qualidades necessárias para cooperar de verdade. Inclui os revisores como também responsáveis na obra de educação popular, na porção diretamente ligada à instrução. O leitor que pega o jornal começa por acreditar que se trata de um instrumento infalível, certeiro, indiscutível. Nesse texto, a discussão parte de uma revisão mal feita no Comentário da véspera, em que o revisor troca sua escrita ‘senso’ por ‘censo’.

Também na crônica *Imprensa e Educação*, Cecília esclarece que, quando se refere ao papel educativo da imprensa, não significa dizer que ela sempre exerça uma atuação positiva na solução dos problemas, como o de notícias com feição acentuadamente falsas, porque é sabido que não está ainda devidamente aparelhada para isso. No entanto, na falta dessa atuação, poderia haver uma outra, igualmente proveitosa para o bem coletivo – a da veracidade, a da exatidão informativa, a fim de evitar a desorientação do público, que, se fosse casual, precisaria ser corrigida e, se proposital, mereceria uma punição legal. Nos

dizeres de Cecília, “se há problema sagrado para um povo, é sem dúvida o da sua própria formação, diretamente ligado às questões educacionais” (MEIRELES, 3/4/1932). Nesse sentido, uma imprensa perturbadora e nociva, que trata com displicência os assuntos graves da vida nacional, seria também anti-jornalística. Mesmo havendo um público leitor interessado nos assuntos escandalosos, a imprensa não deveria explorá-los, pois seria um direito seu viver da saúde moral de um povo.

O mote dessa crônica foram os casos da escola Epitácio Pessoa, sobre a qual uma notícia de jornal a deixou em situação desagradável e injusta, e o da Escola Profissional Álvaro Baptista. Sobre esta, dois jornais, um matutino e outro vespertino, publicaram notícias falsas sobre as ordens do Diretor Geral de Instrução Pública no sentido de fechá-la. Cecília publica em sua crônica a nota da Diretoria de Instrução Pública esclarecendo os mal-entendidos – devido ao baixo número de matrículas no curso profissional, haveria uma transferência dos alunos para o turno noturno e os outros alunos do curso primário anexo seriam transferidos para a Escola Souza Aguiar, próxima ao edifício da Escola Álvaro Batista.

3.3 **Sensacionalismo Impresso**

> Com um pouco de reflexão, eu estou certa de que o sensacionalismo desapareceria. Mas onde a oportunidade para refletir? Talvez esteja nisso o maior mal da publicidade. Ela é uma coisa vertiginosa, impulsiva, instantânea.
>
> Todos desconfiam de um homem que fala de olhos arregalados, boca espumante, punhos cerrados, sob a ação de uma angústia qualquer. Costuma-se, por prudência, não dar crédito às suas palavras.
>
> O sensacionalismo é uma figura assim. Uma figura de emoção e de pressa. Que estende os seus gestos pelas palavras, e nelas deixa a sua convulsão
>
> *Meireles, 18/8/1932.*

A imprensa constituiu-se, assim, um dos ícones da modernidade dos anos de 1930, de um lado, pela tecnologia do processo de produção e circulação da notícia; de outro, pela

possibilidade de afirmação de uma esfera pública de discussão capaz de abranger o local, o nacional e o internacional. (VIEIRA, 2007, p. 19). Tornava-se possível, dessa maneira, instalar o debate público em dimensões inéditas, haja vista o crescente peso político da imprensa.

Outrossim, permitiu uma ampla visada da experiência citadina: dos personagens ilustres aos anônimos, do plano público ao privado, do político ao econômico, do cotidiano ao evento, da segurança pública às esferas cultural e educacional. Nela encontramos projetos políticos e visões de mundo e vislumbramos, em ampla medida, a complexidade dos conflitos e das experiências sociais (VIEIRA, 2007, p. 13). Conforme observamos na manchete a seguir, valoriza-se a notícia na primeira página, na qual se apresenta em destaque a situação de instabilidade da política nacional; se discute a revelação da situação da seca no norte do Brasil, assim como a regulamentação do jogo a fim de reabrir os cassinos e tornar a cidade do Rio de Janeiro turística.

Figura 11 – *Diário de Notícias*, 22/4/1932, 1ª página

ANNO III — NUMERO 670

1ª EDIÇÃO 4 HORAS

Diario de Noticias

2 SECÇÕES 12 PAGS.

Redacção e Officinas — Rua Buenos Aires, 154 — Rio de Janeiro, Sexta-feira, 22 de Abril de 1932

Aspectos do ruidoso caso do morro de Santo Antonio

EM ENTREVISTA AO "DIARIO DE NOTICIAS", O SENHOR MAURICIO DE LACERDA, PROCURADOR DOS FEITOS DA FAZENDA MUNICIPAL, FAZ NOVAS E SENSACIONAES REVELAÇÕES

O SR. BERGAMINI INCURSO NAS PENAS DAS LEIS CRIMINAES DA REPUBLICA VELHA?

O plano de reforma do Tribunal de Contas

Serão entregues, segunda-feira, ao governo, as innovações que elle encerra

UMA IDEA QUE NÃO PÓDE SER EXECUTADA

A INSTALLAÇÃO DO FABRICO DE CALÇADOS NA INTENDENCIA DA GUERRA DETERMINARIA O FECHAMENTO DE ALGUNS ESTABELECIMENTOS E O DESEMPREGO DE MILHARES DE OPERARIOS

IRA O GOVERNO VIOLAR O SEU PROPRIO DECRETO, QUE PROHIBIU A IMPORTAÇÃO DE MACHINISMOS?

O MOMENTO NACIONAL

No Cattete houve uma importante conferencia entre os principaes chefes mineiros e o Sr. Getulio Vargas

São Paulo não quer ser governado segundo o Codigo dos Interventores — O ministro da Fazenda chega hoje em avião

A importante necessidade de revelar o Brasil aos brasileiros

O magno problema das seccas — O Ceará intellectual — Outras impressões

Fala ao DIARIO DE NOTICIAS sobre o estado actual do norte do paiz o dr. Carlos Reis, jornalista e professor da Faculdade de Direito do Maranhão

Para que o Rio de Janeiro possa ser uma cidade de Turismo

E' necessario regulamentar o jogo e reabrir os casinos que estão fechados

O porto do Rio de Janeiro está sendo abandonado pelos transatlanticos. Ainda hontem o "Eastern Prince" deixou apenas um passageiro no Cais Mauá

Importa considerar que o rádio ainda estava iniciando sua história no país. Portanto, os embates eram travados, principalmente, através da imprensa escrita[61]. No entanto, aquele elemento representava um potencial concorrente dos jornais. O que fez com que estes buscassem um estilo próprio de divulgar as notícias e informações. Além de incluírem elementos extra-textuais como as ilustrações e, posteriormente, a fotografia, o próprio texto também sofreu alterações.

No bojo das transformações historiográficas, com ênfase nas abordagens políticas e culturais, a imprensa teve sua importância redimensionada e passou a ser considerada fonte documental, na medida em que enuncia expressões de protagonistas do cenário intelectual. Some-se a isso, o fato de a imprensa também passar a protagonista como um agente histórico que intervém nos embates, deixando de ser um mero reflexo de uma realidade já definida. Os impressos periódicos podem interagir na complexidade de um contexto, visto haver o destaque dado à palavra impressa na sociedade e a ingerência dos jornais junto à sociedade política. A publicização dos fatos do cotidiano e a capacidade de influir com o poder da palavra impressa concorrem para orientar os indivíduos a terem admiração pelos homens de imprensa.

No dia 12/6/1931, há um artigo não assinado, na página 2 do jornal, sobre o primeiro aniversário do *Diário de Notícias*. Neste, pode-se apreciar a defesa do que seria um jornal moderno. Na efemeridade das suas páginas, o leitor poderia receber conhecimentos, colher sugestões, descobrir anúncios e motivos de distração. Considerado uma obra de cooperação, sob o ponto de vista dos seus elementos materiais, assim como sob o da realização intelectual – artigos, crônicas, noticiário, colaboração – seria uma resultante harmônica e integral de esforços convergentes de todas as partes do mundo para um mesmo objetivo final, a serviço da humanidade.

Nesse sentido, agiria como instrumento de informação, esclarecimento e de orientação. Sua esfera de ação seria, assim, ampliada e sua eficiência como veículo de ideias multiplicada, na medida em que poderia divulgar fatos, refletir impressões, projetar forças sugerindo diretrizes ao pensamento e à atuação do povo.

Para atingir esse ideal de atuação, teria de agir também como um órgão de educação, sendo orientado no sentido honesto do bem geral, tornar-se fator de transformação útil das

---

[61] "No final da década de 1920, conta-se na Capital Federal, 19 jornais diários, 13 estações de rádio e várias revistas semanais, com tiragens que chegam a 30 mil exemplares, como é o caso de *O Cruzeiro*, lançada em 1928, após uma campanha publicitária em moldes modernos. Marca também a década, o aparecimento do primeiro conglomerado de mídia brasileiro, inicialmente com a criação de *O Jornal* (1925- 1974)" (BARBOSA, 2007, p. 58).

condições de vida, capaz de oferecer um aspecto novo e melhor à sociedade, às instituições, ao próprio país em que circulasse, encaminhando a existência nacional para destinos mais elevados e mais nobres.

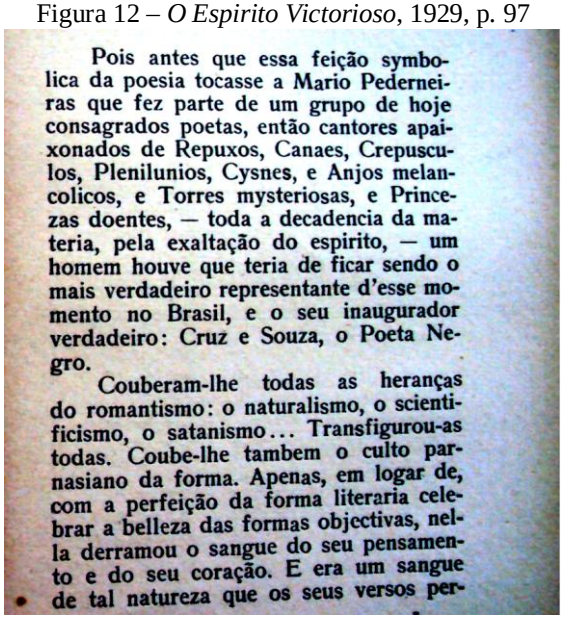
Afirma-se também que o *Diário de Notícias* fora criado sob a inspiração desse ideal, por um grupo de jornalistas que, apesar da mocidade, já havia conquistado uma sólida posição na imprensa brasileira. Intelectualmente de acordo com o espírito moderno, a fim de ser, ao mesmo tempo, veículo de informações e instrumento de combate, nascera vitorioso, apesar da conjuntura econômica e política não ser favorável a uma iniciativa desse porte. "O país acabava de entrar num período de esmorecimento em todas as suas atividades, como se caminhasse para um ciclo de estagnação consequente ao enfraquecimento da grande campanha liberal impotente em face da hipertrofia dos poderes oligárquicos". Ainda assim, lograram executar seu programa sem nenhuma subordinação ou prejuízo para o seu público.

Depois de 1930, começou a se esboçar uma mentalidade mais democrática a respeito da cultura, que começou a ser vista, pelo menos em tese, como direito de todos, contrastando com a visão de tipo aristocrático que sempre havia predominado no Brasil (CANDIDO, 1984, p. 34).

Por desejar que todos os segmentos sociais tivessem acesso à escola e à formação cultural, Cecília anuncia, no dia 27/11/1930, o lançamento da seção intitulada 'Cultura'. No intuito de ampliar a atuação da *Página de Educação*, passaria a publicar, entre os assuntos técnicos, uma seção dedicada a assuntos de interesse geral – ciência, arte, literatura, etc. Pois acreditava que, dessa forma, poderia acrescentar à divulgação dos novos princípios educacionais o valor das outras atividades, que também contribuíam para a atuação do professor. Assim, publicaria trabalhos nacionais e estrangeiros, inéditos ou transcrições, "tendo por único desejo trazer à luz todos os valores mundiais para a aeração que todos sentem imprescindível à obra da educação brasileira, fundamento e esteio dos novos tempos que a Revolução inaugurou".

Igualmente, Cecília afirma que a *Página de Educação* fora criada para oferecer ao magistério as informações e conhecimentos que representassem a visão contemporânea da vida, favorecendo, assim, o movimento educacional que se vinha operando no Brasil. Em seguida, para inaugurar a seção, transcreve uma passagem escrita sobre a poesia de Cruz e Souza, o "Poeta Negro", retirada da sua Tese *O Espirito Victorioso*, da página 97 a 107.

Figura 12 – *O Espirito Victorioso*, 1929, p. 97



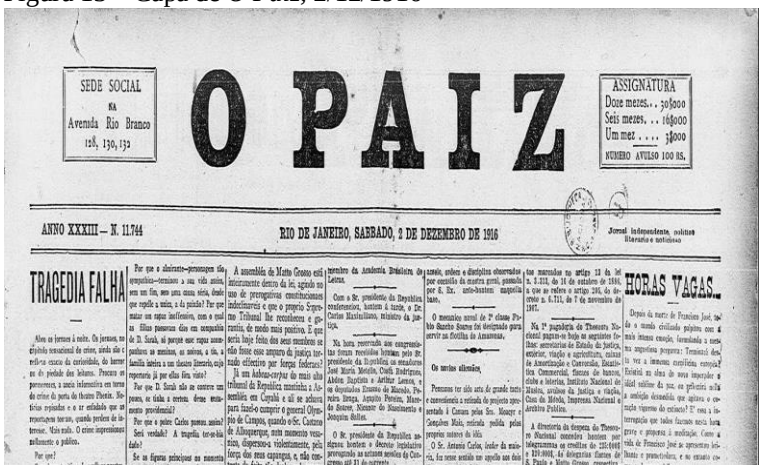
Pois antes que essa feição symbolica da poesia tocasse a Mario Pederneiras que fez parte de um grupo de hoje consagrados poetas, então cantores apaixonados de Repuxos, Canaes, Crepusculos, Plenilunios, Cysnes, e Anjos melancolicos, e Torres mysteriosas, e Princezas doentes, — toda a decadencia da materia, pela exaltação do espirito, — um homem houve que teria de ficar sendo o mais verdadeiro representante d'esse momento no Brasil, e o seu inaugurador verdadeiro: Cruz e Souza, o Poeta Negro.

Couberam-lhe todas as heranças do romantismo: o naturalismo, o scientificismo, o satanismo... Transfigurou-as todas. Coube-lhe tambem o culto parnasiano da forma. Apenas, em logar de, com a perfeição da forma literaria celebrar a belleza das formas objectivas, nella derramou o sangue do seu pensamento e do seu coração. E era um sangue de tal natureza que os seus versos per-

Em contraste com essa intenção, segundo Barbosa (2007, p. 49), desde os anos 1910, as notas sensacionais invadem as páginas das principais publicações. Os jornais parecem exibir, em profusão, em suas manchetes os horrores cotidianos, em lugar das digressões políticas. De fato, esse tipo de notícia de sensação ganha importância na maioria dos jornais diários do Rio de Janeiro, a partir do início dos anos 1920.

A popularidade dessas reportagens poderia ser explicada, conforme a autora, pelo sentimento de inclusão por parte da sociedade nessas narrativas – "o leitor tem a impressão de participar daquela realidade". O repórter procura escrever o texto mesclando realidade e ficção. Ainda que os personagens sejam retirados da realidade, a estrutura narrativa lembra a dos romances folhetins (BARBOSA, 2007, p. 50). Barbosa faz referência à crônica *Tragédia Falha*, de João do Rio, na qual o autor ilustra o destaque que os jornais dão ao capítulo sensacional do crime, que, na sua opinião, refletia um sentimento ou uma apropriação da leitura a fim de despertar a curiosidade, o horror ou a piedade dos leitores.

Figura 13 – Capa de *O Paiz*, 2/12/1916



SEDE SOCIAL
na
Avenida Rio Branco
128, 130, 132

O PAIZ

ASSIGNATURA
Doze mezes... 30$000
Seis mezes... 16$000
Um mez .... 3$000
NUMERO AVULSO 100 RS.

ANNO XXXIII — N. 11.764 | RIO DE JANEIRO, SABBADO, 2 DE DEZEMBRO DE 1916 | Jornal independente, politico literario e noticioso

TRAGEDIA FALHA

HORAS VAGAS...

Abro os jornais à noite. Os jornais, no capítulo sensacional do crime, ainda são o reflexo exato da curiosidade, do horror ou da piedade dos leitores. Procuro os pormenores, a ânsia informativa em torno do crime da porta do Teatro Phenix. Notícias repisadas e o ar enfadado que as reportagens tomam, quando perdem de interesse. Mais nada. O crime impressionou nulamente o público. Por que? (RIO, 2/12/1916).

Na crônica *Sede de Escândalo,* Cecília apresenta o filme com esse mesmo título, como um trabalho de alto valor educativo, pois discutia a responsabilidade da imprensa na orientação e na formação do povo. A cronista afirma que o filme é a ilustração realista das suas palavras, uma vez que mostra a todos os jornalistas – e ela se inclui no grupo ao mencionar "nós todos" – a experiência de cumplicidades em crimes de que podem participar sem saber e até sem querer. Leva a pesar as opiniões pessoais que se insinuam na alma do povo, "deformando criaturas e situações, a serviço de interesses injustos ou indignos, que evidencia a luta entre a honestidade e a ambição" (MEIRELES, 7/4/1932).

Creio firmemente na influência profunda e fatal da imprensa. No dia em que não se anunciarem filmes ambíguos não haverá mais filmes ambíguos nos cinemas. No dia em que não se contar a história dos crimes, como quem faz romance em fascículos, o número de crimes imediatamente diminuirá (MEIRELES, 31/10/1931).

Sempre preocupada com o papel da imprensa na formação do cidadão, Cecília anuncia, na crônica *Combate ao Sensacionalismo*, que o Clube da Reforma, uma associação de jovens universitários que vinha se distinguindo por iniciativas educacionais oportunas, não citadas no texto, iniciaria uma campanha contra o sensacionalismo em todas as suas formas e, "especialmente, na mais comum e perigosa, que é a da má imprensa" (MEIRELES, 14/8/1932).

A autora afirma que muitas vezes insiste-se no “saneamento da publicidade nociva”, dos seus aspectos de escândalo e calúnia. Explica que a imprensa comete muitas vezes erros graves, seja por deficiência de informação, por deficiência de esclarecimento sobre certos assuntos, até pela leviandade na consideração de alguns problemas verdadeiramente relevantes, e por certas rotinas ou negligências que deturpam o valor das coisas. Dessa forma, a imprensa pode se tornar uma arma perigosíssima.

Defende que os jornais teriam muito prazer em colaborar na obra de educação do povo. Entretanto, quando resolvem seguir uma linha estrita de seriedade, são vítimas da indiferença do público. Nesse texto, Cecília contradiz-se à crônica anterior ao negar pertencer à classe dos jornalistas – “E eu, que não pertenço à classe, posso assegurar que, infelizmente, assim acontece, com frequência” (MEIRELES, 14/8/1932). Portanto, segundo sua visão, não seria apenas a imprensa que tinha de tomar uma nova atitude diante dos malefícios que causava. O leitor diário também precisava compreender o mal que causava a si mesmo, ao dar preferência ao assunto sensacional, escandaloso.

Era preciso pensar na repercussão das notícias alarmantes, das tragédias passionais, dos grandes desastres de toda natureza. Necessário privilegiar os assuntos úteis, apresentados de forma prudente e sincera, concorrendo, assim, para a ilustração e o bem estar social. A imprensa precisava prestar maior serviço a essa campanha. Aquela que realmente quisesse mostrar como alguns dos seus erros dependiam menos da sua vontade do que da obrigação em que se via de satisfazer o público a que servia.

Dias mais tarde, Cecília ainda elogia a atitude dos estudantes universitários em se empenharem no combate ao sensacionalismo. Destaca na crônica *Sensacionalismo e Educação* a atenção da mocidade brasileira aos grandes problemas humanos. Em seguida, rechaça o jornalismo que tem o interesse de detalhar o horror, de fornecer todos os pormenores das tragédias e atribui essa escrita à sede de lucro, de competição e êxito. Esse tipo de informação não devia passar de algumas linhas, unicamente, por respeito aos seus protagonistas.

Podemos verificar mais um exemplo de exploração de sensacionalismo na crônica *Um Caso Doloroso*. Cecília traz à tona o caso do suicídio de uma professora, na presença dos seus alunos, ao som do Hino Nacional. Porém, não é do caso em si que ela deseja tratar, e sim da atitude da imprensa – não só nesse como em outros casos do mesmo gênero. Segundo a cronista, há uma porção de repórteres que são, evidentemente, românticos; que se entusiasmam diante de qualquer cena trágica, enfeitando-a com as mais vivas cores, e fazendo

crer na sua capacidade de escrever uma novela com cada pequeno fato policial registrado diariamente, se o espaço nos jornais fosse maior. Transcreve um trecho da reportagem, em que a atitude da professora é chamada de “coragem inenarrável”, “grandeza empolgante”.

Para Cecília, isso tudo era “literatura de ruim espécie” sobre um gesto desgraçado. A seu ver, seria assim que se deseducaria o público, por meio de notícias impensadas. Segundo a autora, a grandeza e a coragem poderiam ser levadas a sério nas suas considerações literárias e oferecerem um exemplo com todas as suas seduções para ser praticado em grande escala. Cecília, então, convida seus leitores para lamentar o acontecimento trágico e doloroso. “O nosso professorado, os nossos estudantes, e o nosso povo todo precisam, é certo, de estímulos de coragem. Mas não será o suicídio que lhes dará semelhantes estímulos” (MEIRELES, 24/4/1931).

Na sua visão, não havia dúvida de que muitas tragédias deveriam ser analisadas, mas, com a finalidade de estudo, de compreensão da humanidade, segundo uma reflexão científica. Explorá-las dessa maneira constituiria uma fonte de deseducação. Cecília chama essas reportagens de “literatura sangrenta”, muitas vezes quase toda imaginária, contruída fantasiosamente sobre argumentos “lamentáveis ou falsificados”.

Decerto, as notícias sensacionalistas podem apresentar um grau de escrita fantasiosa, pois, ao transpor a realidade para a narrativa, o jornalista procura construir personagens e representações arquetípicas com a intenção de que o leitor se sinta participante da vida daquelas pessoas. “Essas notícias podem também remontar a realidade como um conto folhetinesco ou uma cena dos cinematógrafos. Produzem, enfim, elos de identificação com o público” (BARBOSA, 2007, p. 50).

Chamamos a atenção para o fato de que o folhetim (*feuilleton*) teve origem na França e revolucionou também o jornalismo brasileiro. A partir da década de 1840 e mais vigoroso na de 1850, o folhetim alimentava, diariamente, o imaginário dos que já sabiam ler e garantia a vida dos jornais e periódicos da Corte (MEYER, 1992, p. 102). Pelo século afora e no início do século XX, os folhetins obtiam sucesso entre o público feminino na medida em que fossem mais violentos e contivessem o maior número de episódios trágicos. Desse modo, maior seria o envolvimento das leitoras na trama fictícia.

A despeito dessa ‘necessária’ dose de ficcionalidade na escrita jornalística, segundo Cecília, haveria também um outro sensacionalismo, subentendido, “que sugere com hipocrisia dúvidas e calúnias sobre os assuntos mais respeitáveis e as mais insofismáveis ações”. Uma das vítimas desse “sensacionalismo cortês, que traz punhal, mas anda de luvas” (MEIRELES,

18/8/1932) seria a educação, no período de renovação que atravessava, “da mentira do amadorismo jornalístico, literário e pedagógico, à calúnia torpe dos delirantes e fanáticos”.

Defende, pois, que esses aspectos do sensacionalismo já seriam suficientes para despertar uma campanha por parte dos homens de cultura que, segundo a cronista, veem mais claro que os seus companheiros de vida e, portanto, seriam mais responsáveis pelo bem estar social. Nessa passagem, percebemos a defesa de Cecília, assim como em outras crônicas, de que os intelectuais de um país deviam ser os representantes mais autorizados das aspirações de seus concidadãos, uma vez que eles poderiam expressar o espírito do povo e transporem os limites da pátria na comunicação com as outras nações do mundo. A obra de educação precisava desse espírito de fraternidade e de cooperação. Mais do que isso, para Cecília, o sentimento de fraternidade que a escola se esforçava por veicular era, na sua expressão profunda, a própria diretriz e a finalidade da educação.

Cecília não perdia de vista o senso de defesa de um mundo pacífico, baseado na solidariedade humana. Ao mesmo tempo em que defendia um espírito cooperativo, sabia ver os homens ainda irredutíveis nas suas opiniões. É sobre isso que escreve na crônica *Preconceito* – “Vá a gente pensar em cooperação! Pois se cada um fica irredutível na sua opinião, errada ou certa!”. Parecia que o pensamento e o coração dos homens haviam se petrificado. Afirma que a palavra fraternidade nunca foi tão necessária, embora às vezes parecesse que ninguém sabia o seu significado. E acaba por brincar com a sua condição de cronista “Um dia no ano os cronistas podem ser vítimas de um lapso de otimismo. Ou de inteligência. Resta saber o que porventura pensa o leitor”.

Ao reforçar a argumentação em prol de uma imprensa que trabalhasse para o coletivo da sociedade, encontramos na Página de Educação, de 12/2/1932, um artigo de um jornalista inglês, intitulado ‘A Força da Imprensa Moderna’.

O autor fala sobre um dos veteranos do jornalismo britânico, sr. Charles Prestwich Scott[62], à frente do jornal *Manchester Guardian*[63]. Logo na introdução afirma não haver dúvida de que a força da imprensa moderna era enorme. Duvidoso, no entanto, aceitar se tal força era sempre exercida para o bem. Podia-se dizer que muitos jornais, em muitos países,

---

[62] Charles Prestwich Scott (1846-1932), jornalista britânico. Entrou para o jornal *The Guardian* aos 25 anos de idade. Seu primo era o proprietário e o ofereceu o emprego ao ficar impressionado com os seus ensaios. Depois da morte do primo, Charles comprou o jornal e tornou-se seu proprietário e editor-responsável. Disponível em: http://www.theguardian.com/gnm-archive/collection-in-focus-cp-scott

[63] *The Guardian* é um jornal britânico de circulação diária. Fundado em 1821, era conhecido como *The Manchester Guardian* até 1959. No início era um jornal local. Mais tarde, tornou-se um jornal de circulação nacional associado a uma estrutura organizacional complexa. Disponível em: http://www.presseurop.eu/pt/content/source-information/3751-guardian

eram usados exclusivamente para fins materiais. Os seus proprietários e diretores tinham em mira, sobretudo, obter uma boa circulação, bons lucros e uma poderosa influência, fosse por que meios fossem. Outros limitavam-se a fornecer as notícias da rotina, sem se incomodarem muito com a expressão das suas opiniões.

Havia, porém, alguns que passavam a existência a defender ideais e espalhavam as ideias de liberdade, de justiça. Os proprietários e a equipe exerciam uma missão nobre pela vida. A seu ver, o *Manchester Guardian* seria um desses.

Esse artigo pode também revelar como Cecília lia jornais internacionais e, assim, se mantinha integrada ao jornalismo mundial. Ainda que, por vezes, não se assumisse como uma jornalista. Outro exemplo das suas leituras encontra-se na crônica *O Exemplo dos Estudantes Espanhóis*, na qual ela escreve "Um dos jornais que me acabam de chegar de Madri relata '*Los gravisimos sucesos de esta manana*' com as mais vivas cores, embora com uma serena gravidade, bem à altura da enorme importância dos fatos". Afirma ter recebido um jornal espanhol e destaca a ação dos jovens universitários que invadiram o edifício da Faculdade São Carlos, depois de negociações com o decano e com o secretário da instituição, a fim de pedir aos poderes públicos anistia para os presos políticos. Trabalhadores se uniram ao movimento. Forças armadas cercaram o prédio e começam a atirar. Muitos estudantes morreram.

Cecília declara ser a evolução humana uma verdade. Acreditava que o homem triunfaria dos seus instintos, das suas covardias, da miséria do seu coração interesseiro, do servilismo, da torpeza das ambições vergonhosas. Porque ainda havia quem tivesse disposição para morrer por uma ideia. Esta seria a prova de que as ideias são uma força também. E conclui a crônica com o seu lirismo próprio a favor da mocidade – "o contingente mais poderoso nesta luta por um mundo melhor" (MEIRELES, 16/4/1931).

> Porque um soldado é uma coisa assustadora, com todas as suas armas. Assustadora para qualquer um que não seja um simples homem armado com a sua juventude, o seu idealismo, a sua coragem e o seu desinteresse, glorioso, invencível e imortal, ainda que despedaçado, ainda que morto e ainda que esquecido. Porque dos corpos semeados e intactos no seu idealismo, nascem as primaveras das grandes e definitivas redenções (MEIRELES, 16/4/1931).

Embora fizesse questão de se colocar, algumas vezes, como 'não jornalista', acabava por se incluir nessa categoria profissional. Podemos verificar essa ambiguidade na crônica *Coisas Complicadas*, na qual declara explicitamente o seu posicionamento frente às questões educacionais. Cecília afirma:

> Eu, que não pertenço à ABI, que talvez não seja, mesmo jornalista, mas que escrevo há mais de um ano, todos os dias exclusivamente sobre educação e ensino, peço licença para declarar, em nome desta Página, que não participo dos "sentimentos unânimes" a que se referiu tão precipitadamente o sr. Herbert Moses[64].

Tais sentimentos referem-se ao apoio dado pelo presidente da A.B.I. à direção da Escola Quinze de Novembro, que enviara um ofício à associação, solicitando cooperação e apoio moral para a realização das reformas que iria propor ao chefe do governo. O presidente respondeu em nome da classe de jornalistas, "julgando interpretar os sentimentos unânimes de nossa classe, dando apoio e solidariedade na realização das reformas". Cecília se pergunta como se poderia apoiar uma coisa que se desconhecia, e, mais do que isso, "apoiar em nome de uma corporação vastíssima e, ao mesmo tempo, não especializada no assunto? Que apoio moral poderia dar uma imprensa não especializada em assuntos de ensino? Só o da publicação dos artigos. Mas isso parece que é apoio material" (MEIRELES, 17/11/1931).

Aqui notamos a incoerência de Cecília a respeito do seu papel de jornalista. Ao mesmo tempo em que diz que talvez não seja mesmo jornalista, mais à frente, no mesmo texto, declara os sentimentos unânimes de 'nossa classe'. Ser ou não ser jornalista talvez não fosse o que de mais relevante houvesse nos seus posicionamentos. "O jornalismo nunca foi a sua atividade predileta, mas foi através das suas crônicas que conseguiu atingir um grande número de leitores e difundir suas ideias modernizadoras" (LAMEGO, 1996, p. 57).

3.4 **Imprensa e Literatura**

> Não há povo e não há homem que possa viver sem a literatura, isto é, sem a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fabulação. [...] Se ninguém pode passar vinte e quatro horas sem mergulhar no universo da ficção e da poesia, a literatura no seu sentido amplo parece corresponder a uma necessidade universal, que precisa ser satisfeita e cuja satisfação constitui um direito.
>
> *Candido, 2004, pp. 174-175*

[64] Herbert Moses (1884-1972) ingressou no jornalismo aos 14 anos, ao fundar o jornal *O Estudante* em 1898. Foi membro da direção do jornal *A Noite*. Eleito para a presidência da Associação Brasileira de Imprensa em 1931, ocupou o cargo até 1964. Bom negociador, Herbert conseguiu que Getúlio Vargas prometesse substancioso auxílio financeiro para o início da construção da sua sede própria, fizesse uma doação inicial de 13 mil contos de réis e criasse os primeiros cursos de jornalismo. Disponível em: http://www.abi.org.br/institucional/historia/herbert-moses-1931-1964/

O que fica patente, no jornal, são os sonhos e as ideias de Cecília que se concretizavam em palavras. Escrevia, com certa liberdade, sobre os aspectos que tanto lhe incomodavam assim como também falava dos assuntos do coração. "Ah! Como é bom deixar às vezes o coração ir falando sozinho... Ainda estou comovida de ter escrito coisa tão certa, e de tal maneira fraternal" (MEIRELES, 4/5/1932). Dessa forma, o conjunto das suas crônicas pode fornecer material para verificarmos questões educacionais daquele momento, assim como sua ação narrativa[65].

De acordo com Gens (2008, p. 196) e Velloso (2008, p. 223), era comum entre os cronistas do período a recorrência ao uso de pseudônimos nos seus escritos tanto para os jornais como para as revistas ilustradas. Convém salientar que Cecília nunca usou pseudônimo na sua Página, fosse para assinar artigos, entrevistas ou sua coluna Comentário, embora esta tenha passado a ser assinada somente a partir de 28/8/1930. Talvez por ser essa a primeira crônica a tratar mais diretamente da política brasileira. Intitulada *Uma Inscrição*, referia-se ao túmulo de João Pessoa. As anteriores tratavam de escola, formação do professor, infância, mocidade e seus ideais.

A literatura se fazia presente em muitas das suas crônicas. Mesmo quando afirmava, como no texto *Os Químicos e a Paz*, "Nessas curtas linhas sem literatura vai um mundo de sonhos de pacifismo e de beleza, confiados à maior das forças, que é, sem dúvida, a da solidariedade humana". Para, em seguida, fazer referência a um soneto de Sully Prudhomme[66]. Em tal soneto, o poeta se imagina abandonado por todos os trabalhadores do mundo. Todos se dispensam de o servir, sugerindo-lhe que se valha a si mesmo. E ele compreende o significado da interdependência, e conhece sua pobreza individual, "dentro dessa grande trama complexa, em que todas as vidas cooperam, todas se chocam e se

---

[65] Cecília escrevia diariamente – exceto às segundas-feiras – sua coluna, inclusive nas festas de fim de ano. À exceção somente do período em que esteve doente, de 15/5/1932 a 26/5/1932 – nos dois primeiros dias não houve publicação da *Página de Educação*, em seguida, começou a ser publicada sem a coluna Comentário de Cecília. E nos dias 26/10/1930 e 27/10/1930, por causa da necessidade de espaço para atender aos acontecimentos da Revolução, conforme P.S. publicado na edição do dia 28. Também no dia 25/7/1931 há uma nota no alto da página 6 informando que por absoluta falta de espaço, em virtude da publicação do relatório de Senhor Otto Niemeyer, deixavam de publicar a *Página de Educação*.

[66] René-François-Armand Prudhomme (1839-1907), poeta francês, um dos líderes do movimento Parnasiano, procurou restaurar elegância, equilíbrio e padrões estéticos à poesia, em reação aos excessos do Romantismo. Recebeu o Prêmio Nobel de Literatura em 1901. Em 1865 começou a publicar seus versos melancólicos inspirados em um caso amoroso infeliz: *Stances et Poemes* contém o seu poema mais conhecido – Le Vase Brisé (O Vaso Quebrado). Mais tarde renunciou ao lirismo pessoal com vistas à abordagem mais objetiva dos Parnasianos, escrevendo poemas tentando representar conceitos filosóficos em verso. Disponível em: http://www.britannica.com/EBchecked/topic/572981/Sully-Prudhomme

compensam, sofrem e se reanimam, com os ritmos e as repercussões com que se vão sustentando mutuamente sobre o tempo" (MEIRELES, 8/11/1932).

Pode-se observar a aproximação que Cecília realiza entre as obras literárias e as questões que defendia na sua escrita diária, tais como educação, cooperação e fraternidade. Declarava, com frequência, sua aspiração aos sentimentos de unificação e de paz, que supunha os de uma fraternidade reconhecida e largamente praticada (MEIRELES, 25/12/1932). Podemos pensar em uma estratégia discursiva particular, ao dialogar com temas e recursos da linguagem literária. Não só acreditava que a imaginação era a mãe de todas as realidades – "bastaria um homem pensar para – quem sabe? – uma realidade se construir" (MEIRELES, 22/6/1932); defendia que faltava uma porção de sonho à vida prática dos homens (MEIRELES, 6/7/1932).

Etimologicamente, a palavra crônica vem do grego *chronikós*, relativo ao tempo (*chrónos*). No início da era cristã a crônica significava uma lista de acontecimentos ordenados cronologicamente. Tratava-se de um simples registro dos acontecimentos sem aprofundamentos ou interpretações. Mais tarde, continuou sendo utilizada no sentido histórico, mas já apresentando traços de ficção literária (MOISÉS, 1987, p. 245).

No Brasil do século XIX, passou a apresentar sentido estritamente literário, sendo beneficiada pela ampla difusão dos jornais impressos. A crônica passou a ser produzida por escritores como José de Alencar e Machado de Assis, que também tinham no jornal uma outra fonte de renda. A partir da segunda metade deste século, começou a ser largamente utilizada. Segundo Jorge de Sá (2008), João do Rio foi quem deu à crônica uma roupagem mais literária. Isso porque no seu tempo esta era apenas uma seção quase informativa, um rodapé no jornal onde eram publicados pequenos contos, artigos, ensaios, tudo o que informasse os leitores sobre os acontecimentos do dia a dia, recebendo o nome de folhetim, cuja redação era confiada a escritores. Segundo sua percepção, a modernização da cidade exigia uma mudança de comportamento dos que escreviam sua história diária (p. 8). Podemos observar sua opinião na introdução ao livro de crônicas cariocas, intitulado *Cinematógrafo*, publicado em 1909.

> A crônica evoluiu para a cinematografia. Era reflexão e comentário, o reverso desse sinistro animal de gênero indefinido a que chamam: o artigo de fundo. Passou a desenho e a caricatura. Ultimamente era fotografia retocada mas sem vida. Com o delírio apressado de todos nós, é agora cinematográfica – um cinematógrafo de letras, o romance da vida do operador no labirinto dos fatos, da vida alheia e da fantasia – mas romance em que o operador é personagem secundário arrastado na torrente dos acontecimentos (RIO, 2009).

Conforme Lajolo (s/d), as relações entre jornalismo e literatura são antigas e nem sempre harmoniosas. Ambas são formas de comunicação coletiva e acompanham a humanidade desde os seus primórdios, com grande impacto social. Jornalismo e literatura foram uma coisa antes da invenção da imprensa, no século XV, e outra depois, afetando o modo de circulação de notícias e criações estéticas. "Pode-se dizer que aos mensageiros e arautos sucederam-se os jornalistas, assim como aos jograis e cantadores sucederam-se os escritores".

Lajolo esclarece que, enquanto tecnologia de informação, a imprensa deu materialidade aos processos e produtos de jornalistas e de escritores, formatando, nessa materialidade, a rivalidade que marca(va) as relações entre estes profissionais da escrita. A questão jornal versus livro aparentemente apaixonava intelectuais brasileiros já no século XIX.

Muitos outros teóricos da literatura observam essa fronteira tênue entre a crônica e o jornalismo. Fazem, então, as distintas separações entre esses gêneros textuais. Como Afrânio Coutinho (1976, p. 304), que ressalta a natureza literária daquela e afirma que o fato de ser divulgada em jornal não implica a sua desvalorização literária.

Assim, podemos entender porque João do Rio[67] resolveu realizar um inquérito, no início do século XX, na tentativa de esclarecer essa questão. Neste, submeteu a vários escritores a seguinte pergunta, dentre outras: 'O jornalismo, especialmente no Brasil, é um fator bom ou mau para a arte literária?'. Mais tarde, as respostas resultaram no livro intitulado *O Momento Literário*, publicado em 1907.

João do Rio inicia a publicação com a fala de um "homem muito sério e muito grave", não identificado, sobre a existência de um público com uma "curiosidade malsã, quase excessiva. Não se quer conhecer as obras, prefere-se indagar a vida dos autores. A curiosidade é hoje uma ânsia... Ora, o jornalismo é o pai dessa nevrose, porque transformou a crítica e fez a reportagem". Para ele não havia mais "variações eruditas sobre livros alheios" e iam caindo no silêncio das bibliotecas as teorias estéticas que às suas leis subordinavam obras alheias, esquecendo completamente os autores. E continua o seu discurso: "A imprensa, que fala de toda a gente, só não falou ainda dos literatos. Entretanto nós somos um país de poetas! Em

[67] João Paulo Emílio Cristóvão dos Santos Coelho Barreto (1881-1921) ingressou na imprensa aos 16 anos. Em 1918 estava no jornal *Cidade do Rio*. Surgiu então o pseudônimo de João do Rio, com o qual se consagraria literariamente. Começou a publicar suas grandes reportagens, que tanto sucesso obtiveram no Rio e em todo o Brasil, entre as quais "As Religiões no Rio" e o inquérito "Momento Literário", ambos reunidos depois em livros. O segundo constitui excelente fonte de informações acerca do movimento literário do final do século XIX no Brasil. Disponível em: http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=329&sid=261

cada esquina encontra-se uma escola de arte, em cada café corre desabrido esse processo epicamente nacional de sova literária, no interior das livrarias fervilham as novas escolas de arte. Como os homens variam e os livros não são lidos!" (RIO, s.d., p. 2).

Dentre as respostas obtidas pelo cronista, as opiniões variavam mostrando a divergência entre muitos autores e jornalistas. Para Olavo Bilac[68], o jornalismo era para todo o escritor brasileiro um grande bem. Era mesmo o único meio do escritor se fazer ler. O meio de ação lhes falharia se não fosse o jornal — porque o livro ainda não era coisa que se comprasse no Brasil como uma necessidade. Portanto, através do jornal adquiria-se a possibilidade de poder falar a um certo número de pessoas que os desconheceriam se não fosse a folha diária.

Bilac estende sua resposta para falar da tiragem insignificante dos jornais no Brasil – "todos os jornais do Rio não vendem, reunidos, cento e cinquenta mil exemplares, tiragem insignificante para qualquer diário de segunda ordem na Europa" (RIO, s.d., p. 6). Isso demonstrava que o público não lia, porque ainda era grande o número de analfabetos por aquele tempo[69].

> Tenho estatísticas aterrorizadoras, fenomenais. Era natural que decrescesse a lista dos analfabetos à medida que a população aumentasse em número e civilização. Pois dá-se o contrário. Há hoje mais um milhão de analfabetos que em 1890! E digam depois que não é preciso criar escolas e difundir a instrução. Um povo não é povo enquanto não sabe ler. Admiras-te dessa minha transformação? O poeta, que ama as cigarras e os flamboiants, o sonhador, que em tudo vê a poesia, batendo-se por um grave problema social!... Ah! meu amigo! Para mim esta é a última etapa do aperfeiçoamento, e o jornalismo é um bem (RIO, s.d., p. 6).

Júlia Lopes de Almeida[70] afirma que todos os escritores eram um resultado do jornalismo. "Antes da geração dominante não havia bem uma literatura. O jornalismo criou a

---

[68] Olavo Braz Martins dos Guimarães Bilac (1865-1918). Um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras. Dedicou-se desde cedo ao jornalismo e à literatura. Fundou vários jornais, de vida mais ou menos efêmera, como A Cigarra, O Meio, A Rua. Autor da letra do Hino à Bandeira. Em 1898, foi inspetor escolar do Distrito Federal, cargo em que se aposentou, pouco antes de falecer. Disponível em: http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=445&sid=184

[69] Havia ainda um grande número de analfabetos. No entanto, a taxa de analfabetismo sofreu redução, no Distrito Federal, de 63,8%, em 1872, para 38,7%, em 1920. Segundo o recenseamento realizado em 1/9/1920, pela Diretoria Geral de Estatística. Fonte: IBGE

[70] Júlia Valentim da Silveira Lopes de Almeida (1862-1934). Aos 24 anos escreveu seu primeiro livro intitulado *Traços e Iluminuras*, publicado em Lisboa. Seu romance *A Casa Verde* surgiu em folhetins no *Jornal do Commercio* e teve a colaboração de seu marido. Com ideias feministas e educacionais contribuiu com seus contos e poemas em *A Mensageira*, *Única*, *O Quinze de Novembro* e *Kosmos*, revistas dedicadas às mulheres e escritas principalmente por mulheres. Colaborou em jornais como *O Paiz*, *A Gazeta de Notícias* e *A Semana*. Disponível em: http://www.bn.br/periodicosliteratura/index.php/titulos-e-personagens/personagens/julia-lopes-de-almeida/

profissão, fez trabalhar, aclarou o espírito da língua, deu ao Brasil os seus melhores prosadores". No entanto, depois dessa colocação, afirma que o jornal não é, em geral, um fator bom para a arte literária, sem fundamentar uma argumentação que sustentasse essa negativa.

Medeiros e Albuquerque[71] traça uma analogia entre a prevenção dos literatos contra o jornalismo e a dos pintores de quadros contra os de tabuletas ou a dos escultores contra os marmoristas. "Sempre que uma profissão usa dos recursos de qualquer arte para fins industriais, os cultores da arte se indignam e depreciam sistematicamente os profissionais, que assim se põem na sua vizinhança". Como os jornalistas necessitam ser prosadores, os artistas da palavra escrita acham que eles a empregam para fins de imediata utilidade e, por isso, procuram desdenhá-los. Ademais, na pressa da vida moderna, que nem a todos dava tempo para as lentas meditações, o jornal se fez um concorrente temível do livro. "Daí o ciúme, a inveja". Acrescenta que o mal não era do jornalismo; era do tempo que lhes tomava um ofício qualquer, que não os deixava livres para a meditação e a produção. "A imprensa comporta para os que nela trabalham com certo amor uma grande dose de arte".

Félix Pacheco[72], outro entrevistado, declara que o jornalismo, como o praticavam naquela época na Europa e em outros países, era uma grande escola. "A ele devo tudo o que sou e tudo o que aprendi. Dirão que entre nós ainda paga muito mal, mas é bom não esquecer que estamos num país de analfabetos, onde a circulação das grandes folhas é verdadeiramente irrisória". Segundo ele, toda a melhor literatura brasileira dos últimos trinta e cinco anos fez escala pela imprensa.

---

[71] José Joaquim de Campos da Costa de Medeiros e Albuquerque (1867-1934), jornalista, professor, político, contista, poeta, orador, romancista, teatrólogo, ensaísta e memorialista. Em 1896 e 1897, compareceu às sessões preliminares de instalação da Academia Brasileira de Letras. Trabalhou inicialmente como professor primário adjunto, entrando em contato com os escritores e poetas da época, como Paula Ney e Pardal Mallet. Estreou na literatura em 1889 com os livros de poesia *Pecados* e *Canções da decadência*, em que revelou conhecimento da estética simbolista, como testemunha a sua "Proclamação decadente". Em 1897, foi nomeado diretor geral da Instrução Pública do Distrito Federal. Disponível em: http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=526&sid=235

[72] José Félix Alves Pacheco (1879-1935), jornalista, político, poeta e tradutor. Em 1890 trouxe-o para o Rio seu tio e protetor, o senador Teodoro Alves Pacheco, cujo nome adotou em reconhecimento pelo tratamento que sempre lhe dispensou. Em 1897, ingressou no jornalismo, como repórter de O Debate. Dois anos depois, pela extinção daquele periódico, fez carreira no Jornal do Commercio, do qual se tornou diretor-proprietário. Ainda que o jornalismo tenha sido a escola em que se disciplinou na experiência e que o projetou no cenário nacional, Félix Pacheco distinguiu-se também nas letras, como poeta ligado à segunda geração dos poetas simbolistas brasileiros. Disponível em: http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=528&sid=192

Frota Pessoa[73] inicia sua fala condenando a imprensa. Diz que o jornalismo era uma instituição coletiva, anônima e quase irresponsável, por ser onipotente; participa, pois, dos vícios das coletividades. Estes poderiam ser atenuados quando o jornal fosse a tribuna ativa, que trouxesse convicções e ideias próprias, se dirigisse às massas para esclarecê-las, conduzi-las e educá-las. Destaca como utilidade inegável o fato de o jornalismo prestar serviços de propaganda e difusão rápida à arte literária. Sobretudo no seu meio, em que a indústria editorial era "tão arisca e mofina", o jornal poderia agir como um estimulante à atividade intelectual "dos neófitos de valor". Contudo, havia uma influência nociva; a de "facilitar uma literatura de fancaria, que embota e corrompe o gosto artístico dos leitores e determina a decadência dos escritores que a executam".

Mônica Velloso (2008, p. 215) também ilustra esse embate entre a arte literária e o jornalismo. Em estudo sobre as diferentes apropriações e usos que as revistas literárias e as semanais ilustradas faziam em relação à ideia do moderno no Rio de Janeiro da Primeira República, a pesquisadora apresenta a apreensão de Sergio Buarque de Holanda, em crônica de 1921, publicada em *A Cigarra*, pela substituição do livro pelo jornal, do romance pelo conto. Ele argumentara que a literatura de ideias e os homens de letras arriscavam desaparecer ao serem substituídos pelos repórteres e "noticiasinhadores". Ficava clara, dessa forma, a relação que se estabelecia entre a materialidade do suporte, as ideias e o campo intelectual.

Encontramos outro exemplo acerca dessa distinção em Barbosa (2007, p. 87), quando o jornalista Barreto Leite Pinto caracteriza as publicações que circulavam na cidade do Rio de Janeiro nos anos 1920-1930: "A autonomização do jornalismo em relação à literatura seria fundamental para a construção de seu profissionalismo e para o seu reconhecimento como lugar de fala específico, mas isso só ocorre muitas décadas depois".

O jornal, nos anos de 1920 e 1930, teria agido como mediador da ação civilizadora do país. Nesse sentido, pode ser considerado como um dos pilares da República, tendo sido transformado em espaço de trânsito e resistência, conforme defende Armando Gens em seu artigo *Álbum de Recortes: a literatura nos jornais (1870-1900)*(GENS, 2008, p. 195).

Segundo o autor, para esse espaço jornalístico houve uma migração dos homens de letras, que pode ter sido ocasionada pelo retraimento do espaço editorial fluminense. Outro motivo seria a dificuldade de se garantir o sustento exclusivamente através da palavra escrita. Isso teria acarretado, dentre outras consequências, a conversão de temas e problemas do

[73] José Getúlio da Frota Pessoa (1875-1951), intelectual combativo na juventude, poeta, bacharel, jornalista e forte crítico da chamada oligarquia Accioly, no Ceará. Depois de completar o ensino secundário, em 1893 transfere-se para o Rio de Janeiro, onde irá fazer o ensino superior. Foi secretário-geral da Instrução Pública, do Distrito Federal, em 1924. Em 1928 foi subdiretor da Instrução Pública (VIEIRA, 2010).

campo literário para a matéria de crônica. Dessa maneira, o jornal parece ter sido, também, uma espécie de passagem de acesso ao mundo das letras impressas (GENS, 2008, p.196).

Cecília não demonstra, em suas crônicas, uma preocupação com relação às desavenças entre literatura e jornalismo. Pelo contrário, as confluências entre o seu trabalho como autora jornalista e como autora literária somam elementos que mais parecem aproximar um discurso do outro. "Na virada do século XX a literatura será identificada com a alta cultura e o jornalismo com a cultura de massa" (COSTA, 2005, p. 14). Para a cronista, parecia não haver essa distinção.

Conforme podemos observar na crônica *Educação Artística e Nacionalizadora*, Cecília defende a campanha de educação artística nacionalizadora, apresentada em uma sessão da Associação de Artistas Brasileiros. “Expandir o gosto pelas coisas brasileiras, no terreno artístico, através da nossa educação popular. [...] Certamente os iniciadores desse movimento serão aqueles que não pensaram em ser artistas célebres, mas sentiram a vida revelada em formas, em cores, em ritmos e se dedicaram a exprimi-la” (MEIRELES, 13/11/1930). Aqui, a autora não trata diretamente do tema literatura e jornalismo. Entretanto, é possível perceber a sua orientação em prol da integração entre o popular e o erudito.

Antonio Candido (1992, p. 15) afirma que a crônica não nasceu com o jornal, mas só quando este se tornou cotidiano, com uma tiragem relativamente grande, “isto é, há uns 150 anos, mais ou menos”. Seria filha do jornal e da era da máquina de escrever, não sendo feita originalmente para o livro, mas para essa publicação diária e efêmera.

Por se abrigar neste veículo transitório, o seu intuito não é o dos escritores que pensam em permanecer na lembrança e na admiração da posteridade; e a sua perspectiva não é a dos que escrevem do alto da montanha, mas do simples rés-do-chão. Por isso mesmo consegue, quase sem querer, transformar a literatura em algo íntimo com relação à vida de cada um (CANDIDO, 1992, p. 14).

Assim Cecília parece estruturar suas crônicas. Preocupada com a formação humana e com a educação, fazia da escrita uma trincheira, para que fosse assegurada não apenas a sobrevivência física em níveis igualitários, mas que fosse garantida também a integridade espiritual dos indivíduos. Por isso, incluía, nas crônicas, o direito à arte e à literatura.

Segundo Sá (2008, p. 8), a crônica, em lugar de trazer o simples registro formal, apresenta o comentário de acontecimentos que tanto poderiam ser do conhecimento público como apenas do imaginário do cronista; tudo examinado pelo ângulo subjetivo da

interpretação, ou melhor, pelo ângulo da recriação do real. Dessa forma, Cecília estabelecia diálogos com o público leitor.

> Na pequenina e esporádica coluna 'Correspondência', sentia que penetrava no mundo cotidiano de professores e professoras [...] Estabelecendo uma relação até certo ponto íntima com seus leitores e leitoras, Cecília respondia em poucas linhas. Nas mensagens, os que escreviam cartas, manifestavam opiniões, relatavam experiências, construíam significados para seus comentários, matérias, entrevistas. Enviavam livros e artigos procurando instaurar um diálogo e romper as distâncias. Por isso, Cecília agradecia comovida pela atenção demonstrada com seus comentários [...] ou incentivava para que continuassem a lhe escrever. (MIGNOT, 2001, p. 156)

Uma característica bastante relevante da crônica, ressaltada por Chalhoub (2005, pp.14-15), consiste na mediação estabelecida entre autor e leitor, na medida em que haveria uma preocupação em contentar o público, ao se discutir temas e questões de sua predileção. E, consequentemente, uma relação de troca – autor influenciando os leitores e sendo influenciado por eles. O autor da crônica representa o tempo, insere-se na contemporaneidade, procurando intervir na realidade que tenta representar (p. 18) e as expectativas e interesses do público leitor ajudam a definir seus temas e formas da escrita.

Convém salientar que não era só nas respostas à correspondência que Cecília se dirigia aos seus leitores. Nos seus textos conversava diretamente com eles. Como na crônica *A Escola da Paciência*, em que declara seu desejo de ser contador de histórias – um homem simples que pára no caminho para ensinar qualquer coisa a quem o escuta, mas como quem não está ensinando; e só por isso consegue fazer aprender. "Se pudesse ser, ainda que hoje apenas, o contador de histórias do meu sonho, eu te contaria, leitor, esta pequena coisa fácil de ouvir:". Em seguida transcreve uma página de Saadi[74], que se chamava 'A Escola da Paciência'. Na conclusão do Comentário escreve:

> Perdoe-me o leitor este jeito de fazer moral, que assim se apoderou de mim de uma forma imprevista... Aconteceu-me ler Saadi, exatamente àquela hora "em que os homens que têm um jardim se costumam sentar debaixo da sua árvore predileta..." Veio a doçura de pensar, veio a doçura de ver a vida, - veio a doçura, por fim, de sonhar ser o contador de histórias que, seis séculos depois da morte de Saadi, sacode a rosa do seu pensamento para espalhar na Terra o cheiro abençoado das primaveras de Chiraz que ele tanto amou... (MEIRELES, 4/3/1932)

[74] Mucharrif-ed-din Saadi (1200-1292), poeta persa do período medieval. Reconhecido pela qualidade dos seus escritos e pela profundidade dos seus pensamentos sociais e morais. Suas obras mais conhecidas são The Bostan (O Pomar) e The Golestan (O Jardim de Rosas). Disponível em: http://www.iranchamber.com/literature/saadi/saadi.php

Na crônica *A Tristeza de Ser Criança*, Cecília inicia o Comentário indagando ao leitor "Pois os senhores não estão vendo o que aconteceu ao filhinho de Lindbergh?", após afirmar que "Isso de ser criança é mesmo uma coisa, às vezes, muito triste". O filho de Charles Lindbergh[75] havia sido sequestrado com 20 meses de idade. Mais adiante, após declarar estar certa de que os sequestradores cuidariam bem da criança, diz se animar a brincar um pouco com o caso. Traça um paralelo com as crianças que cedo vão para a escola, "por um caminho desconhecido, entregues a professores desatentos, ou pouco dispostos a ouvir as recomendações do regime de que dependia a nossa vida melhor". Encerra o texto: "Mas depois de ter brincado o suficiente para o leitor não ficar muito emocionado, eu queria deixar aqui o meu protesto quase silencioso contra os atentados de que é vítima a infância. Esse, de Lindbergh, e os outros..." (MEIRELES, 5/3/1932).

Em *O Dia de "Engolir a Cápsula"*, inicia o texto estabelecendo um diálogo: "o leitor vai começar por estranhar o título deste Comentário. Eu mesma na verdade estou achando que isto não é título de Comentário. Mas os fatos que acontecem não pedem licença a ninguém para virem com este ou aquele nome". O título se refere à Primeira Comunhão e a "cápsula", no caso, é a hóstia. Cecília conclui "E esse dia o leitor já sabe qual é. Reflita agora como quiser sobre o assunto, e veja se o título deste Comentário não é mesmo muito sério, apesar de não o parecer" (MEIRELES, 11/3/1932).

Outro aspecto importante da crônica é a presença predominante da subjetividade do autor, o foco narrativo situa-se na primeira pessoa. Ainda segundo Sá (2008, p. 12), o cronista desenvolve uma sensibilidade que o predispõe a captar os sinais diários da vida com maior intensidade, aliando o lirismo à razão. "Por mais que o narrador-repórter seja o escritor de carne e osso, nervos e músculos, e nunca personagem ficcional, ele representa um ser coletivo com quem nos identificamos e através de quem procuramos vencer as limitações do nosso olhar" (SÁ, 2008, p. 15).

Assim, na leitura de uma crônica, pode-se perceber mais de perto a "pessoa do autor", nas suas opiniões expressas, e a sua personalidade. No entanto, ao analisá-la mais detidamente, percebemos não só a pessoa do autor, mas a sua "leitura do tempo vivido" (NEVES, 2005, p. 240). A crônica, como os outros gêneros textuais, é escrita em um determinado contexto, uma dada época. "A crônica guarda sempre de sua origem etimológica

[75] Charles Augustus Lindbergh (1902-1974), pioneiro da aviação estado-unidense, ficou famoso por ter feito o primeiro voo solitário transatlântico sem escalas, em 1927. Em 1932, seu filho, Charles Augustus Lindbergh Junior foi sequestrado e morto. Disponível em: http://www.lindberghfoundation.org/docs/

a relação profunda com o tempo vivido" (NEVES, 2005, p. 82). E quem registra esses fatos, no caso o autor, o faz a partir da sua leitura, da sua interpretação.

Isso pode ser observado nos posicionamentos de Cecília em seus textos. Defendia a reforma educacional que tinha como fundo uma obra de civilização humana, conforme podemos verificar, dentre as suas crônicas, no texto *Equilíbrio*. Nesse, a cronista defende o verdadeiro sentido da vida como uma participação no sentimento total do universo. Constata que, ao lado dos mais "profundos e generosos impulsos de sociabilidade, o homem parecia continuar a ser uma força individualista" (MEIRELES, 30/10/1932). Portanto, seu apelo era no sentido de que se fizesse a civilização conjuntamente e que fosse distribuída igualmente por todos os homens. Entendia que o mundo é complicado e os homens se desentendem tão facilmente quanto seriam capazes de se entender. Acreditava, porém, acima de tudo, que a educação pretendia e poderia realizar esse equilíbrio.

Lutava para que o "sentimento de universalismo fosse, na verdade, um sentimento geral entre os homens" (MEIRELES, 25/12/1932). A justeza e o equilíbrio eram dons preciosos "nesta arte difícil de se estar no mundo sem se ser demais" (MEIRELES, 25/11/1932). Compreendia a obra de educação como a oportunidade de favorecer todos os dons individuais para a afirmação do equilíbrio coletivo (MEIRELES, 22/11/1932). Condenava, assim, a desigualdade social.

A questão educacional significava, no seu entendimento, o fundamento mais importante para a estrutura da pátria e da humanidade, e deveria ser o motivo de interesse para os que se empenham na formação nacional e humana. "A esperança mais autêntica para o nosso destino de povo, neste momento mundial tão grave para os que se esquecerem de cumprir seus deveres humanos" (MEIRELES, 15/11/1931).

Ao defender a união pela igualdade, censurava a particularização dos atos e visões. Podemos observar essa opinião na crônica *Deformação Profissional*. Cecília faz uma crítica aos profissionais que se limitam a tratar de um assunto particular e desconhecem quase todo o resto. Diz não entender como alguém se propõe a conhecer tão bem o detalhe, se este tem de estar integrado em um todo sem cujo conhecimento direto não parece útil ou necessário. O homem deveria ser capaz de realizar de maneira excelente determinada parte de um serviço para a qual dispunha de habilidade especial. No entanto, devia conhecer também as outras partes que não executava.

A seu ver, isso se aplicaria tanto para quem fabrica a peça de uma máquina como para quem escreve um poema, dá uma aula ou dirige uma repartição. O maior prejuízo dessa

deformação profissional a que se referia é que ela torna os indivíduos estranhos uns aos outros, quando no mundo se tornava cada vez mais necessária uma solidariedade mais intensa que os aproximasse. “A vida é una em toda a sua multiplicidade. Se a cada instante a vemos dissociar-se em fragmentos, a cada instante sentimos a sua solicitação para se recuperar num conjunto que sintetize o seu verdadeiro sentido” (MEIRELES, 11/12/1932).

Acreditava que os fenômenos isolados no seu estado natural formam um todo orgânico, sensível, mutável. Logo, somente a compreensão do todo capacitaria os indivíduos para a convivência pacífica e harmoniosa. Esta poderia ser dificultada pela ignorância, que provém quase sempre dessa deformação profissional. “Há educadores que, desejando encontrar uma perfeição própria, evitaram a cooperação dos seus contemporâneos. E sonham fazer o mundo sozinhos... Não façamos limitada, artificial e inverídica a nossa visão da vida...” (MEIRELES, 11/12/1932).

Segundo Cecília, a dificuldade de compreensão entre os homens poderia ser difícil. Contudo deveria ser tentada. A comunicabilidade humana seria aproximada, problemática, pois todos são interpretados. “As mesmas palavras de um idioma não têm o mesmo sentido para todos que o falam”. Por isso a tranquilidade na Terra seria difícil. No entanto, se as pessoas procurassem “pensar com clareza, falar com limpidez e receber as palavras alheias com a paciência de procurar o significado que mais rigorosamente as inspirou” (MEIRELES, 26/11/1932), haveria maior possibilidade de uma comunicação integral. Assim ela aborda mais uma questão referente ao seu ideal de união fraterna entre os homens na crônica *Compreensão*. Para Cecília, três problemas encerravam, na verdade, toda a preocupação do mundo moderno – o do trabalho, o da paz e o da educação (MEIRELES, 9/6/1932).

Talvez por esses motivos tenha escolhido trabalhar com a palavra escrita. Através desta, tentava defender seus ideais e tematizar aquilo que entendia como necessário ser ouvido e concretizado. Procurava a colaboração e não o isolamento. Buscava pluralizar em vez de particularizar. Acreditava que a prova da preocupação educacional de um povo não podia se limitar às iniciativas e às leis. Essa prova precisava ser buscada em atitudes (MEIRELES, 6/10/1932).

Sob o mesmo ponto de vista, no dia 27/4/1932, Cecília publica o artigo intitulado *O Dia do Encarcerado*. Dois detentos da Casa de Detenção[76] haviam enviado espontaneamente

[76] A Casa de Detenção foi criada em 2/7/1856, no local onde funcionou até dezembro de 2006 a Penitenciária Milton Dias Moreira, criada inicialmente no primeiro raio da Casa de Correção que se achava desocupado. Destinava-se à reclusão de presos legalmente enviados pelas autoridades policiais, judiciárias e administrativas. Existiam condenados que não acarretavam ônus para o Estado, pois os mesmos se sustentavam e poderiam receber comidas externas, que eram examinadas pelo Diretor ou por um funcionário designado. O

o artigo que fora escrito especialmente para ser publicado na Página de Educação. Cecília apresenta o texto com a seguinte afirmação: "Em educação todos os documentos humanos adquirem um valor especial, pelo que nos dão a conhecer do indivíduo, e pelo que nos ensinam a procurar, orientando a própria marcha da investigação".

O título faz referência aos festejos do dia do encarcerado, que era comemorado anualmente, no dia 12 de abril, na Casa de Correção[77], e traz o registro das impressões dos dois detentos do presídio vizinho. Cecília justifica tal publicação por ser a Página animada por um sentimento e um sonho profundo de liberdade. "O pensamento educacional é um pensamento que se comove diante de qualquer cativeiro". Reforça a convicção de que era necessário contribuir para ser um impulso a mais no movimento de emancipação que leva os homens à conquista e ao domínio de si mesmos e da vida, dando-lhes poder para serem livres, pelo gosto de serem responsáveis. Portanto, a Página de Educação publicava aquele artigo de dois sentenciados desconhecidos como a folha de um diário da vida prisioneira, que se transportasse para uma esperança de liberdade – aspiração da obra educacional.

Cecília procurava apresentar, através das suas crônicas, possibilidades de renovação do Brasil e do mundo. Na crônica *A Extensão das Pátrias* podemos perceber a ideologia defendida por ela quando diz que "no dia em que se amar intensamente a terra de pátria, já se estará começando a amar para além das fronteiras a terra dos outros homens em que ela e nós nos prolongamos". Assim se completaria o destino humano. E, para que se completasse, era necessária "uma obra educativa luminosa e vasta, que, desde cedo, revele às crianças o encanto de um mundo harmonioso" (MEIRELES, 14/12/1932).

Essa "obra educativa luminosa e vasta" possibilitaria aos indivíduos desenvolverem-se em suas possibilidades e sentidos, a fim de se superarem e adquirirem instrumentos para "contemplarem e compreenderem a situação de todos outros elementos, e sentirem no panorama geral da vida o valor da sua atuação pelo sentido da sua responsabilidade" (MEIRELES, 23/1/1932).

A superação de si mesmo estaria associada também ao aprendizado da literatura. Talvez por isso, tenha construído suas crônicas jornalísticas com inúmeras referências

---

Decreto-Lei n° 3971, de 24/12/1941, transformou a Casa de Detenção em Presídio do Distrito Federal, posteriormente Penitenciária Milton Dias Moreira. Disponível em: ALMEIDA, Gelsom Rozentino de. *Um Breve Relato Sobre o Sistema Prisional no Rio de Janeiro*. http://museucarcereuerj.blogspot.com.br/p/sistema-prisional.html

[77] A Casa de Correção foi regulamentada em 6/7/1850, através do Decreto n° 677, destinada à execução de pena de prisão com trabalho, no local onde funcionou até dezembro de 2006 a Penitenciária Professor Lemos de Brito. O Decreto-Lei n° 3971, de 24//12/1941 transformou a Casa de Correção em Penitenciária Central do Distrito Federal (ALMEIDA, http://museucarcereuerj.blogspot.com.br/p/sistema-prisional.html).

literárias. Segundo Candido (2004, p. 176), ao analisarmos a literatura, podemos distinguir duas faces: é uma forma de expressão, isto é, manifesta emoções e a visão do mundo dos indivíduos e dos grupos e é uma forma de conhecimento, inclusive como incorporação difusa e inconsciente. Cecília trabalhava com as duas faces; ao mesmo tempo em que expressava suas emoções e sua visão sobre o mundo e as pessoas, levava o seu vasto conhecimento literário para o seu público leitor. De tal modo conjugava os discursos jornalístico e literário de forma a atender aos seus anseios de renovação educacional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

> Talvez tenha sido essa a mais comovente lição de solidariedade humana que recebi na minha vida. A lição dos livros
>
> *Meireles, 15/5/1931*

As reflexões desenvolvidas durante a pesquisa nos conduzem ao pensamento de Cecília Meireles. Passamos a conhecer suas opiniões e sua defesa idealista, que compreendia desde a Educação, a formação do ser humano até a vida em si. O progressivo desvelamento das suas leituras nas crônicas escritas para o jornal *Diário de Notícias* nos fornece material necessário para compreender como Cecília acreditava que as mudanças sociais só seriam plenamente atingidas com profundas reformas no campo educacional.

Do seu ponto de vista, tais reformas abrangiam um significado social da Educação. Humanista em essência, lutava para que esta não se limitasse aos saberes necessários para um exercício profissional específico. Era necessário que o ensino contribuísse para a noção de cultura geral, concebida como um saber cujo sentido formativo não se confundia com aplicações imediatas.

Verificamos, pois, a importância da literatura, que se faz presente em seus textos, não somente para fruição ou deleite dos leitores, ou como modelos a serem seguidos. Conforme registramos no segundo capítulo, a literatura contribuiria, sobremaneira, para o seu projeto de formação total dos indivíduos, na medida em que os humanizaria. Conforme a autora escreve na crônica *Klim*, de 22/6/1932, “nos livros que se escrevem há sempre uma realidade sustentando o que possa existir de pura imaginação”.

Dessa maneira, a Educação aparece como um elo de humanização a ser construído e propõe-se a ser o espaço legal, legítimo e possível de igualdade entre os homens; como a esperança, como um elemento constituinte do novo modelo de desenvolvimento que se esperava para o ser humano numa ótica humanística e cidadã, que contempla o indivíduo na sua totalidade, possibilitando realização pessoal e melhoria de qualidade de vida. A Educação teria um papel determinante na criação da sensibilidade social necessária para reorientar a humanidade.

Ao longo da investigação realizada, foi possível perceber que as crônicas configuravam não somente a defesa do seu projeto educacional. Também se apresentavam

como espaços de reflexão articulados aos acontecimentos políticos econômicos e sociais experimentados pelos sujeitos sociais daquele tempo. Entretanto, para além do contexto, verificamos que Cecília elabora os textos incluindo as referências literárias das suas experiências como leitora. Essas referências configuraram o foco de análise no primeiro capítulo. A partir do levantamento quantitativo realizado, constatou-se que a autora se utilizava das suas leituras, a fim de ilustrar as narrativas elaboradas e, ao mesmo tempo, contribuir para a ampliação dos conhecimentos do público leitor.

Destacamos que a leitura é aqui entendida como prática social, formando e transformando as relações sociais e humanas; mais do que um status de prática secundária, funcionando somente para lazer e distração. Portanto, o estudo justifica-se por contribuir com uma visão sobre a leitura em determinadas situações, levando-se em consideração fatos históricos que permeiam o assunto, não só em locais diversos, mas também em condições de produção e aceitação diversas. Entre as leituras citadas por Cecília, encontramos clássicos, como Goethe, assim como as fábulas. Percebemos, desse modo, como o ideário da cronista também colocava em debate a literatura erudita e a popular, a literatura moralizadora e sensibilizadora, que resultaram em fortes referências para sua formação.

Contribui com essa discussão sua capacidade ficcional e lírica de recriar, de dar aos acontecimentos outros sentidos. Sensibilizamo-nos pela sua forma de encarar o mundo, o homem e sua formação, e reconhecemos o grande desafio em manter o distanciamento necessário para realizar as análises dos dados. Para isso, tentamos o tratamento analítico das fontes tanto quanto possível.

Ao considerar a literatura uma forma artística, podemos, então, buscar nela traços da cultura de uma sociedade e a crônica, como gênero literário, pode ser entendida como lugar de cultura e fonte para construções históricas. Por conseguinte, registramos no terceiro capítulo a percepção do jornal como lugar de produção, veiculação e circulação de discursos, e sendo este o suporte das crônicas desde o seu surgimento, verificamos como as crônicas de Cecília puderam intervir na realidade, a partir da sua participação no campo da imprensa periódica.

Outro aspecto de destaque é a defesa de Cecília pelo valor educativo da imprensa e responsabilidade na formação do povo. Por isso, colocava-se contra toda exploração de assuntos sensacionais. Foi possível notar como as práticas de leitura começavam a apresentar mudanças devido às novas organizações da cidade. Também mereceu atenção a forma como a autora encarava positivamente as marcas da modernização, tais como a máquina de escrever, o cinema e seu valor pedagógico.

Consideramos, conforme Vieira (2007, p. 16), que os documentos, as fontes, os vestígios do passado expressam pontos de vista das pessoas que os produziram. Portanto, as questões apresentadas nesta pesquisa não estão associadas às ideias do verdadeiro e do falso, mas ao entendimento do que levou Cecília Meireles a defender determinadas teses. O modo como a autora construía seu discurso, com a inclusão da literatura associada ao seu discurso jornalístico.

Discutimos a importância do jornal com a intenção de dimensionar a relevância das crônicas de Cecília naquele contexto. Observamos, em particular, como agiu de modo singular em prol da reorganização do campo educacional. Por ser uma narrativa que capta o que é fugidio aos outros gêneros, a crônica convida o cotidiano a se pronunciar segundo seus próprios termos. Por outro lado, não deixa de falar algo sobre quem a está escrevendo e sua interpretação acerca do que o inspira a escrever.

Dessa forma, as crônicas "trazem" o tempo vivido pelo autor em esferas complexas e revelam múltiplas tensões no âmbito das relações sociais da época. Mesmo com aparente jeito descontraído, de quem está falando coisas sem maior consequência, a crônica pode entrar fundo no significado das ações e dos sentimentos humanos e ir longe na crítica social (CANDIDO, 1992, p. 17). Por outro lado, existem autores que utilizam a crônica como militância, participando diretamente da realidade com a intenção de transformá-la. Essa foi a abordagem de Cecília Meireles na sua produção como cronista.

Ou seja, o autor escreve com uma intenção, registra e reconstrói o cotidiano. Mesmo leitores, ancorados em um outro tempo, podem arriscar interpretações a partir do que foi lido e debruçar-se sobre a operação historiográfica, de modo a reconstituir vestígios do tempo passado. Não se trata de compreender um documento no sentido positivista do termo (NEVES, 1992, p. 76), mas de possibilitar uma relação estreita entre ficção e história. Ao mesmo tempo, as crônicas constituem um lugar de memória e, em vista disso, são valorizadas como objeto e fonte da história, da literatura ou mesmo do jornalismo.

Entendemos não ser possível esgotar as questões aqui apresentadas nos limites temporais do curso de Mestrado. Levando-se em conta a incompletude desta investigação, consideramos importante assinalar que procuramos contribuir para o campo da História da Educação, assim como, visamos a ampliar a fortuna crítica da poetisa e fornecer indícios sobre sua formação como leitora. Suas teses, defendidas há quase 80 anos, se fazem ainda atuais e têm servido de fonte de pesquisa para ampliar o debate no campo da História da Educação no Brasil, sendo consideradas importante marco historiográfico.

REFERÊNCIAS

ABREU, Márcia. (Org.). *Leitura, História e História da Leitura*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1999.

ALMEIDA, Gelsom Rozentino de. *Um breve relato sobre o sistema prisional no Rio de Janeiro*. Disponível em: <http://museucarcereuerj.blogspot.com.br/p/sistema-prisional.html>. Acesso em: 2013.

ALMEIDA, Patricia Vianna Lacerda de. *Cecília Meireles*: uma cronista no cenário cultural e educativo (1930-1933). In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 6., 2011, Vitória. *Anais*... Vitória: [s. n.], 2011.

BARBOSA, Marialva. *História Cultural da Imprensa:* Brasil, 1900-2000. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

_____. *História Cultural da Imprensa:* Brasil, 1800-1900. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010.

BARRETO, Lima. A Polícia Suburbana. In: _____. *Vida urbana*. Rio de Janeiro, 28 dez. 1914.

_____. Esta Minha Letra. In: _____. *Contos completos*. Lília Moritz Schwarcz (Org). São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

BELOCH, Israel; ABREU, Alzira A. (Coord.). *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro (1930-1983)*. Rio de Janeiro: Ed. Forense-Universitária; FGV/CPDOC; FINEP, 1984.

BILAC, Olavo. *Kinetoscópio*. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 17 dez. 1894.

BONTEMPO, María Paula. *La trayectoria de Constancio Cecilio Vigil antes de la fundación de Editorial Atlántida (1904-1918)*. Universidad de San Andrés y Universidad de Buenos Aires. Disponível em: <historiadoresdelaprensa.com.mx/hdp/files/247.doc>. Acesso em: 3 jan. 2014.

BORTOLOTI, Karen Fernanda da Silva; CUNHA, Marcus Vinicius da. Anísio Teixeira e a psicologia: o diálogo com a psicanálise. *Hist. Educ.*, Santa Maria, v. 17, n. 41, set./dez. 2013.

BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1994.

CAMARA, Sônia. “Progredir ou Desaparecer”: o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova de 1932 como itinerário para a construção do Brasil moderno. In: MAGALDI, Ana Maria; GONDRA, José J. (Org.). *A Reorganização do Campo Educacional no Brasil*: manifestações, manifestos e manifestantes. Rio de Janeiro: 7Letras, 2003, p. 29-44.

CAMARGO, Luís. *Ilustração no Livro Infantil*. Belo Horizonte: Ed. Lê, 1995.

CANDIDO, Antonio. A Revolução de 1930 e a cultura. *Novos Estudos Cebrap*, São Paulo, v. 2, n. 4, p. 27-36, 1984.

CANDIDO, Antonio. *Vários Eescritos*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul; São Paulo: Duas Cidades, 2004.

_____. *Literatura e sociedade*: Estudos de Teoria e História Literária. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2008.

_____. et al. *A Crônica*: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil. Campinas, SP: Editora da UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992. p. 13-22.

CARVALHO, Marta Maria C. *A escola e a república*. São Paulo: Brasiliense, 1989.

_____. Pedagogia da escola nova e usos do impresso: itinerário de uma investigação. *Revista Educação, Santa Maria*, v. 30, n. 2, p. 87-104, 2005. Disponível em: <http://www.ufsm.br/ce/revista>. Acesso em: 2013.

CARVALHO, Walkíria Pinto de. *A Ludicidade em Cecília Meireles como Sensibilização para a Leitura na Educação Fundamental*. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2006.

CAVALCANTI, Claudia. Fervor e isolamento. *Revista Entrelivros*: Entre Clássicos Goethe, São Paulo, n° 5, p. 54-61, 2006.

CERBINO, Beatriz. *Jaques Corseuil e o jornalismo de dança no Rio de Janeiro*. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/6o-encontro-2008-1/Jaques%20Corseuil%20e%20o%20jornalismo%20de%20danca%20no%20Rio%20de%20Janeiro.pdf>. Acesso em: 28 fev. 2014.

CHALHOUB, Sidney. *A arte de alinhavar histórias: a série "A+B" de Machado de Assis*. In: CHALHOUB, Sidney; NEVES, Margarida de S.; PEREIRA, Leonardo Affonso de M. (Org.). História em cousas miúdas: capítulos de história social da crônica no Brasil. Campinas, SP: Ed. da UNICAMP, 2005, p. 67-85.

CHARTIER, Roger. *A Aventura do Livro: do leitor ao navegador:* conversações com Jean Lebrun. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Editora UNESP, 1998.

_____. *A História Cultural:* entre práticas e representações. Tradução de Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difel, 2002.

_____. *A história ou a leitura do tempo*. Tradução de Cristina Antunes. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

_____. (Dir.). *Práticas da Leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 2011.

COLOMER, Teresa. *Andar entre Livros:* a Leitura Literária na Escola. São Paulo: Global, 2007.

CORRÊA, Luciana Borgerth V. *Infância, Escola e Literatura Infantil em Cecília Meireles*. 2001. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 2001.

COSTA, Cristiane. *Pena de Aluguel: escritores jornalistas no Brasil, 1904-2004*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

COUTINHO, Afrânio. *Introdução à Literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1976.

CUNHA, Maria Teresa Santos. *Armadilhas da Sedução:* Os Romances de M. Delly. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

CURY, Carlos Roberto J. *Ideologia e Educação Brasileira:* Católicos e Liberais. São Paulo: Cortez; Autores Associados, 1984.

DAMASCENO, Darcy. *Cecília Meireles:* O Mundo Contemplado. Rio de Janeiro: Orfeu, 1967.

DARNTON, Robert. *A Palavra Impressa*. In: O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 121-201.

ESCOLANO BENITO, Agustin. *Arquitetura como Programa. Espaço-Escola e Currículo.* In: VIÑAO FRAGO, Antonio; ESCOLANO BENITO, Agustin. *Currículo, Espaço e Subjetividade.* Tradução de Alfredo Veiga-Neto. Rio de Janeiro: DP&A, 1998, p. 46.

FERNANDES, Hercília Maria. *Cecília Meireles e a Lírica Pedagógica em "Criança meu amor" (1924)*. 2008. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2008.

FERREIRA, Rosangela Veiga J. *No Veio da Esperança a Essência Etérea da Criança Diversa na Escola:* O Jogo Inquieto do Discurso Jornalístico de Cecília Meireles. 2007. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2007.

_____. A Signatária Cecília Meireles: Interfaces Educacionais no Discurso Jornalístico (1930-1933). In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 6., 2011, Vitória. *Anais...* Vitória: [s. n.], 2011.

_____. Cecília Meireles Como um "Ser No Mundo": Interpretações Ricoeurianas da Obra Jornalística (1930-1933). In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 6., 2011, Vitória. *Anais...* Vitória: [s. n.], 2011.

_____; ROCHA, Marlos Bessa Mendes da. O lugar da criança nos debates educacionais de 1930 à luz do pensamento de Cecília Meireles. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 6., 2011, Vitória. *Anais...* Vitória: [s. n.], 2011.

FERREIRA, Rosangela Veiga J.; *FARIA*, Jeniffer de Souza; PINHO, Camila Silva. Cecília Meireles, a Educadora: Imagens de Infância num Discurso Jornalístico. In: CONGRESSO

LUSO-BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 9., 2012, Lisboa. *Anais*... Lisboa: [s. n.], 2012.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia:* saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREITAG, Barbara. *O Indivíduo em Formação:* diálogos interdisciplinares sobre educação. São Paulo: Cortez, 2001.

GALEANO, Eduardo. *O Livro dos Abraços*. Porto Alegre: L&PM, 2009.

GENS, Armando. Álbum de Recortes: A Literatura nos Jornais (1870-1900). In: LUSTOSA, Isabel (Org.). *Imprensa, História e Literatura.* Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, 2008, p. 195-209.

GOMES, Angela Maria de Castro. *Essa gente do Rio...:* Modernismo e Nacionalismo. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1999.

HALLEWELL, Laurence. *O Livro no Brasil:* Sua História. SP: EDUSP, 2005.

HEISE, Eloá. *Fausto: A Busca pelo Absoluto*. Revista Cult, n° 130. Disponível em: http://revistacult.uol.com.br/home/2010/03/fausto-a-busca-pelo-absoluto/. Acesso em: 3 jan. 2014.

JINZENJI, Mônica Yumi. *Cultura Impressa e Educação da Mulher no Século XIX*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2010.

JORNAL DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Disponível em: http://hemerotecadigital.bn.br/diario-de-noticias

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *A Formação da Leitura no Brasil*. São Paulo: Ática, 1998.

LAJOLO, Marisa. Jornalistas e Escritores: A Cordialidade da Diferença. In: PROJETO Memória de Leitura. Projetos e Resultados. Ensaios dos Pesquisadores. IEL: Unicamp. Disponível em: <http://www.unicamp.br/iel/memoria/>. Acesso em: 2013.

LAMEGO, Valéria. *A farpa na lira:* Cecília Meireles na Revolução de 30. Rio de Janeiro: Record, 1996.

LOBATO, Monteiro. *Fábulas*. São Paulo: Globo, 2008.

LOBO, Yolanda Lima. Memória e Educação: O Espírito Victorioso, de Cecília Meireles. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Brasília: MEC/INEP, v. 77, n. 187, p. 525-545, set./dez.1996.

_____. *Cecília Meireles*. Coleção Educadores, MEC/FNDE. Recife: Fundação Joaquim Nabuco/Editora Massangana, 2010.

_____. Por que a Escola Deve Ser Leiga? Cecília Meireles e a Defesa da Educação Laica. In: CONGRESSO LUSO-BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 9., 2012, Lisboa. *Anais*... Lisboa: [s. n.], 2012.

MAGALDI, Ana Maria Bandeira de Mello. *Lições de Casa: discursos pedagógicos destinados à família no Brasil*. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2007.

MEIRELES, Cecília. *O Espirito Victorioso.* 1929. Tese (Apresentada ao Concurso da Cadeira de Literatura da Escola Normal do D.F) - Escola Normal do Distrito Federal, Rio de Janeiro, 1929. Exemplar do Centro de Memória Institucional do ISERJ.

_____. *Ensino e Educação*. Diário de Notícias. Rio de Janeiro, 12 jun. 1930, Página de Educação.

_____. *Educação e Fraternidade*. Diário de Notícias. Rio de Janeiro, 27 jun. 1930, Página de Educação.

_____. *Jornalismo e Educação*. Diário de Notícias. Rio de Janeiro, 3 ago. 1930, Página de Educação.

_____. *A Responsabilidade da Imprensa*. Diário de Notícias. Rio de Janeiro, 23 set. 1930, Página de Educação.

_____. *A Responsabilidade da Imprensa*. Diário de Notícias. Rio de Janeiro, 23 set. 1930, Página de Educação.

_____. *Liberdade*. Diário de Notícias. Rio de Janeiro, 28 out. 1930, Página de Educação.

_____. *Educação Artística e Nacionalizadora*. Diário de Notícias. Rio de Janeiro, 13 nov. 1930, Página de Educação.

_____. *O Espírito Poético da Educação*. Diário de Notícias. Rio de Janeiro, 26 nov. 1930, Página de Educação.

_____. *Educação Estética da Infância*. Diário de Notícias. Rio de Janeiro, 2 dez. 1930, Página de Educação.

_____. *Educação Artística*. Diário de Notícias. Rio de Janeiro, 2 jan. 1931, Página de Educação.

_____. *A Preocupação Educacional do Momento*. Diário de Notícias. Rio de Janeiro, 15 jan. 1931, Página de Educação.

_____. *Um Professor de Entusiasmo*. Diário de Notícias. Rio de Janeiro, 30 jan. 1931, Página de Educação.

_____. *A Passagem dos Ideais*. Diário de Notícias. Rio de Janeiro, 31 jan. 1931, Página de Educação.

MEIRELES, Cecília. *Um Pedido nas Vésperas do Carnaval*. Diário de Notícias. Rio de Janeiro, 12 fev. 1931, Página de Educação.

_____. *A Educação como Fundamento das Revoluções*. Diário de Notícias. Rio de Janeiro, 11 mar. 1931, Página de Educação.
MEIRELES, Cecília. *O Exemplo do México*. Diário de Notícias. Rio de Janeiro, 15 mar. 1931, Página de Educação.

_____. *O Exemplo dos Estudantes Espanhóis*. Diário de Notícias. Rio de Janeiro, 16 abril 1931, Página de Educação.

_____. *Um Caso Doloroso*. Diário de Notícias. Rio de Janeiro, 24 abril 1931, Página de Educação.

_____. *As Crianças e a Religião*. Diário de Notícias. Rio de Janeiro, 5 maio 1931, Página de Educação.

_____. *Censura e Educação*. Diário de Notícias. Rio de Janeiro, 6 jun. 1931, Página de Educação.

_____. *O Ambiente Infantil*. Diário de Notícias. Rio de Janeiro, 24 jun. 1931, Página de Educação.

_____. *Noção de Humanidade*. Diário de Notícias. Rio de Janeiro, 13 ago. 1931, Página de Educação.

_____. *O Hino Nacional*. Diário de Notícias. Rio de Janeiro, 12 set. 1931, Página de Educação.

_____. *O Caminho Certo*. Diário de Notícias. Rio de Janeiro, 27 set. 1931, Página de Educação.

_____. *Diante de um Destino*. Diário de Notícias. Rio de Janeiro, 1 out. 1931, Página de Educação.

_____. *Coisas de Máquinas*. Diário de Notícias. Rio de Janeiro, 27 out. 1931, Página de Educação.

_____. *Cinema Deseducativo*. Diário de Notícias. Rio de Janeiro, 31 out. 1931, Página de Educação.

_____. *Uma Questão de Atitude*. Diário de Notícias. Rio de Janeiro, 10 nov. 1931, Página de Educação.

_____. *Uma Pergunta*. Diário de Notícias. Rio de Janeiro, 13 nov. 1931, Página de Educação.

_____. *O Fundo Escolar*. Diário de Notícias. Rio de Janeiro, 15 nov. 1931, Página de Educação.

MEIRELES, Cecília. *Coisas Complicadas*. Diário de Notícias. Rio de Janeiro, 17 nov. 1931, Página de Educação.

_____. *Uma Aposta*. Diário de Notícias. Rio de Janeiro, 2 dez. 1931, Página de Educação.

_____. *A Diretoria de Instrução*. Diário de Notícias. Rio de Janeiro, 5 dez. 1931, Página de Educação.

_____. *Educação*. Diário de Notícias. Rio de Janeiro, 6 dez. 1931, Página de Educação.

_____. *A 4ª Conferência*. Diário de Notícias. Rio de Janeiro, 15 dez. 1931, Página de Educação.

_____. *O Primeiro Dia de Aula*. Diário de Notícias. Rio de Janeiro, 26 dez. 1931, Página de Educação.

_____. *A Minha Aposta...* Diário de Notícias. Rio de Janeiro, 29 dez. 1931, Página de Educação.

_____. *Desarmamento*. Diário de Notícias. Rio de Janeiro, 13 jan. 1932, Página de Educação.

_____. *Fraternidade*. Diário de Notícias. Rio de Janeiro, 23 jan. 1932, Página de Educação.

_____. *Educação Artística*. Diário de Notícias. Rio de Janeiro, 29 jan. 1932, Página de Educação.

_____. *Um Decreto do Dr. Pedo Ernesto*. Diário de Notícias. Rio de Janeiro, 30 jan. 1932, Página de Educação.

_____. *As Crianças Abandonadas*. Diário de Notícias. Rio de Janeiro, 4 fev. 1932, Página de Educação.

_____. *O Recurso Extremo*. Diário de Notícias. Rio de Janeiro, 12 fev. 1932, Página de Educação.

_____. *Vamos Brincar de Rei?* Diário de Notícias. Rio de Janeiro, 13 fev. 1932, Página de Educação.

_____. *Uma Palavra Oportuna*. Diário de Notícias. Rio de Janeiro, 14 fev. 1932, Página de Educação.

_____. *Asas de Borboletas*. Diário de Notícias. Rio de Janeiro, 16 fev. 1932, Página de Educação.

_____. *O Músico Cego*. Diário de Notícias. Rio de Janeiro, 18 fev. 1932, Página de Educação.

_____. *Cooperação*. Diário de Notícias. Rio de Janeiro, 24 fev. 1932, Página de Educação.

MEIRELES, Cecília. *A Escola da Paciência*. Diário de Notícias. Rio de Janeiro, 4 mar. 1932, Página de Educação.

_____. *A Tristeza de Ser Criança*. Diário de Notícias. Rio de Janeiro, 5 mar. 1932, Página de Educação.

_____. *Orpheons Escolares*. Diário de Notícias. Rio de Janeiro, 8 mar. 1932, Página de Educação.

_____. *O Dia de "Engolir a Cápsula"*. Diário de Notícias. Rio de Janeiro, 11 mar. 1932, Página de Educação.

_____. *Um Caso Curioso*. Diário de Notícias. Rio de Janeiro, 15 mar. 1932, Página de Educação.

_____. *O Valor dos Manifestos*. Diário de Notícias. Rio de Janeiro, 19 mar. 1932, Página de Educação.

_____. *Goethe*. Diário de Notícias. Rio de Janeiro, 25 mar. 1932, Página de Educação.

_____. *O Pensamento Educacional*. Diário de Notícias. Rio de Janeiro, 29 mar. 1932, Página de Educação.

_____. *Finalidade*. Diário de Notícias. Rio de Janeiro, 30 mar. 1932, Página de Educação.

_____. *O Caso da Escola Epitácio Pessoa*. Diário de Notícias. Rio de Janeiro, 2 abril 1932, Página de Educação.

_____. *Imprensa e Educação*. Diário de Notícias. Rio de Janeiro, 3 abril 1932, Página de Educação.

_____. *Sede de Escândalo*. Diário de Notícias. Rio de Janeiro, 7 abril 1932, Página de Educação.

_____. *A Pena de Aço*. Diário de Notícias. Rio de Janeiro, 12 abril 1932, Página de Educação.

_____. *Sobre um Discurso de Alfonso Reyes*. Diário de Notícias. Rio de Janeiro, 16 abril 1932, Página de Educação.

_____. *Um Pouco de Panait Istrati*. Diário de Notícias. Rio de Janeiro, 20 abril 1932, Página de Educação.

_____. *Tiradentes...* Diário de Notícias. Rio de Janeiro, 21 abril 1932, Página de Educação.

_____. *O Destino das Esperanças*. Diário de Notícias. Rio de Janeiro, 1 maio 1932, Página de Educação.

_____. *Atenea Política*. Diário de Notícias. Rio de Janeiro, 3 maio 1932, Página de Educação.

MEIRELES, Cecília. *Para Alfonso Reyes*. Diário de Notícias. Rio de Janeiro, 4 maio 1932, Página de Educação.

_____. *As Razões do Lobo*. Diário de Notícias. Rio de Janeiro, 12 maio 1932, Página de Educação.

_____. *13 de maio*. Diário de Notícias. Rio de Janeiro, 13 maio 1932, Página de Educação.

_____. *O Gosto da Responsabilidade*. Diário de Notícias. Rio de Janeiro, 31 maio 1932, Página de Educação.

_____. *A Nova Educação*. Diário de Notícias. Rio de Janeiro, 4 jun. 1932, Página de Educação.

_____. *Um por Todos e Todos por Um*. Diário de Notícias. Rio de Janeiro, 7 jun. 1932, Página de Educação.

_____. *Nitidez de Intuitos*. Diário de Notícias. Rio de Janeiro, 9 jun. 1932, Página de Educação.

_____. *Aniversário*. Diário de Notícias. Rio de Janeiro, 12 jun. 1932, Página de Educação.

_____. *Sobre a Nova Educação*. Diário de Notícias. Rio de Janeiro, 17 jun. 1932, Página de Educação.

_____. *Klim*. Diário de Notícias. Rio de Janeiro, 22 jun. 1932, Página de Educação.

_____. *Atitude*. Diário de Notícias. Rio de Janeiro, 24 jun. 1932, Página de Educação.

_____. *Vida Prática*. Diário de Notícias. Rio de Janeiro, 6 jul. 1932, Página de Educação.

_____. *O Crime de Ser Poeta...* Diário de Notícias. Rio de Janeiro, 15 jul. 1932, Página de Educação.

_____. *Brasil...* Diário de Notícias. Rio de Janeiro, 27 jul. 1932, Página de Educação.

_____. *História do Livro; do Colégio, do Navio e da Moça...* Diário de Notícias. Rio de Janeiro, 28 jul. 1932, Página de Educação.

_____. *À Hora do Fogo*. Diário de Notícias. Rio de Janeiro, 29 jul. 1932, Página de Educação.

_____. *Folk-Lore e Educação*. Diário de Notícias. Rio de Janeiro, 30 jul. 1932, Página de Educação.

_____. *Progresso...Cativeiro...* Diário de Notícias. Rio de Janeiro, 2 ago. 1932, Página de Educação.

MEIRELES, Cecília. *O Autor do Bem*. Diário de Notícias. Rio de Janeiro, 4 ago. 1932, Página de Educação.

_____. *Combate ao Sensacionalismo*. Diário de Notícias. Rio de Janeiro, 14 ago. 1932, Página de Educação.

_____. *Ternura Chinesa*. Diário de Notícias. Rio de Janeiro, 16 ago. 1932, Página de Educação.

_____. *Sensacionalismo e Educação*. Diário de Notícias. Rio de Janeiro, 18 ago. 1932, Página de Educação.

_____. *Um Caso Muito Triste*. Diário de Notícias. Rio de Janeiro, 21 ago. 1932, Página de Educação.

_____. *A Dificuldade de Ser Professor*. Diário de Notícias. Rio de Janeiro, 23 ago. 1932, Página de Educação.

_____. *À Margem de Uma Conferência*. Diário de Notícias. Rio de Janeiro, 26 ago. 1932, Página de Educação.

_____. *Um Símbolo*. Diário de Notícias. Rio de Janeiro, 28 ago. 1932, Página de Educação.

_____. *Instruir e Educar*. Diário de Notícias. Rio de Janeiro, 2 set. 1932, Página de Educação.

_____. *Uma Esperança de Educação*. Diário de Notícias. Rio de Janeiro, 15 set. 1932, Página de Educação.

_____. *O Caminho Certo*. Diário de Notícias. Rio de Janeiro, 27 set. 1932, Página de Educação.

_____. *Vida e Educação*. Diário de Notícias. Rio de Janeiro, 30 set. 1932, Página de Educação.

_____. *O Sonho da Educação*. Diário de Notícias. Rio de Janeiro, 4 out. 1932, Página de Educação.

_____. *Esse Glorioso México*. Diário de Notícias. Rio de Janeiro, 6 out. 1932, Página de Educação.

_____. *Vida*. Diário de Notícias. Rio de Janeiro, 9 out. 1932, Página de Educação.

_____. *Abrigo de Proteção aos Animais*. Diário de Notícias. Rio de Janeiro, 20 out. 1932, Página de Educação.

_____. *A Propósito de Chopin*. Diário de Notícias. Rio de Janeiro, 22 out. 1932, Página de Educação.

_____. *Equilíbrio*. Diário de Notícias. Rio de Janeiro, 30 out. 1932, Página de Educação.

MEIRELES, Cecília. *Os Químicos e a Paz*. Diário de Notícias. Rio de Janeiro, 8 nov. 1932, Página de Educação.

_____. *Idealismo*. Diário de Notícias. Rio de Janeiro, 18 nov. 1932, Página de Educação.

_____. *Desigualdade*. Diário de Notícias. Rio de Janeiro, 22 nov. 1932, Página de Educação.

_____. *Arte e Educação*. Diário de Notícias. Rio de Janeiro, 23 nov. 1932, Página de Educação.

_____. *Justeza*. Diário de Notícias. Rio de Janeiro, 25 nov. 1932, Página de Educação.

_____. *Compreensão*. Diário de Notícias. Rio de Janeiro, 26 nov. 1932, Página de Educação.

_____. *Um Critério de Educação Física*. Diário de Notícias. Rio de Janeiro, 6 dez. 1932, Página de Educação.

_____. *Uma Atitude e o seu Reflexo*. Diário de Notícias. Rio de Janeiro, 7 dez. 1932, Página de Educação.

_____. *Meninos e Homens*. Diário de Notícias. Rio de Janeiro, 9 dez. 1932, Página de Educação.

_____. *Deformação Profissional*. Diário de Notícias. Rio de Janeiro, 11 dez. 1932, Página de Educação.

_____. *A Extensão das Pátrias*. Diário de Notícias. Rio de Janeiro, 14 dez. 1932, Página de Educação.

_____. *Árvore de Natal*. Diário de Notícias. Rio de Janeiro, 25 dez. 1932, Página de Educação.

_____. *O Governo e a Educação*. Diário de Notícias. Rio de Janeiro, 27 dez. 1932, Página de Educação.

_____ . *Poesia e Educação*. Diário de Notícias. Rio de Janeiro, 11 jan. 1933, Página de Educação.

_____ . *Problemas da Literatura Infantil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

_____. *Poesia Completa*. Volume único. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1993.

_____. *Crônicas de Educação*. Apresentação e Planejamento Editorial de Leodegário A. de Azevedo Filho. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: Fundação Biblioteca Nacional, 2001.

MEYER, Marlyse. *Voláteis e Versáteis. De variedades e folhetins se fez a chronica*. In: CANDIDO, Antonio et. al. A Crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil. Campinas, SP: Ed. da UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992, p. 93-133.

MICELI, Sergio. *Intelectuais à Brasileira*. SP: Companhia das Letras, 2001.

MIGNOT, Ana Chrystina Venancio. Antes da Despedida: Editando Um Debate. In: NEVES, Margarida de Souza; LÔBO, Yolanda Lima; MIGNOT, Ana Chrystina V. (Org.). Cecília Meireles: *A Poética da Educação.* Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio/ Loyola, 2001, p. 149-171.

MOISÉS, Massaud. *Dicionário de Termos Literários*. S.P.: Ed. Cultrix, 1978.

_____. *A Criação Literária: Prosa*. São Paulo: Ed. Cultrix, 1987, p. 245-258.

MONARCHA, Carlos. *Brasil Arcaico, Escola Nova: Ciência, Técnica & Utopia nos anos 1920-1930*. São Paulo: Ed. UNESP, 2009.

MONTEZ, Luiz B. O Investigador Ilustrado. *Revista Entrelivros, EntreClássicos Goethe*, São Paulo, n. 5, p. 6-15, 2006.

MORAES, José Damiro de. *Signatárias do Manifesto de 1932:* Trajetórias e Dilemas. 2007. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

MORAES, José Damiro de. Trajetória das Signatárias do Manifesto dos Pioneiros: visões do escolanovismo nos anos 1930. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 5., 2008, Aracaju. *Anais...* Aracaju: [s. n.], 2008. v. 1.

NEVES, Margarida de Souza. Viajando o sertão: Luís da Câmara Cascudo e o solo da tradição. In: CHALHOUB, Sidney; NEVES, Margarida de S.; PEREIRA, Leonardo Affonso de M. (Org.). *História em cousas miúdas: capítulos de história social da crônica no Brasil.* Campinas, SP: Ed. da UNICAMP, 2005, p. 237-262.

NUNES, Clarice. Um Manifesto e seus Múltilplos Sentidos. In: MAGALDI, Ana Maria; GONDRA, José G. A. *Reorganização do Campo Educacional no Brasil*: Manifestações, Manifestos e Manifestantes. Rio de Janeiro: 7Letras, 2003, p. 45-64.

OLIVEIRA, Gisele P. de. O Olhar Ceciliano sobre o Feminino Oriental: Um Breve Estudo de 'Poemas Escritos na Índia'. In: SEMINÁRIO NACIONAL MULHER E LITERATURA/ V SEMINÁRIO INTERNACIONAL MULHER E LITERATURA, 14., 2011, Brasília. *Anais...* Brasília: [s. n.], 2011.

OLIVEIRA, Lucia Lippi. As Raízes da Ordem: os intelectuais, a cultura e o Estado. In: *A Revolução de 30: seminário internacional realizado pelo Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea da Fundação Getúlio Vargas*. Brasília, DF: Ed. da Universidade de Brasília, 1982. p. 505-526.

O CRUZEIRO. *Arquivos Implacáveis*. 31 dez. de 1955, p. 29.

PAULILO, André Luiz. *Reforma Educacional e Sistema Público de Ensino no Distrito Federal na Década de 1920:* tensões, cesuras e conflitos em torno da educação popular. 2001. Dissertação (Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

PESAVENTO, Sandra. Na Contramão da Vida: de Onde a Imprensa Faz, da História, um Folhetim. In: LUSTOSA, Isabel (Org.). *Imprensa, História e Literatura*. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, 2008, p. 367-395.

PIMENTA, Jussara Santos. *Fora do Outono Certo nem as Aspirações Amadurecem:* Cecília Meireles e a Criação da Biblioteca Infantil do Pavilhão Mourisco. 2001. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 2001.

PIMENTA, Jussara Santos. *As Duas Margens do Atlântico: Um Projeto de Integração Entre Dois Povos na Viagem de Cecília Meireles a Portugal (1934)*. 2008. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

_____. *Como Fiéis Pombos-Correios: nos diálogos epistolares o espírito pedagógico da poeta do Brasil*. In: PIMENTA, Jussara S. et al. (Org.). Diálogos Sem Fronteiras: Educação, História e Interculturalidade. Curitiba, PR: CRV, 2012, p. 281-315.

RAFAEL, Mara Cecília; LARA, Ângela Mara de B. A Proposta de Lourenço Filho para a Educação de Crianças de 0 A 6 anos. *Revista HISTEDBR On-line*, Campinas, n. 44, p. 229-247, dez. 2011.

RIO DE JANEIRO. Decreto nº 3757, de 30 de janeiro de 1932. Expedido pelo então Prefeito Pedro Ernesto Batista que organiza o fundo escolar do Distrito Federal e regula a sua aplicação e administração. *Diário Oficial*, Rio de Janeiro, 30 jan. 1932. Disponível em: Fundação Getúlio Vargas/CPDOC - Arquivo Anísio Teixeira - ATj61. Biblioteca Virtual Anísio Teixeira http://www.bvanisioteixeira.ufba.br/eng/legislacao.html.

RIO, João do. *Tragédia Falha*. O Paiz. Rio de Janeiro, 2 dez. 1916.

_____. *Melhores Crônicas João do Rio*. Seleção e Prefácio de Edmundo Bouças e Fred Góes. São Paulo: Global, 2009.

_____. *O Momento Literário*. Fundação Biblioteca Nacional. Departamento Nacional do Livro. s. d., p. 2. Disponível em: <http://objdigital.bn.br/Acervo_Digital/Livros_eletronicos /momento_literario.pdf>.

_____. *Cinematógrafo:* Crônicas Cariocas. Rio de Janeiro: ABL, 2009 (Coleção Afrânio Peixoto; v. 87).

_____. *A Era do Automóvel*. In: _____. *Cinematógrafo:* Crônicas Cariocas. Rio de Janeiro: ABL, 2009 (Coleção Afrânio Peixoto; v. 87)

_____. *A Pressa de Acabar*. In: _____. *Cinematógrafo:* Crônicas Cariocas. Rio de Janeiro: ABL, 2009, (Coleção Afrânio Peixoto; v. 87)

ROBERTO, Jodar. *Cecília Meireles e as Concepções sobre Educação nas Páginas da Educação de 1931 a 1932*. 2013. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores, São Gonçalo, 2013.

RIO, João do. *O Momento Literário*. Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bn000134.pdf

SÁ, Jorge de. *A Crônica*. São Paulo: Ed. Ática, 2008.

SANTANA, João Rodrigo A. *A Modernização do Rio de Janeiro nas Crônicas de Olavo Bilac (1890-1908).* 2013. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.

SAVIANI, Dermeval. *Escola e Democracia*. São Paulo: Ed. Cortez: Autores Associados, 1983.

SENA, Yara Máximo de. *Uma Releitura do Relatório do Inquérito "Leituras Infantis" de Cecília Meireles.* 2010. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.

SILVA, Márcia Cabral da. *Uma História da Formação do Leitor no Brasil*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2009.

_____. Leitura e Educação para Meninas e Moças: a orientação católica e literária de Alceu Amoroso Lima. In: SILVA, Márcia Cabral da. *Leitura, Pesquisa e Ensino*. RJ: Eduerj, 2013, p. 123-142.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. 4. Ed. atual. RJ: Mauad, 1999.

STRANG, Bernadete de Lourdes S. *Sob o Signo da Reconstrução – Os Ideais da Escola Nova Divulgados pelas Crônicas de Educação de Cecília Meireles.* 2003. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2003.

_____. Intelectuais na Imprensa: Contrastes, ideologias e significações nas Crônicas de Educação de Cecília Meireles. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 9., 2006, Goiânia. *A Educação e seus Sujeitos na História*. Goiânia: Ed. da UCG, Ed. Vieira, 2006, p. 329-330. v. 1.

STRANG, Bernadete de Lourdes S.; SIMÃO, Giovana Terezinha. A Educação Estética nas Crônicas de Educação de Cecília Meireles: A História do Ensino Artístico Brasileiro Entre a Tradição Acadêmica e a Invenção Modernista. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 11., 2011, Vitória. *Anais...* Vitória: [s. n.], 2011.

_____. Cecília Meireles no Diário de Notícias: Entre as Políticas Educacionais, o Discurso Pedagógico e a Autobiografia Intelectual. In: CONGRESSO LUSO-BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 9., 2012, Lisboa. *Anais...* Lisboa: [s. n.], 2012.

SÜSSEKIND, Flora. *Cinematógrafo de Letras:* Literatura, Técnica e Modernização no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

VASQUES, Andrea Milán. A Didatização do Moderno em Obras Educativas de Literatura Infanto-Juvenil dos Anos 1930 e 1940 no Brasil: A Contribuição de Érico Veríssimo e Cecília Meireles. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 5., 2008, Aracaju. *Anais...* Aracaju: [s. n.], 2008.

VELLOSO, Monica Pimenta. Percepções do Moderno: As Revistas do Rio de Janeiro. In: NEVES, Lúcia Maria B. P.; MOREL, Marco; FERREIRA, Tania Maria B. da C. (Org.). *História e Imprensa*: Representações Culturais e Práticas de Poder. Rio de Janeiro: DP&A: Faperj, 2006, p. 312-331.

_____. Sensibilidades Modernas: As Revistas Literárias e de Humor no Rio da Primeira República. In: LUSTOSA, Isabel (Org.). *Imprensa, História e Literatura*. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, 2008, p. 211-230.

VIDAL, Diana G.; PAULILO, André Luiz. Projetos e estratégias de implementação da Escola Nova na capital do Brasil (1922-1935). In: MAGALDI, Ana M.; ALVES, Claudia; GONDRA, José G. (Org.). *Educação no Brasil: História, Cultura e Política*. Bragança Paulista: EDUSF, 2003, p. 375-398.

VIDAL, Diana Gonçalves. Escola Nova e Processo Educativo. In: LOPES, Eliane Marta T.; FARIA FILHO, Luciano M. de; VEIGA, Cynthia G. (Org.) *500 Anos de Educação no Brasil*. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2010, p. 497-517.

_____. 80 Anos do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova: questões para debate. *Educ. Pesquisa, São Paulo*, v. 39, n. 3, p. 577-588, jul./set. 2013.

VIEIRA, Carlos Eduardo. *Jornal diário como fonte e como tema para a pesquisa em História da Educação: um estudo da relação entre imprensa, intelectuais e modernidade nos anos de 1920*. In: OLIVEIRA, Marcus Aurélio Taborda de (Org.). Cinco estudos em História e Historiografia da Educação. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2007, p. 11-40.

VIEIRA, Sofia L. *Frota Pessoa*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco; Editora Massangana, 2010. (Coleção Educadores).

APÊNDICE – *Corpus* formado por crônicas e autores e obras citados (1930-1933)

DATA	TÍTULO	AUTOR	OBRA
18/6/1930	As Férias de Junho	Guerra Junqueiro	Poemas
25/6/1930	O Ambiente Escolar	Rabindranath Tagore	*Memórias*
28/6/1930	Literatura Infantil	Selma Lagerlöf	*A Viagem de Nils Holgerson*
2/7/1930	Artigo Leituras Educativas	Man Cesped	*Sol e Horizontes*
2/8/1930	Um Livro Símbolo	Maria Dupont	*A Higiene da Professora*
20/8/1930	A Alma do Adolescente	Eduardo Spranger	Livro sobre a alma do adolescente
10/9/1930	Conto de Gorki	Edgar Sussekind de Mendonça – Tradução	Tradução do espetáculo
20/9/1930	Rabindranath Tagore	Notícia – Escritora Sueca Fia Ohman Visita o Autor	*Gitanjali*
3/10/1930	Resenha de Cecília Meireles	Prof. Sud Menucci	*A Crise Brasileira de Educação*
9/10/1930	A Vida que Não Está Sendo Vivida	W. Samiah	Periódico Indiano Rural India
23/10/1930	Resenha	Selma Lagerlöf	A Viagem Maravilhosa de Nils Holgersson
26/11/1930	O Espírito Poético da Educação	Tagore, Tolstoi, Selma Lägerloff, Gabriela Mistral	Educadores com Personalidade Artística já Célebres
27/11/1930	Anúncio da Seção Cultura	Cruz e Souza	Página que Cecília escreveu na Tese O Espírito Victorioso
16/12/1930	Premios Escolares	Bernard Shaw	Casamento Desigual
8/1/1931	C'est Le Deux!	Eça de Queiroz	A correspondência de Fradique Mendes
10/1/1931	Artigo A Arte Maravilhosa de Educar	Angelo Guido	Página do livro *Asuramaya*
23/1/1931	O Prestígio Materno	Sherwood Anderson e Panait Istrati	*Dark Laughter* e *The Teller's Story*
31/1/1931	A Passagem dos Ideais	Nietzche	
13/2/1931	Um Compromisso da Revolução	Frota Pessoa	*A Realidade Brasileira*
19/2/1931	Um Poeta que Ama as Crianças	Gaston Figueira e Rabindranath Tagore	Las Baladas e Para Los Ninos de America
idem	Coluna Cultura – A Beleza na Arte	Goethe, Schiller, Kant	
20/2/1931	Variações Sobre Três Versos	Um Poeta Argentino (nome não citado)	
6/3/1931	Uma Recordação da	Alfonso Reyes	El Testimonio de Juan

	Juventude		Pena
11/3/1931	A Educação como Fundamento das Revoluções	Panait Istrati	Lembra-se dele ao ler uma carta
22/3/1931	Uma Fábula de La Fontaine	La Fontaine e Rousseau	O Carvalho e a Cana e *Emílio* (alusão às fábulas)
25/3/1931	Uma Tragédia, Como Outras...	Emil Jannings	*Anjo Azul*
1/4/1931	A Infância e os Preconceitos	Panait Istrati	*Mijail*
2/4/1931	À Margem de um Livro de Victor Hugo	Victor Hugo	Anotações de um leitor
15/4/1931	O Dia Pan-Americano	Gabriela Mistral	Humanidade
21/4/1931	Constancio C. Vigil	Constancio C. Vigil	Livros infantis
12/5/1931	Um Concurso de Literatura na China...	Li Tai Po	Glorificado tardiamente
16/5/1931	Um Livro Lindo	Pedro Juan Vignale	*Canciones para los ninos Olvidados*
22/5/1931	Os Livros de Constancio Vigil	Constancio Vigil	Livros para crianças, utilizados em todos os graus das escolas argentinas
28/5/1931	Cultive ta Statue	R. Odic-Kintzel	*Cultive ta Statue* e *Les Corps Harmonieux*
31/5/1931	Para as Crianças da América	Gastón Figueira	Para as Crianças da América
5/6/1931	El Espiritu Universitario	Não há nome de autor	(Trecho do título do livro apagado) – Coleção (...) Nueva Generación
9/6/1931	Um Artigo de Uma Revista		Escuela Ativa, do Uruguai (muito apagada)
12/6/1931	Uma Página de Remarque	Erich Maria Remarque	Depois – trecho do seu texto
17/6/1931	Os Olhos Observadores da Infância	Stefan Zweig	Erstes Erlebnis (Primeiras Experiências)
20/6/1931	Direito à Vida	Steimberg	Venceste, Monatkof!
23/6/1931	O Convite para a Vida	Rabindranath Tagore	O Carteiro Del-Rei
26/6/1931	Livros para a Criança	Constancio C. Vigil	Trechos de livros
7/7/1931	Os Poetas e a Infância	Pierre Benoit	Conferência Ce que j'ai vu au Pacifique
10/7/1931	O Homem que Salvou o Brasil	Paulo Magalhães	Peça teatral
19/7/1931	O Que Todos Sabem Menos Um...	Artigo de Lorenzo Luzuriaga	Revista de Pedagogia de Madri
23/7/1931	Duas Páginas de	Ildefonso Pereda	Duas poesias – La

	Ildefonso Pereda Valdés	Valdés	Ronda Catonga e Canción de Cuna para Dormir a un Negrito
1/8/1931	Biblioteca Pedagógica Brasileira	Dhan Gopal Mukerji	My Brother's Face, Cast and Outcast, The Face of Silence etc., Hindu Fables
2/8/1931	Literatura Infantil	Perrault	Contos
12/8/1931	A Velhice dos Livros e das Ideias	Julio Verne	
18/8/1931	Discurso por Virgílio	Alfonso Reyes	Discurso por Virgílio
19/8/1931	Discurso por Virgílio	Alfonso Reyes	Discurso por Virgílio
23/8/1931	Quatro Homens	Emil Ludwig	Biografia de Miguel Angelo
15/9/1931	Um Poeta e Uma Criança	Sully Prudhomme	
1/10/1931	Diante de um Destino	Emil Ludwig	Sobre Napoleão
17/10/1931	Fábula	O pássaro e a Raposa	
31/10/1931	Resenha de Cecília Meireles	José Ingenieros	Livro Las Fuerzas Morales
20/11/1931	Uma Criança Japonesa	Lafcadio Hearn	
24/11/1931	Lobagola	Autobiografia de um selvagem do Dahomey	
25/11/1931	Uma Fábula	Uma fábula oriental	
28/11/1931	O Fim da Fábula	Cecília dá um fim à fábula do dia 25/11	
26/12/1931	Primeiro Dia de Aula	Lafcadio Hearn	Composições de alunos sobre o primeiro dia na escola
27/12/1931	O Primeiro Dia de Aula	Lafcadio Hearn	Composições de alunos de fim do século XIX
31/12/1931	O Primeiro Dia de Aula	Lafcadio Hearn	Mais três composições de alunos recordando a infância
8/1/1932	A Canção do Cárcere	Oscar Wilde	De Profundis – carta escrita ao amigo
12/1/1932	Cegueira	Maeterlinck	*Les Aveugles*
17/1/1932	Kerschensteiner	Falecimento de Kerschensteiner	Professor e Escritor
19/1/1932	Pulgarcito		Revista de arte infantil do México
20/1/1932	O Céu e os Anjos...	Sigrid Unset	Romance *Primavera*
23/1/1932	Fraternidade	Alfonso Reyes	Exposição mexicana
29/1/1932	Educação Artística	Kahlil Gibran	*O Profeta*
3/2/1932	A Desilusão da Mocidade	Remarque	Personagens dialogando sobre guerra
14/2/1932	Uma Palavra Oportuna	Claparède	*Psicologia da Criança*
17/2/1932	Bina Das	Rabindranath Tagore e Gandhi	
20/2/1932	Excesso de Severidade		História hindu contada

			pelo Califa Harun Al-Rachid
26/2/1932	Dois Poemas Chineses	Poetas Tu-Fu e Wang Tchong	A Partida dos Guerreiros e Escudos e Lanças, respectivamente
4/3/1932	A Escola da Paciência	Saadi, poeta persa, o velho sonhador de Chiraz	
16/3/1932	Artigo de Cecília Meireles	Ildefonso Pereda Valdés, poeta	
17/3/1932	Por Que Não Se Lê	Machado de Assis	Crônica em A Semana, 1895
22/3/1932	Goethe	Centenário da morte de Goethe	
23/3/1932	Goethe		
24/3/1932	Goethe		
25/3/1932	Goethe		
27/3/1932	Goethe		
13/4/1932	Felicidade	Wang Wei, poeta chinês	*Felicidade*
14/4/1932	Em Torno de Uma Lenda		Lenda indígena brasileira, versão do paraíso
15/4/1932	Goethe e as Meninas do Liceu...	Goethe	
16/4/1932	Sobre um Discurso de Alfonso Reyes	Alfonso Reyes	
20/4/1932	Um Pouco de Panait Istrati	Panait Istrati	Livro em que fala da sua infância
23/4/1932	Em Louvor de Quijano	Cervantes	*Don Quixote*
26/4/1932	Livros para Crianças	Humberto Zarrilli e Roberto Abadie Soriano (uruguaios)	Livro Poesia, citado nos Anales de Instrucción Primaria de Montevideo
3/5/1932	Atenea Política	Alfonso Reyes	Conferência a ser realizada
4/5/1932	Para Alfonso Reyes	Alfonso Reyes	
6/5/1932	Artigo de Cecília	Francisco Campos	*Ciclo de Helena*
7/5/1932	Maternidade	Sarah Bollo, poetisa uruguaia	*Los Nocturnos del Fuego*
8/5/1932	Hoje, Que Os Órfãos Recordarão Sua Mãe...	Frantisek Bakulé, educador tcheco, pedagogo do movimento Educação Nova	
10/5/1932	Favorecendo a Criança Brasileira	Dra. Irene Drummond	*Cartilha da Maternidade*
12/5/1932	As Razões do Lobo	O lobo de La Fontaine	
3/6/1932	A Infância que Sofre	Panait Istrati	Sua obra como um todo

			e trecho de *Mes Départs*
10/6/1932	Camões	Camões	O transitório e o infinito, o sonho preservando a vida
14/6/1932	La Escuela en La Republica	Marcelino Domingo, ministro da Espanha	*La Escuela en La Republica*
21/6/1932	Beleza		Prece matinal dos Peles Vermelhas
22/6/1932	Klim	Maximo Gorki	Klim – personagem de Gorki
23/6/1932	Aleph, Ba, Ta...		Certa história árabe
29/6/1932	Cartas de Estudantes Mortos na Guerra	Paul Desjardins	Compiladas em livro
30/6/1932	Cartas de Estudantes Alemães Mortos na Guerra II		
1/7/1932	Cartas de Estudantes Alemães Mortos na Guerra III		
2/7/1932	Cartas de Estudantes Alemães Mortos na Guerra IV		
3/7/1932	Cartas de Estudantes Alemães Mortos na Guerra V		
5/7/1932	Cartas de Estudantes Alemães Mortos na Guerra (conclusão)		
6/7/1932	Vida Prática	Costis Palamas	*As Doze Palavras do Tzigano*
7/7/1932	Veinemoinem		*Kalevala*, epopeia nacional da Finlândia – Veinemoinem – um dos heróis desse texto
13/7/1932	Grandes Considerações Sobre um Pequeno Motivo...	Saadi	Bustan
26/7/1932	Santos Dumont	Jules Supervielle	Um poema sem título
29/7/1932	À Hora do Fogo	Alfonso Reyes	
30/7/1932	Folk-Lore e Educação	Gabriela Mistral	Valor da poesia e do folclore em educação
2/8/1932	Progresso... Cativeiro...	Lucie Delarue-Mardrus	Le Far-West D'Aujourd'hui
6/8/1932	Mussolini e a Paz	revista de educação Pour L'ére Nouvelle	Número dedicado à paz – Gandhi
12/8/1932	Rodin e Rilke		Correspondência entre Rodin e Rilke
13/8/1932	Fraternidade	Ernesto Morales	Leyendas Guaranies

16/8/1932	Ternura Chinesa	Chang-Wu-Kien, poeta do séc. XIX	7 poemas pequenos. Comparado a Tagore, Lua Crescente
19/8/1932	Frigyes Karinthy	Novelista húngaro	Conto O Circo
26/8/1932	À Margem de Uma Conferência	Alfonso Reyes	Pequeno volume de sua conferência Arena Política
28/8/1932	Um Símbolo	Lafcadio Hearn	O espírito japonês de recomeço
31/8/1932	Tagore e a Educação	Leandre Vaillat	Escreveu livro sobre Rabindranath Tagore
1/9/1932	O Exemplo do Poeta	Laurindo Rabello	Falecimento de sua viúva
3/9/1932	As Cantigas de Embalar de Gabriela Mistral		Três canções de Gabriela Mistral
4/9/1932	Adoradores de Estátuas	Goethe	Sua personalidade lírica
6/9/1932	Goethe, mais uma vez		O sonho, convívio íntimo com o Universo
7/9/1932	Bacharelato	Frederico Mistral	Mes Origines, mémoires et récits
11/9/1932	A Criança Preguiçosa	Dr. Gilbert Robin	L'Enfant Sans Défault
23/9/1932	A Educação do Samurai	Prof. Inazo Nitobé	*Le Bushido*, L'Ame du Japon
25/9/1932	A Penitência da Fraternidade	Gandhi	Trechos de seus escritos na Young India
30/9/1932	Vida e Educação	Gorki	Minhas Universidades
4/10/1932	O Sonho da Educação	Remarque	Sua obra
5/10/1932	Juan Montalvo	Juan Montalvo, escritor equatoriano	Centenário de nascimento
15/10/1932	Um Poema de Costis Palamas	Costis Palamas, poeta grego	
18/10/1932	Romance del Camino de Mi Infancia	Luiz Cané	*Romancero de Ninas*
28/10/1932	O "Suplemento de Arte" da Enciclopedia de Educacion	Khalil Gibran	Órgão da Diretoria de Ensino do Uruguai
29/10/1932	Para Acabar com a Guerra	Remarque	Trecho de texto
5/11/1932	Preconceito	Gérard de Nerval, poeta francês do séc. XIX	
6/11/1932	Tolstoi	Aniversário da Revolução Russa e da morte de Tolstoi	Livro do filho sobre o pai
8/11/1932	Os Químicos e a Paz	Sully Prudhomme	Soneto
9/11/1932	Musset e Nós	Alfred de Musset	*La Confession d'un Enfant du Siécle*
10/11/1932	Musset e Nós	Musset apresenta Goethe e Byron	

11/11/1932	Musset e Nós	Musset relembra Chateaubriand	
12/11/1932	Fábulas	Professor uruguaio reabilita a cigarra cantadeira	
13/11/1932	O Homem Mais Forte	Ibsen, o homem mais forte era o homem mais só	
18/11/1932	Idealismo	Sócrates	Velho provérbio hindu
23/11/1932	Arte e Educação	Tolstoi	Arte, aproximação fraternal dos homens
27/11/1932	Flaubert e a Infância	Flaubert	Primeiras obras de Flaubert, em 2 volumes, escritos entre os 14 e 20 anos
30/11/1932	A Infância e a Sua Atmosfera	Chateaubriand	
1/12/1932	A Escola Chinesa	Dr. Kou-Hung-Ming	*O Espírito do Povo* Chinês
2/12/1932	Khariton Efrussi	Isaac Babel, judeu russo	Personagem de seu livro
3/12/1932	A Duração das Rosas	D. Luiz de Góngora y Argote	Soneto A una Rosa
9/12/1932	Meninos e Homens	Autor deixou como prefácio a sua autobiografia	Livro russo
14/12/1932	A Extensão das Pátrias	Alfonso Reyes	As últimas palavras do discurso de Santos Dumont
15/12/1932	Variações Sobre o Mesmo Tema...		Fábula da coruja e do gavião
17/12/1932	A Escola e a Obra da Paz	Julien Luchaire	*Le Desarmement Moral*
20/12/1932	Beleza	R. Odic-Kintzel	Prefácio do seu livro
21/12/1932	Andar	Rabindranath Tagore	O pequenino hindu enfermo
23/12/1932	O Que o Sr. Sud Menucci Fez e o Que Pretendia Fazer	Sud Menucci	O que fiz e pretendia fazer
1/1/1933	1º de janeiro	Vauvernagues	Trecho: homens gloriosos, servidores da vida
5/1/1933	Tiko	Consuelo Pani	*Tiko* – memórias de um cão de letras (fábula)
10/1/1933	El Libro y el Pueblo	Depto. de bibliotecas da Secretaria de Educação do México	Pequena revista de bibliografia e biblioteconomia
11/1/1933	Poesia e Educação	Arturo Cambours Ocampo	*Sur Atlantico*